



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

PATRÍCIA MORGADO MILTON PAULINO

**TUTORIAL EM VÍDEO: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS
PARA O 8º ANO.**

SALVADOR - BA

2020

PATRÍCIA MORGADO MILTON PAULINO

**TUTORIAL EM VÍDEO: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS
PARA O 8º ANO.**

Dissertação apresentada ao Curso Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, oferecido pela Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Neves Pereira.

SALVADOR - BA

2020

Catologação da Publicação na Fonte Universidade Federal da Bahia

ATA DE HOMOLOGA DA BANCA

A

Adriana Morgado, mãe dedicada, por seus ensinamentos e educação.

Diogo Morgado, filho amado, por ser a razão do meu viver.

Vitor Hugo, marido afetuoso, pelo carinho e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo a Deus por me conceder saúde e serenidade tão necessárias para a concretização desse sonho;

A minha **mãe** pelo carinho, atenção e dedicação em todas as etapas vivenciadas no curso. Grata por ser uma referência em minha vida;

Ao meu **filho**, por me inserir na cultura digital e compartilhar sua amizade.

Ao meu **marido**, pelas horas tomadas e compreensão.

As minhas **tias** pela verdadeira amizade e por sempre acreditarem em mim;

A meu orientador, prof. Dr. **Júlio Neves Pereira**, pela paciência e compreensão. Obrigada por não ter desistido de mim;

A minha amiga **Adriana Leal**, pelo companheirismo nessa intensa trajetória de pesquisa. Obrigada pela colaboração;

Aos **alunos do oitavo ano** que atuaram como colaboradores nesta pesquisa. Grata pela participação e dedicação nas atividades propostas;

A todos os **Professores do PROFLETRAS** pelas discussões importantíssimas que me fizeram crescer pessoal e profissionalmente;

A todos os **Colegas e amigos do PROFLETRAS** pelas experiências de vida compartilhadas;

À banca da qualificação e examinadora composta por **Dra. Daniele de Oliveira e Dra. Lícia Maria Freire Beltrão** pelas atentas e pontuais contribuições.

A educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito da sua própria destinação histórica.

(FREIRE, 1987, p.5)

RESUMO

O presente trabalho de natureza memorialística teve a finalidade de proporcionar aos alunos do 8º ano A, da Escola Municipal Laura Folly – Dias d'Ávila, Bahia, práticas de multiletramentos, sobretudo a partir dos letramentos digitais, realizadas na produção de um gênero multimodal. Os objetivos da pesquisa foram: (1) Conhecer as características que definem o gênero tutorial em vídeo a fim de verificar suas condições de produção e suas categorias textuais. (2) Produzir e aplicar atividades de leitura, escrita e oralidade para a elaboração do tutorial em vídeo em sala de aula. (3) Analisar criticamente as práticas de multiletramentos desenvolvidas e vivenciadas pelos educandos e a experiência da produção do gênero tutorial em vídeo em sala de aula, à luz das teorias basilares. Metodologicamente, a pesquisa qualitativa foi de cunho etnográfico. A seleção dos participantes da pesquisa se deu por conta da defasagem na leitura crítica, na produção textual e na oralidade. Foi utilizado instrumento de investigação: questionário e adotado os procedimentos: aplicação de questionário, roda de conversa e diário de campo. De acordo com os dados interpretados, pode-se traçar o perfil dos participantes da pesquisa: adolescentes; residentes próximos a unidade escolar; vinculam leitura e escrita como atividade escolar; pais/responsáveis leitores de obras religiosas, literárias, mídias de relacionamento; a produção de escrita está voltada mais para as redes sociais. As atividades de intervenção, focando as habilidades de leitura, escrita e oralidade no contexto escolar, foram organizadas com base na ideia de protótipo didático por meio do qual se trabalhou a produção do gênero digital tutorial em vídeo. Essa ação investigativa e de intervenção foi amparada nas contribuições teóricas da teoria de gênero do discurso (BAKHTIN, 1997; BAZERMAN, 2006); multiletramentos e multimodalidade (ROJO, 2009, 2012, 2013, 2015; COPE e KALANTZIS, 2013; DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM, 2016; LEMKE, 2010; SILVA e TINOCO, 2019; STREET, 2014). Estas teorias dão suporte a um ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como sendo uma prática social. Os resultados alcançados no desenvolvimento da pesquisa, de um lado, possibilitaram a descrição analítica do gênero tutorial em vídeo em que se observou a presença de diversas formas de linguagens, exigindo, por isso, tanto do produtor quanto do usuário, o tácito conhecimento da multimodalidade para a produção de sentido. No tocante ao processo de intervenção com o desenvolvimento do trabalho com tutorial em vídeo notou-se que as práticas de multiletramentos proporcionaram aos alunos um melhor aproveitamento da disciplina no que tange a leitura, escrita e oralidade mais engajada; também mudou o comportamento dos alunos na escola colocando-os na posição de protagonistas mais conscientes de sua existência como cidadãos. Além disso, proporcionou a estes jovens mais autonomia e responsabilidade social necessária no contato com textos multimidiáticos que circulam socialmente no ambiente em rede, permitindo a reflexão acerca da diversidade de informações dispostas na internet e as possibilidades de contribuição nesse ambiente, ampliando-o ainda mais quando envolvidos no processo de gravação, edição, postagem e outras ações que compuseram o letramento digital durante o estudo, planejamento, organização e produção dos tutoriais em vídeo.

Palavras-Chave: Multiletramentos. Multimodalidade. Letramentos Digitais. Tutorial em vídeo. Gênero digital.

ABSTRACT

The present paper of memorialistic nature had the purpose of providing students of the 8th grade A, from the Municipal School Laura Folly – Dias d'Ávila, Bahia, multiliteracy practices, especially from digital literacies, carried out in the production of a multimodal genre. The main goals of the paper were: (1) To know the characteristics that define the video tutorial genre in order to verify its ways of production and textual categories. (2) To do and apply reading, writing and speaking activities for the preparation of the video tutorial in the classroom. (3) To critically analyze the multiliteracy practices developed and experienced by the students and the experience in the making of the video tutorial genre in the classroom, considering the basic theories. Methodologically, the qualitative research was ethnographic by nature. The people chosen for the research were based on the lack of critical reading, written production and speaking abilities. Questionnaire was used in the research and the following procedures as well: questionnaire application, talking circles and field journal. According to the data collected, one can trace the profile of the research participants: teenagers; local residents who live near the school that link reading and writing as a school activity; parents/guardians readers of religious and literary works and social media; written production is more focused on social media too. The intervention activities, focusing on reading, writing and speaking skills in the school context, were organized based on the idea of didactic prototype which the production of the digital video tutorial genre was worked. This investigative and intervention action was based on the theoretical contributions of gender discourse theory (BAKHTIN, 1997; BAZERMAN, 2006); Multiliteracies and multimodality (ROJO, 2009, 2012, 2013, 2015; COPE and KALANTZIS, 2013; DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM, 2016; LEMKE, 2010; SILVA and TINOCO, 2019; STREET, 2014). These theories support a teaching-learning of the Portuguese language as a social practice. The results achieved in the development of the research, on one hand, allowed the analytical description of the video tutorial genre in which the presence of several forms of languages was observed, requiring both from the producer and the user, the tacit knowledge of multimodality for the production of meaning. As for the intervention process with the development of the work with video tutorial, it was noted that the multiliteracy practices provided the students with a better use of the subject in regards to reading, writing and more engaged speaking; it also changed the behavior of students at school by placing them in the position of protagonists more aware of their existence as citizens. In addition, it provided these young people with more autonomy and social responsibility necessary when dealing with multimedia texts that circulate socially in the digital environment, allowing reflection on the diversity of information available on the Internet and the possibilities of contribution in this environment, expanding it even further when involved in the process of recording, editing, posting and other actions that made up digital literacy during the study, planning, organization and production of video tutorials.

Keywords: Multiliteracies. Multimodality. Digital Literacies. Video tutorial. Digital gender

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Entrada da escola.....	33
Figura 2 – Sala de aula.....	34
Figura 3 – Pátio da escola.....	34
Figura 4 – Sala dos professores - biblioteca.....	34
Figura 5 – Quadra.....	34
Figura 6 - Logomarca do canal Brainstorming.....	56
Figura 7 - Logomarca do canal Mundo da Menina.....	56
Figura 8 - Logomarca do canal E Clairé.....	56
Figura 9 - Logomarca do canal Ingrid Barbosa.....	57
Figura 10 - Modelo de roteiro de um tutorial em vídeo.....	60
Figura 11 - Material do <i>slime</i> – cola branca.....	65
Figura 12 - Material do <i>slime</i> – água boricada.....	66
Figura 13 - Material do <i>slime</i> – tinta guache.....	66
Figura 14 - Tipografia em evidência.....	68
Figura 15 - Solicitação de <i>likes</i>	70
Figura 16 - Vinheta do canal Mundo da Menina.....	71
Figura 17 - Exemplo de comentários em um tutorial em vídeo.....	71
Figura 18 - Ingrediente da receita	71
Figura 19 – Material da confecção de <i>slime</i>	72
Figura 20 - Legendas com informações do Paracetamol	73
Figura 21 - Gestos da tutorialista 1.....	76
Figura 22 - Gestos da tutorialista 2.....	76
Figura 23 - Gestos da tutorialista 3.....	77
Figura 24 - Notícia no site do UOL	88
Figura 25 - Lista de Hardwares e Software.....	91
Figura 26 - Figurinha Inscreva-se.....	99
Figura 27 - Figurinha Ative as notificações.....	100
Figura 28 - Figurinha do <i>like</i>	100
Figura 29 - Zoom na cola.....	100

Figura 30 - Zoom na água boricada.....	100
Figura 31 – Zoom no material confeccionado.....	101
Figura 32 – Página do Facebook da turma.....	110
Figura 33 – Aula acerca do contexto digital.....	111
Figura 34 – Aula de Word.....	112
Figura 35 – Conversa em <i>WhatsApp</i>	120
Figura 36 – Conversa em <i>WhatsApp</i>	120
Figura 37 – Alunos fazendo brigadeiro na escola.....	126
Figura 38 – Alunos compartilhando o brigadeiro na escola.....	126
Figura 39 – Bilhete com pedido de caixa de bombom	128
Figura 40 – Bilhete com pedido de chocolate	129
Figura 41 – Bilhete com pedido de óculos	129
Figura 42 – Roteiro do tutorial em vídeo “como fazer pudim de panela de pressão”	131
Figura 43 – Gravação do tutorial em vídeo “Como fazer mouse”.....	132

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Além dos livros escolares, o que você costuma ler?.....	26
Gráfico 2 – Em qual local você tem mais contato com a leitura?.....	27
Gráfico 3 – Na internet.....	28
Gráfico 4 – Na sua família, o que as pessoas costumam ler?.....	28
Gráfico 5 - Além das atividades escolares, o que você costuma escrever?.....	29
Gráfico 6 - Como você imagina as aulas de português com o uso da internet.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você fez?.....	30
Tabela 2 - Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você assistiu?.....	31
Tabela 3 - Prós e Contras da rede social	89
Tabela 4 - Lista de Hardwares e Softwares.....	91
Tabela 5 - Aspectos Variáveis.....	96
Tabela 6 - Aspectos Invariáveis.....	97
Tabela 7 - Elementos Multimodais.....	104
Tabela 8 Aspectos Variáveis pelos alunos.....	123
Tabela 9 - Aspectos Invariáveis pelos alunos.....	124
Tabela 10 - Elementos Multimodais pelos alunos.....	136

SUMÁRIO

1- PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	7
2- MINHA IDENTIDADE DOCENTE.....	9
3- OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	18
3.1 O porquê da pesquisa.....	19
3.2 Recursos metodológicos.....	24
3.3 Procedimentos metodológicos.....	25
3.4 Contexto Escolar	32
3.5 Sujeitos da pesquisa.....	35
4. MULTILETRAMENTOS E OS LETRAMENTOS DIGITAIS.....	37
5. TUTORIAL EM VÍDEO – UM GÊNERO CONTEMPORÂNEO.....	43
5.1 O gênero e suas particularidades.....	43
5.2 Análise do Tutorial em vídeo	50
5.3 Tutorial em vídeo e suas especificidades.....	80
6. PROTÓTIPO DIDÁTICO.....	85
7. A INTERVENÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	108
7.1 Projeto de intervenção: contextualizando.....	108
7.2 Gênero tutorial em vídeo: um estudo coletivo.....	118
7.3 Conhecendo o contexto cultural: planejar é tudo	127
7.4 Desenhando um gênero digital	132
8. CONSIDERAÇÃO FINAL.....	142
9- REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICE A - Questionário.....	150
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	153
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	155
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	157

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA ...

A arte do ensinar para mim de certo modo sempre esteve conectada à escuta atenta do outro, no modo como dedicamos nossa atenção e compreensão na construção do conhecimento individual e coletivo. Contar e ouvir são ações que se complementam nessa tórrida missão, por isso inclino-me a pensar que uma das melhores formas de compreender o outro, antes de mais nada, é compartilhando suas histórias, de quem ensina e de quem aprende permitindo, dessa forma, que esses sujeitos revelem desde sua cultura, ideologia, valores, crenças, lembranças; o afeto na interação com quem se compartilha experiências de vida. Assim, pensando no aprendizado de quem lê e de quem escreve é que compartilho minhas memórias nesse trabalho.

Antes, apresento nessa seção a estrutura arquitetada que deu vida ao trabalho intitulado de *Tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano*, da pesquisa realizada para a realização da intervenção didática desenvolvida sob a perspectiva da pedagogia dos multiletramentos para uma turma de 8º ano da Escola Municipal Laura Folly, adotando uma abordagem de natureza etnográfica, considerando alguns instrumentos e procedimentos para melhor conhecer a realidade de meus alunos e seu entorno. Com base no que foi observado é que propus aqui a intervenção com a qual pretendeu-se contribuir para a formação de leitores e produtores de textos críticos por meio de práticas multiletradas a partir do trabalho com gêneros multimidiáticos, especificamente, com tutorial em vídeo, buscando promover o letramento digital, em sala de aula.

O trabalho materializa-se em um texto memorialístico, organizado em seções denominadas: “Minha identidade docente”; “Os Caminhos da Pesquisa”; “Multiletramentos e os letramentos digitais”; “Tutorial em Vídeo - um gênero contemporâneo”; “Protótipo Didático”; “A intervenção e suas implicações” e a “Consideração Final”.

Em “Minha identidade docente”, revisito as minhas memórias, como aluna leitora e escritora e posteriormente como professora de Língua Portuguesa, estabelecendo diálogo entre essas vivências com a minha atual experiência de professora-pesquisadora instituída pelo Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Na seção “Os caminhos da Pesquisa”, discorro sobre a escola em que atuo e, apresento a turma com a qual desenvolvi a intervenção, formada por alunos que são partícipes em potencial - responsáveis pela realização da pesquisa. Nessa mesma seção, descrevo ainda os objetivos, a questão problema, justificativa, os recursos metodológicos e o contexto escolar que embasaram a pesquisa.

A seção “Multiletramentos e os letramentos digitais” apresenta as concepções teóricas que embasaram a pesquisa. Já na seção “Tutorial em vídeo – um gênero contemporâneo” é descrito a reflexão acerca do tutorial em vídeo como gênero discursivo e o estudo desse gênero; enquanto na seção “Protótipo Didático”, apresento as atividades trabalhadas durante a intervenção pedagógica.

Por fim, na seção “A intervenção e suas implicações” descrevo as reflexões críticas acerca da intervenção pedagógica realizada com os alunos e, por fim, na “Consideração Final”, apresento uma reflexão sobre o processo da pesquisa, retomando pontos centrais e apontando as perspectivas futuras.

2. MINHA IDENTIDADE DOCENTE

O ser humano constitui-se mediante a aprendizagem, no recurso ao mundo da vida e ao agir comunicativo. Ele não nasce pronto ou pré-definido. Nasce como possibilidade, referido ao outro, à cultura e a história. Por isso, podemos defini-lo como um ser em constante construção e reconstrução, um ser histórico, social e circunstanciado. (ABRAHÃO, 2010, p.33)

A epígrafe acima escolhida, para dar início à narrativa da minha história de vida, sustenta a definição da minha existência, pois este ser sou eu: alguém marcado tanto pelas construções como pelas reconstruções. Entretanto, neste memorial, no reencontro estabelecido entre passado e presente, não posso falar dessas transformações durante a pesquisa no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) sem tratar de minhas memórias pregressas, visto que são elas que são desconstruídas/reconstruídas durante o meu percurso no mestrado. A desconstrução, nesse caso, configurou-se como o processo de decomposição dessas memórias e a partir disso poder analisar, criticar, acrescentar, reorganizar e por fim refazer.

Foi marcada por essas memórias que me conduzi até onde estou hoje e foram dessas e a partir delas que pude realizar uma análise profunda da minha trajetória pessoal e profissional e assim me desconstruir e me reconstruir. A partir da desconstrução dessas memórias vividas que me direciono em sentido à reflexão acerca da intervenção que me propus a fazer, com a responsabilidade de assumir um papel de professora-pesquisadora, na instituição da qual faço parte, especificamente, com a turma do 8^a ano A, turno matutino, na Escola Municipal Laura Folly, situada na cidade santa da minha Bahia, a lendária Dias d'Ávila.

Com a consciência do processo por que passei: construção, desconstrução e reconstrução, passo a visitar minhas memórias. Visitá-las é caminhar por uma linha tênue entre glórias e derrotas, afinal, não é tarefa fácil partilhar as histórias que contribuíram para a minha trajetória que me conduziram a ser quem sou hoje: mulher, mãe, professora de Língua Portuguesa, educadora, aluna e pesquisadora no Mestrado Profissional em Letras na Universidade Federal da Bahia.

Cresci acreditando que a autobiografia era um gênero exclusivo de artistas ou de pessoas intelectuais importantes na nossa sociedade, cujas memórias, a meu ver, sempre mereceram minimamente uma certa desconfiança, afinal quem contaria na íntegra os segredos revelados ao espelho? Entretanto, mudei de opinião, após a leitura do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do autor realista Machado de Assis (1994), primeira obra a chamar a minha atenção para a escrita de si. Por seu modo tão irreverente de escrever sobre si, esta

obra me motivou a escrever sobre mim a partir de uma perspectiva diferente e para isso escolhi o gênero diário, por meio do qual compartilhei as memórias que marcaram minha vida como aluna. Tais produções em diário me incentivaram a escrever outros gêneros agora, porém, como professora.

Desse modo, compartilho minhas experiências adquiridas na minha trajetória de jovem estudante à professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino básico na cidade de Dias d'Ávila. O ato de me biografar, coloca-me na posição de espectadora ao reviver minhas decisões, persistências e crenças responsáveis por suscitar em mim o desejo que me move o tempo todo: reconstruir-me constantemente.

Admito que querer não é poder, mas pode vir a ser, se tivermos a consciência de que, para mudar algo que construímos ao longo das nossas vidas, seja no âmbito pessoal ou profissional, é preciso desconstruir para reconstruir. Desconstruir, nesse caso, não significa destruir, mas ressignificar para reconstruir novos padrões de pensamentos e sentimentos.

Na minha prática pedagógica, a reconstrução buscada reside nas minhas inquietações mostradas na composição dessa narrativa memorialística, na qual evidencio minha extrema preocupação quanto a minha atuação no meu setor educacional. Isso porque mesmo com as inovações sociais, sobretudo promovidas com o advento da tecnologia, vemos que a escola de um modo geral ainda conserva resquícios do ensino-aprendizagem amparado em concepções mais tradicionais da educação que concebe os alunos como meros aprendizes; anulados em suas possibilidades de construção do que lhes é de fato significativo, para, no contraponto, conceber o professor como único protagonista na formação do sujeito aprendiz. Hoje, não deveria ser mais possível pensar dessa forma já que aprendemos com a perspectiva de uma educação libertadora que prima por uma pedagogia de ensino pautada na construção interativa do conhecimento. Isso porque no entender de Freire (1987, p.68) “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Ao longo da minha trajetória, tenho tentado, intuitivamente, mudar a forma como me foi apresentado o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula. Um ensino voltado quase que exclusivamente para os aspectos gramaticais, sem considerar que a língua é lugar de interação humana, como propõe Street (2014) ao definir e defender a ideia de letramento ideológico. O teórico defende a importância de reconhecer que os letramentos devem ser vistos como práticas sociais por se constituírem dentro e através de relações sociais e estarem encaixadas em contextos e processos sociais mais abrangentes e significativos. Por isso, venho buscando

me (re)construir nessa perspectiva, ao preparar minhas atividades, na relação com os aprendizes da língua que estão sob minha responsabilidade.

O que me atrai, nessa jornada, é a possibilidade de refletir sobre minha práxis e autoavaliação na promoção de mudanças significativas nesse cenário, pois sou consciente de que a língua, objeto de estudo da disciplina que leciono, vive em constantes transformações que suscitam novas demandas a serem trabalhadas com os alunos no contexto escolar. E isso é o que eu pretendi alcançar com a intervenção que buscou atender algumas das demandas da turma de 8ª ano A, no que diz respeito à leitura, escrita e oralidade na disciplina Língua Portuguesa, na unidade escolar à qual sou vinculada – Escola Municipal Laura Folly. Nesse sentido, encarei o processo da intervenção como a realização de um trabalho pedagógico que permitiu sobretudo a interação com meus alunos e com o entorno escolar.

Tomando como base a experiência desse trabalho que motivou uma reconstrução da minha identidade docente, pois agora me vejo professora pesquisadora, reforço mais uma vez que não seja mais possível atualmente assumir uma identidade de uma professora tradicionalista do século XXI, ainda orientada pelo ensino centrado apenas na transmissão de conhecimento. Essa controvérsia de base evidentemente freiriana se apoia sobretudo nas mudanças ocasionadas em curso na sociedade. Compreendi que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina, ao aprender. E é isto que me leva à recusa da educação “bancária” que cerceia a criatividade do educando e do educador, uma vez que este não pode negar a sua missão na sua práxis de incentivar a capacidade crítica do educando, sobre isso Freire defende que

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 1987, p.34)

Esse teórico frente ao seu tempo chama a atenção dos educadores para uma mudança que precisa ocorrer dentro da escola de forma efetiva e que, portanto, deve ser conclamada, sobretudo na contemporaneidade, na qual esses profissionais se deparam atualmente com um estudante mais atuante, isto é, um agente com muito mais protagonismo na esfera escolar. Assim, o educador precisa atentar-se em acompanhar as novas formas de aprendizado de seus educandos considerando a sua interação social. Concordo com Hall (2003) ao defender que o indivíduo na sociedade reflete as transformações que o mundo moderno lhe impõe, desse

modo, a consciência do sujeito não é autônoma nem autossuficiente, pois o indivíduo é formado na interação social.

No processo de construção em que posso vislumbrar antes e depois da minha identidade de professora para professora pesquisadora tenho buscado algumas respostas. Nesse caminhar, destaco a relevância de partir primeiramente à referência dos meus aprendizados e ensinamentos. Minha caminhada de desconstrução e reconstrução se dá exercendo um duplo papel: mãe e educadora. Minha formação em Letras se deu ao mesmo tempo em que me tornei mãe, momento em que me vi obrigada a acompanhar mais rapidamente as modificações sociais a meu redor. Basicamente, assumi duas identidades naquele momento, e que até hoje se fundem na sala de aula, traduzidas nos meus trajetos e afetos por meus alunos.

Passo, agora, às minhas digressões com vistas a dar corpo à construção identitária forjada no contraste com os diferentes locais em que ensinei. Após eu ter concluído o curso de graduação, morei em três estados diferentes. Viajando pelo centro e sudeste do país pude perceber como as diferenças regionais sobretudo no que concerne a linguagem é fator determinante para a discriminação entre falantes da mesma língua. Isso ficou mais evidente para mim quando fui morar em Guarapari, no Espírito Santo, onde atuei durante um ano em duas escolas estaduais e uma na rede municipal.

Das três experiências educacionais na terra capixaba, destaco a participação na escola modelo da cidade, Escola Municipal Ignez Massad Cola, conhecida como “a menina dos olhos” de Guarapari. O quadro funcional dessa escola era completo, tínhamos portaria, merendeira, secretaria, coordenação, direção, bibliotecária, salas de informática tudo em perfeito funcionamento e harmonia. Se faltasse um professor já tinha um monitor em seu lugar. Essa “perfeição”, porém, se dava no âmbito infraestrutural e de recursos humanos, mas não em relação a determinadas crenças e concepções de ensino. Lembro-me de algumas discussões durante a Atividade Complementar (AC) acerca do conteúdo ministrado pela professora de português a qual eu substituí que trazia prioritariamente o ensino da gramática em seu planejamento, posicionamento contraditório ao que eu propunha, por exemplo, quando trabalhava com os aspectos gramaticais, não isoladamente, mas no contexto do texto, no caso, veiculado ao jornal, por exemplo, mídia que trabalhei nessa escola.

Percebi, ao retomar essa narrativa, que a discussão continua atual porque, embora tenha havido mudanças de discurso na educação, a metodologia de muitos educadores continua basicamente a mesma no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa. Isso se

deve ao fato da concepção de língua e de texto que acompanha vários professores ainda nos dias atuais. Bagno (2005) acerca dessa questão defende que

Nessas condições, a construção e a apropriação de um discurso gramatical pedagogicamente útil e relevante dependerá da reinstauração do sentido. De fato, se o saber fizer sentido para o aluno, se o sistema apresentado for organizado de maneira coerente e não se reduzir a uma classificação ou a uma etiquetagem descoladas do uso e da significação, se não se restringir à palavra e à frase, a gramática aparecerá mais conectada com a língua, tal como a exploram os diferentes usuários, e não será mais vista como um discurso abstrato, inapropriável porque inadequado. (BAGNO, 2005, p.75)

Desse modo, tal como Bagno (2005) afirma, é preciso criar estratégias de ensino para que os alunos saibam usar a língua em seu contexto real e dominem essas funções gramaticais para fazer uso dela nos mais variados contextos comunicativos.

Ensinar em terra capixaba também serviu para a reflexão da minha identidade linguística sobretudo do ponto de vista fonético. Isso porque meus alunos, diante do diferente, não perderam a chance de zombar da minha naturalidade, e apelidos e mais apelidos eu recebi: Baiana, Ivete, Axé, Acarajé e outros. Isso se estendeu aos meus colegas de trabalho, e chegou ao ponto de minha coordenadora me perguntar: “qual é o seu nome mesmo?”. Claro que eu aceitava com muito bom humor. O mais importante que posso tirar dessa experiência é que o contato que os meus alunos tiveram com minha forma de falar fez com que eles pudessem também refletir sobre essas divergências regionais e percebessem que essas diferenças não representavam alta ou baixa intelectualidade.

Hoje reflito sobre essas diferenças regionais, em especial, com relação ao meu sotaque e pronúncia de algumas palavras, alvo maior de deboche por parte dos alunos. Conforme Seara (2011) a Fonética e a Fonologia ainda vêm sendo relegadas a uma rápida classificação dos sons vocálicos e consonantais na sua relação com o sistema ortográfico, restringindo-se na relação grafema-som. De modo que os aspectos também relevantes como a prosódia, entonação e a variedade fonética relativa às diversas pronúncias regionais, por exemplo, não têm tido espaço adequado de discussão nas escolas e universidades.

Por conta do meu jeito de falar, do meu vocabulário e até mesmo do uso de algumas gírias baianas em sala de aula, frequentemente meus alunos paravam para questionar o significado de alguns termos, quando não alguma estrutura gramatical, que eu costumava usar, às vezes, de maneira proposital, por acreditar que nós precisamos elevar, nem que seja de vez em quando, a própria autoestima linguística, para confrontar os velhos argumentos que menosprezam o saber linguístico idiossincrático. Bagno (1999) apresenta dez cisões para um ensino não (ou menos) preconceituoso, dos quais eu destaco duas:

Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. [...] Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos. (BAGNO, 1999, p. 114)

Essa situação reforçou quem eu era e também contribuiu para uma reflexão a respeito da minha prática em sala de aula que levou a desconstruir o modo como lidava com a variedade padrão da língua, a partir daí dei início ao meu processo de reconstrução e passei a me preocupar com o ensino que se volte para a diversidade, a fim de criar cidadãos que respeitem o diferente. É estando nesse lugar que o outro não reconhece como legítimo (por meio de piadas, gozações e apelidos) é que pude me perceber como um agente importante nessa luta de legitimação do diferente.

De volta a Salvador, em 2017, agora servidora municipal de Dias d'Ávila, na atuação como professora de Língua Portuguesa, deparo-me de novo com mais um desafio, pois me vejo em contato com outro território, meu olhar e minha escuta devem respeitar novamente o encontro com uma nova identidade cultural. Na escola em que passei a atuar, percebi uma certa resistência do estudante ao gerenciar o seu espaço escolar, visto que eles não aceitam passivamente o que lhe é posto, isso ocorre, ao que me parece, porque as práticas de ensino instituídas na escola se afastam das práticas sociais destes alunos e não promovem uma real transformação em suas vidas. Portanto, estes alunos que em sua maioria vivenciam situações de miséria, de conflitos familiares e se encontram muitas vezes suscetíveis ao tráfico, enxergam a escola apenas como um espaço de refúgio. A rebeldia e a indisciplina, de boa parte da comunidade escolar, ecoaram por muito tempo como uma espécie de grito por liberdade cultural, registrada, por exemplo, nas paredes e carteiras da escola com os grafos de facções.

Todavia, esse cenário caótico tem sido reformulado aos poucos, na medida em que a escola desde o início de 2019 foi restaurada fisicamente, pois foi pintada, recebeu novas cadeiras, novos uniformes e além disso novas regras foram instituídas atendendo às exigências da gestão disciplinar militar, esta que passou a atuar em parceria com a gestão pedagógica da escola. De certa forma, essa brusca mudança trouxe benefícios para a instituição sobretudo na infraestrutura e comportamento dos alunos, porém as ações pedagógicas da escola ainda carecem a meu ver de reformulações pedagógicas.

Alegro-me ver que o crescimento da minha escola, ambiente este que me traz boas memórias. Lembro-me claramente, no primeiro ano de atuação, desenvolver um projeto interessante sobre o *hip-hop*, com outros professores da área de linguagem, no qual

trabalhamos as roupas, o estilo, o *rap*, o *free style* e outros elementos dessa arte tipicamente identitária. Naquele momento, buscamos possibilitar aos alunos vivenciarem experiências que dialogavam diretamente com a realidade da comunidade escolar, permitindo-os desfilarem no estilo da cultura *Rap*, apresentarem as letras do *Rap* que haviam produzido com seu próprio estilo durante as aulas da unidade, como também terem tido a experiência de estarem com uma banda de *hip-hop* da comunidade local - Banda Dialeto Urbano, como parte das atividades da área de linguagem. Hoje, essas lembranças me conduzem a refletir as práticas culturais presentes em nosso país e, sobretudo na minha comunidade escolar, fundamental para compreender como se processam a linguagem multissemiótica de produções não legitimadas pela escola. A respeito da riqueza semiótica escrita, oral, gestual, imagética, sonora que o movimento *hip-hop* comporta, Souza (2011) afirma que:

Ainda que o saber escolar seja também validado pelos ativistas e que a escola seja vista como uma agência importante, podemos afirmar que, se o processo de letramento é orientado por várias instituições sociais, agências com dinâmicas e características diversas, o movimento *hip-hop* pode ser considerado como um espaço de práticas que, sem ser fixo ou suficientemente institucionalizado, engendra possibilidades de usos da linguagem em práticas letradas. (SOUZA, 2011, p.81-82)

A autora destaca uma atuação docente que envolve mexer com a criticidade do aluno sobre uma perspectiva de multiletramentos. Agora, percebo de forma não mais intuitiva que considerar o contexto cultural a qual o alunado se insere é indispensável para a formação crítica e consciente desse sujeito. Digo intuitiva, porque até o ingresso no mestrado profissional ainda não havia estudado a pedagogia dos multiletramentos. Período da minha vida em que a desconstrução das minhas práticas enquanto docente teve início, pois foi o momento em que aprendi que era preciso trabalhar diferentes estratégias para possibilitar a meu aluno assumir outras identidades de forma que o protagonismo já existente nele pudesse ser de agente transformador de si mesmo e de seu entorno. Diante disso, passei a refletir e a estudar, mais ainda durante a pesquisa, as novas possibilidades para trabalhar em sala de aula sob a perspectiva dos multiletramentos.

A entrada no PROFLETRAS, em 2018, mesmo me exigindo dedicação que me conduz à divisão quase sempre injusta da vida de mãe, professora e aluna do mestrado, possibilitou a mim ter um posicionamento mais consistente que me permitisse a valoração das minhas tentativas de reposicionamento do ensino de Língua Portuguesa às facetas de realidade e às identidades da comunidade escolar da qual faço parte. Devido a essa forma de conceber

linguagem e de transformar esse saber em atividade, passei a ser reconhecida de uma nova forma por mim e pelo meu entorno, um novo *status*, uma nova profissional.

Lá estava eu atuando na escola com as minhas contribuições teóricas aprendidas como aluna do mestrado profissional da UFBA, adotando já naquele momento a postura de professora pesquisadora. A exemplo disso, no ano de 2018, a escola deu continuidade ao projeto literário Cultura da Paz na Escola, no qual havíamos trabalhado o *hip-hop* no ano anterior, conforme mencionado. Dessa vez, sugeri aos professores da área de linguagem que trabalhássemos com a arte do grafite, que segundo Souza (2011, p.76) “é um texto multissemiótico, que mescla o verbal e o não verbal, com diferentes técnicas e estilos para intencionalmente interferir na paisagem urbana”. Esse projeto, voltado para toda a comunidade escolar, trouxe uma transformação identitária muito positiva dos alunos que se antes demarcavam as paredes da escola com registros de facção, hoje têm a chance de revelar todo seu talento por meio do grafite. Além disso, reafirmou minhas convicções sobre um trabalho mais dinâmico do (a) professor (a) de L.P (Língua Portuguesa) dentro de práticas situadas.

Vejo como minha identidade docente antes e durante o ingresso no PROFLETRAS foi marcada por muitas desconstruções e reconstruções de natureza tanto profissional quanto pessoal. Como docente porque vivenciei novas experiências em relação ao ensino aprendizagem e como pessoa porque adquiri um novo olhar sobre o processo de desenvolvimento humano de meus alunos, assim como o meu próprio ao longo dessa trajetória.

No caminhar do curso, ao discutir a pedagogia dos multiletramentos, sobretudo nas orientações desta pesquisa, percebi que a inserção das tecnologias digitais quando incorporadas ao processo de ensino aprendizagem requerem habilidades necessárias de leitura e produção de textos multissemióticos, bem como reconheço seguramente as mudanças que a tecnologia provoca nas práticas sociais em nossa sociedade cujos letramentos são “valorizados” e “desvalorizados”, locais e globais (ROJO, 2012, p.8).

De fato, o mundo mudou e adotou como primordial o uso das tecnologias digitais e os ambientes em rede como unidade básica da agilidade e eficiência em nossas ações cotidianas. São vários os segmentos que se modernizaram para acompanhar as mudanças que as tecnologias e a *web 2.0* trouxeram consigo, inclusive a escola.

A escola em que atuo, cenário desta pesquisa, por exemplo, possui sala de multimeios com um computador e um projetor, porém não tem internet, situação típica de quase todas as escolas da rede municipal de Dias d’ Ávila, quiçá do país. Apesar dessa triste realidade,

realizamos algumas atividades durante a intervenção nesse espaço, pois alguns arquivos que utilizei nas atividades poderiam ser baixados para o acesso *offline*. Mais adiante, na seção em que descrevo a intervenção, relato o uso da internet obtido por meio do pacote de dados pessoais do celular da professora pesquisadora que durante as atividades que requeriam internet, roteava para os aparelhos móveis dos alunos.

Meus alunos – sujeitos da pesquisa – embora, em sua maioria, possuam uma baixa renda familiar, possuem smartphones e fazem uso dessa tecnologia em seu cotidiano constantemente até mesmo na sala de aula. Recordo-me de ouvir em várias reuniões na minha escola para não permitir o uso dessas tecnologias durante as aulas, já que causavam distração e não permitiam o foco no conteúdo ministrado durante as aulas, segundo a direção. Confesso que nunca concordei com essa postura da gestão, pois acreditava que não era exatamente isso que provocava a desatenção e desinteresse dos alunos. O fato é que assim como meu filho, meus alunos estão imersos a cultura digital, conforme descrevo na justificativa dessa pesquisa na seção em que trato dos caminhos da pesquisa.

Frente a essa postura, como professora pesquisadora, naquele momento eu não poderia deixar de pensar em uma proposta de intervenção que se propusesse a vincular o ensino da LP a questões concretas do cotidiano dos meus alunos sobretudo que envolvessem trabalhos de leitura e produção de textos multissemióticos do interesse deles.

Portanto, pensei em recriar um ambiente de aprendizagem em que meus alunos pudessem se sentir motivados para desenvolver habilidades de leitura e produção com textos multimodais presentes no ambiente em rede, com a finalidade de promover posicionamentos ativos e mais críticos tão necessários para aquela turma.

Destarte, confesso que a minha postura em repensar minha práxis e redesenhar minha sala de aula se deu pela motivação em reunir a teoria à prática advinda dos professores do PROFLETRAS aos quais serei eternamente grata. Certamente esse diferencial do mestrado profissional permite que muitas escolares públicas do país tenham, aos poucos, sua realidade transformada pelo fazer pedagógico de quem se compromete verdadeiramente com a educação.

3. OS CAMINHOS DA PESQUISA

Pensando nesse fazer pedagógico que agora me reporto às questões ligadas aos procedimentos metodológicos como: a justificativa da pesquisa, os instrumentos e procedimentos metodológicos, os sujeitos da pesquisa, o campo de atuação e a coleta de dados.

Antes de descrever os caminhos da pesquisa aqui traçados, opto por apresentar os objetivos e a questão base que nortearam essa pesquisa para melhor compreensão dos procedimentos adotados.

Considerando o contexto em que me insiro como professora titular da rede municipal de ensino da educação básica é que pensei em propor um pesquisa cujo objetivo geral foca em “contribuir para a formação de leitores e produtores de textos críticos por meio de práticas multiletradas a partir do trabalho com gêneros multimidiáticos, especificamente, com tutorial em vídeo, buscando promover o letramento digital, em sala de aula”.

A fim de cumprir com essa finalidade, elenquei como objetivos específicos:

- Conhecer e analisar as características que definem o gênero tutorial em vídeo a fim de verificar suas condições de produção, suas categorias textuais (temática, estilo, estrutura composicional) e função;
- Produzir e aplicar atividades de leitura e produção de texto para a composição do tutorial em vídeo em sala de aula;
- Analisar criticamente as práticas de multiletramentos desenvolvidas e vivenciadas pelos educandos e a experiência da produção do gênero tutorial em vídeo em sala de aula, à luz das teorias basilares.

Isso posto, acrescento a reflexão que me conduziu percorrer essa trajetória centrada no questionamento: quais aspectos das habilidades em leitura e produção de textos multimodais de alunos do 8º ano de uma escola pública de Dias d’ Ávila podem ser desenvolvidos no trabalho com gêneros digitais, precisamente, o tutorial em vídeo?

3.1 O porquê da pesquisa

Ao trazer minhas memórias ao abrir esse memorial, confessei que minha relação com a educação se deu ao mesmo tempo em que fui agraciada pela maternidade. Essa doce circunstância me colocou em posição diferenciada na sala de aula, pois desde então visto a camisa de uma mãe professora que está sempre tentando se atualizar nessa corrida sociedade. Por conta disso mundo digital foi me apresentado primeiro por meu filho, que conduziu ao olhar mais atento em minha sala de aula. Despertado esse interesse em mim, ao fazer uma pós-graduação *latu sensu*, desenvolvi um estudo a partir da temática da cultura digital. A linha de pesquisa em hipermídia e hipertexto tornara-se naquele momento atraente. Por isso asseguro que meu filho mudou minhas práticas de letramento desde o seu nascimento e, é com quem hoje eu jogo *game*, aliás, foi ele o responsável por me apresentar o jogo *minecraft* (objeto da minha pesquisa na pós-graduação *lato sensu*), assisto aos vídeos dos *youtubers*. Recordando minhas experiências percebo o quanto essas práticas vivenciadas com meu filho têm refletido na minha formação como leitora e professora de línguas imersa no letramento digital.

Compartilhar com meu filho o contato com os mais variados gêneros digitais me fez mudar o olhar em relação às práticas de letramento dos meus alunos dentro e fora do contexto escolar e passei a ter uma escuta mais sensível em relação aos meus alunos.

Uma de minhas experiências com gêneros digitais que vivi foi nas aulas do componente curricular do mestrado, Literatura e Ensino, que contribuiu muito com a minha pesquisa e formação. Isso porque foi possível trabalhar com o gênero multimodal *booktube* o qual oportunamente produzi em parceria com meu filho uma vez que a narrativa do vídeo se deu a partir da análise de uma obra infantil.

Reforço que essa questão dos letramentos digitais e do texto multimodal já fazia parte de meu repertório antes do mestrado. Em 2017, quando eu estava na última disciplina da pós-graduação *lato sensu*, dois alunos meus do sexto ano me chamaram atenção em relação à agilidade que tinham em resolver as suas atividades escolares, e o grau de criatividade e criticidade deles. Por meio da escuta desses jovens elaborei meu trabalho de conclusão de curso intitulado “*Criatividade e práticas de escrita de dois jovens jogadores de minecraft*”. Meus alunos assim como meu filho já estavam imersos no letramento digital e, eu não poderia ficar inerte a isso. A partir desse trabalho pesquisei ainda mais e percebi que a escola na contemporaneidade pode dividir espaço com a linguagem hipertextual da *web 2.0*. Vi, e ainda vejo nos gêneros digitais a possibilidade de usá-los como elemento metodológico de ensino e

por isso durante a pesquisa comecei a conversar com meus alunos (sujeitos da pesquisa) sobre a possibilidade de trabalhar em sala de aula os gêneros digitais.

Assim, o gênero tutorial em vídeo escolhido para ser trabalhado com os sujeitos da pesquisa pertencente a minha turma de 8^a A matutino, com a qual construí a pesquisa, compreende uma linguagem multimodal que permite o desenvolvimento de práticas multiletradas. Também proporciona, quando acrescido o componente criatividade, o crescente desempenho nas diversas habilidades e competências dos jovens exigidas pela sociedade atual. A esse respeito, segundo Soares (2002) o letramento na cibercultura conduz a um estado, ou condição, diferente daquele conduzido pelas práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel.

Considerarei também que os gêneros digitais, usados como ferramentas educacionais, é previsto pela BNCC (2017) como propõe uma de suas competências gerais

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.(BRASIL, 2017, p.9)

Enfim, meus letramentos realizados na companhia do meu filho, dos meus alunos e, inserida no campo da pesquisa me fez descobrir uma nova identidade docente: uma educadora que vive na busca da melhor compreensão do seu educando por meio de suas práticas letradas sociais. Isso porque “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. (HALL, 2003, p.21).

A pesquisa, portanto, centrou-se no ensino da língua portuguesa pensando no trabalho com a diversidade de mídias e de linguagens, isto é, a multimodalidade, com a finalidade de promover em sala de aula novas possibilidades de leitura, escrita e oralidade requeridas pela contemporaneidade. Esse caminho da pesquisa foi traçado considerando e respeitando a bagagem cultural e as vivências dos sujeitos da pesquisa para que pudessem assumir a responsabilidade de seus próprios enunciados, tornando-se sujeitos mais críticos frente ao impacto de suas ações no contexto escolar e extraescolar. O que justificou nesse ponto a necessidade de uma abordagem de uma pedagogia dos multiletramentos em que pudessemos desenvolver um trabalho dinâmico e compartilhado, permitindo que meus alunos suscitassem novas relações com as produções culturais que circulam em sociedade. Dado que os meus alunos do 8^oA comumente já faziam uso do celular na sala de aula, porém sem fins

pedagógicos, pois usavam apenas para acessar jogos ou redes sociais, apesar de muitas escolas, em pleno século XXI, ainda proibirem o uso dessa tecnologia móvel na sala de aula.

Nessa lista incluo a escola em que atuo como professora da turma mencionada. Por isso educar o uso dessa ferramenta que pode se tornar valioso instrumento didático e oportuno por pertencer ao cotidiano dos alunos. A escola em que apliquei a intervenção possui baixa tecnologia, então explorar o potencial dos telefones celulares para ajudar na produção do gênero em estudo, o tutorial em vídeo, foi uma das formas para romper a defasagem no acesso digital da escola. Afinal “ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.19).

Digo isso porque o advento da *web 2.0* trouxe mudanças na “plataforma” que promoveu a transformação na forma como ela é encarada por seus usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje englobam inúmeras linguagens e motivações culminaram nas mudanças significativas no modo como se lê e como se escreve atualmente. Por isso, acredito que tanto para a produção de um texto, quanto para sua leitura é necessária, hoje, a compreensão de diferentes modalidades semióticas, visto que o que encontramos nos diferentes espaços e contextos são textos multimodais, isto é, que combinam diversas semioses: escrita, oral, imagética, sonora entre outras a fim de, combinados, produzir sentidos que podem complementar, hierarquizar, acrescentar ou apenas dizer a mesma coisa de diferentes formas.

Vejo como as transformações no ambiente digital suscitaram um novo perfil de usuário que utilizam dessa nova *web*: os Nativos Digitais. Estes nascidos em após década de 80, quando as tecnologias digitais chegaram *online*, têm acesso às tecnologias digitais e habilidades para usar essas tais ferramentas. Segundo Palfrey; Gasser (2011) os nativos digitais conseguem aprender, em um minuto, a usar um novo *software*, ao passo que, aparentemente, conseguem tirar, baixar e editar fotos para compartilhar com os amigos de forma *online* ainda que eles estejam dormindo.

Tenho notado que esses jovens se conectam, entre si, por meio de uma cultura comum, já que os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. Além disso, esses mesmos autores vão defender a ideia de que

Os Nativos Digitais vão mover os mercados e transformar as indústrias, a educação e a política global. Estas mudanças podem ter um efeito imensamente positivo no mundo em que vivemos. De modo geral, a revolução digital já tornou este mundo

um lugar melhor. E os Nativos Digitais têm todo o potencial e a capacidade para impulsionar muito mais a sociedade, de um sem número de maneiras – se deixarmos. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 17)

Esses jovens comumente chamados de “geração Z” já possuem o contato com as ferramentas digitais e as utilizam com muita facilidade no seu dia a dia. Tomo como referência meus alunos (sujeitos da pesquisa) que, comumente, usam diversos aplicativos diariamente nos seus celulares, pois estão em constante contato com ambientes virtuais. Desse modo, eles participam de diversas atividades como jogos *online*, redes sociais, bem como produzem e assistem vídeos constantemente. Dentre os gêneros digitais que têm circulado na internet a opção recai em nossa pesquisa: o tutorial em vídeo, recentemente disseminado nas redes, sobretudo na plataforma do *Youtube*.

Considero oportuno para a escola essa intimidade dos jovens com os gêneros digitais, pois o trabalho com tais gêneros no espaço escolar, pode servir como uma estratégia pedagógica criativa e inovadora. Sobretudo porque nós professores e professoras, assim como a família, estamos na linha de frente, e devemos ter a responsabilidade e o papel mais importante a desempenhar: a tarefa de acompanhar a maneira como os Nativos Digitais navegam nesses ambientes. Além disso, o professor pode apresentar aos seus alunos gêneros diversos que colaborem com sua prática social, nessa seara Bazerman (2006, p.23) vai dizer que “numa sala de aula, o trabalho de um professor frequentemente serve para definir gêneros e atividades, e, fazendo isso, criar oportunidades e expectativas de aprendizagem”.

Reforço que o trabalho com o gênero digital tutorial em vídeo reúne diferentes modalidades, sobretudo as que estão presentes na tela do computador e que podem ser combinadas com as que circulam no espaço escolar. Isso porque os jovens da nova geração usam muitas das ferramentas digitais em práticas letradas cotidianas que eles já as utilizam para fins de entretenimento e aprendizagem pessoal.

Penso que desenvolver atividades em sala de aula que contemplem gêneros multimodais como o tutorial em vídeo pode ser uma possibilidade para investir na autonomia intelectual dos nossos educandos, na interação com o entorno escolar e no desenvolvimento de práticas de multiletramentos.

O que chama a minha atenção é que o acesso a essas mídias era majoritariamente realizado pelo computador, todavia houve uma migração desse suporte tecnológico para o celular, ou seja, os usuários estão constantemente realizando leituras e escrita em diferentes suportes midiáticos e sem, necessariamente, estarem parados em um lugar, já que se movimentam ao mesmo tempo em que se comunicam por meio da leitura e escrita digital

realizada pelo aparelho móvel. Nesse trabalho, contemplamos também o uso do celular na produção dos tutoriais em vídeo.

Considero que os novos gêneros discursivos geram a necessidade de novos letramentos e, assim, novas situações de aprendizagem que são fundamentais para garantir o domínio das linguagens que se apresentam em diferentes contextos, o que exige promover os multiletramentos a partir dos letramentos digitais com meus alunos.

Nas últimas duas décadas, como apontam várias pesquisas, com a democratização do acesso à rede as camadas populares e a comunidade escolar mudaram. Atualmente, é possível perceber que o novo alunado trouxe para as salas de aulas práticas de letramentos não valorizadas e não reconhecidas pela escola. Além disso, as exigências das práticas de letramentos da sociedade urbana contemporânea também sofreram mudança, requerendo “novas competências e capacidades de tratamento dos textos e da informação” (ROJO, 2009, p.12).

Outro ponto considerado, ao compor a pesquisa, foi o material didático de Língua Portuguesa da minha escola que privilegia aspectos exclusivamente do texto escrito impresso e, muitas vezes, só se apropria do texto para usá-lo como mero pretexto no trabalho com a gramática prescritiva, resultando no que Schneuwly; Dolz (2004) apontam como o ensino da língua portuguesa desprovido de uma relação com a situação autêntica de comunicação. Esquece-se, assim, a natureza dos gêneros como construções históricas e sociais correlacionadas por uma visão ideológica e histórica e social do sujeito.

Acredito que seja possível trabalhar com os alunos os diversos usos da língua, seja no papel ou na tela, desde que conforme Street (2014) sejam consideradas as práticas sociais em que estejam envolvidos esses sujeitos. De modo que os professores podem mediar essas práticas dos alunos em contextos escolares, ampliando assim a localização da leitura e da escrita para contextos multimodais mais amplos.

Outro ponto que norteou a minha pesquisa reside no fato de que a maioria dos meus alunos reclamaram durante a rodas de conversa acerca do ambiente escolar, por não virem utilidade naquilo que se aprende em sala de aula. Diversos são os estudos que revelam que as escolas brasileiras pouco têm mantido relação com a vida prática dos estudantes em seu cotidiano. Para cuidar desse aspecto pedagógico, a pesquisa centra-se conforme Vygotsky (2007) na ideia de que o desenvolvimento do aluno se dá através da apropriação de pré-construtos presentes em sala de aula, isto é, o seu convívio social tem grande importância para que o seu desenvolvimento ocorra. De modo que o indivíduo não pode transpor um

expediente de aprendizagem sem algum conhecimento anterior cognitivamente relacionado, a fim de conectar e suportar a nova informação.

O trabalho pedagógico que pretendi desenvolver em sala de aula, por meio do gênero tutorial em vídeo, serviu como um instrumento psicológico mediador da ação do aluno, porque na aprendizagem e no ensino interagimos através de gêneros ininterruptamente. Sob esse prisma é que os gêneros discursivos podem ser considerados objetos de ensino, pois segundo Schneuwly; Dolz (2004) a utilização dos gêneros pode funcionar como instrumentos do ensino aprendizagem.

3.2 Recursos metodológicos

Frente a exigência dessa realidade midiática, o caminho a ser percorrido em uma pesquisa científica exige um planejamento rigoroso a ser realizado, já que é preciso decidir desde a seleção da linha de pesquisa, a escolha do tema até a organização necessária para a elaboração do pré-projeto e a finalização do projeto definitivo. Esse momento é indispensável para o pesquisador refletir acerca do tema que deseja investigar e o objeto a ser pesquisado, além disso ideal para realizar suas escolhas metodológicas.

Adotei como estratégia metodológica a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, já que segundo André (2005) permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. Por isso meu papel como professora-pesquisadora é de grande relevância no desenvolvimento da pesquisa pretendida.

Frente a isso, entendo que a pesquisa qualitativa permite uma compreensão muito maior que dos dados quantitativos, pois permite uma diversidade de técnicas no espaço onde as ações acontecem, porém não descarto os dados quantificáveis, uma vez que quantidade e qualidade estão intimamente ligadas como defende André (1995). De modo que adotei como instrumento de pesquisa o questionário, um recurso desenvolvido cientificamente, o qual segundo Marconi; Lakatos (1999) deve ser composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado e respondido sem a presença do entrevistador. Esse instrumento foi elaborado com a finalidade de verificar o perfil de letramento dos sujeitos da pesquisa e de seus familiares, bem como o conhecimento dos alunos acerca do gênero tutorial em vídeo.

Ressalto que as perguntas presentes no questionário foram construídas para a composição do perfil dos letramentos dos sujeitos da pesquisa, considerando não apenas os seus letramentos como também o de seus familiares. Os conceitos que serviram de base teórica para a composição desse instrumento trazem conforme Rojo; Moura (2012) reflexões acerca das propostas multiletradas no ambiente escolar.

Meu objetivo com esse questionário foi conhecer melhor meus alunos em relação aos seus letramentos e como eles os concebem em sua prática escolar e extraescolar. Optei pelo uso de perguntas abertas e sintéticas, para que cada questão fosse examinada em termos de capacidade de satisfazer propostas e objetivos da pesquisa. Ressalvo que o questionário a ser utilizado se encontra no Apêndice A e é composto por 15 questões organizadas em quatro partes, a saber:

Parte 1 – Informações pessoais;

Parte 2 - Informações sobre o letramento dos sujeitos da pesquisa e de seus familiares;

Parte 3 - Informações sobre o letramento digital dos sujeitos da pesquisa e de seus familiares;

Parte 4 - Informações sobre o objeto da pesquisa e da intervenção: gênero tutorial em vídeo.

3.3 Procedimentos metodológicos

Para a coleta de dados desta pesquisa, elenquei: 1) a aplicação do questionário, 2) a roda de conversa, 3) as anotações do diário de campo.

O questionário foi aplicado e respondido completamente por 38 alunos dos 40 matriculados na turma (dois dos alunos não compareceram durante os dias de aplicação). A aplicação se deu da seguinte forma: as perguntas foram lidas por mim professora-pesquisadora e posteriormente os alunos respondiam com sua leitura individual e silenciosa. Ressalto que na tabulação dos questionários, foi utilizado o software *Microsoft Word*, um programa de edição que permitiu a geração de gráficos. Diante disso, as repostas obtidas foram reunidas em categorias idealizadas a partir do padrão de repetição e similaridade que apresentaram e as demais foram transcritas do modo como respondida pelos próprios alunos no questionário.

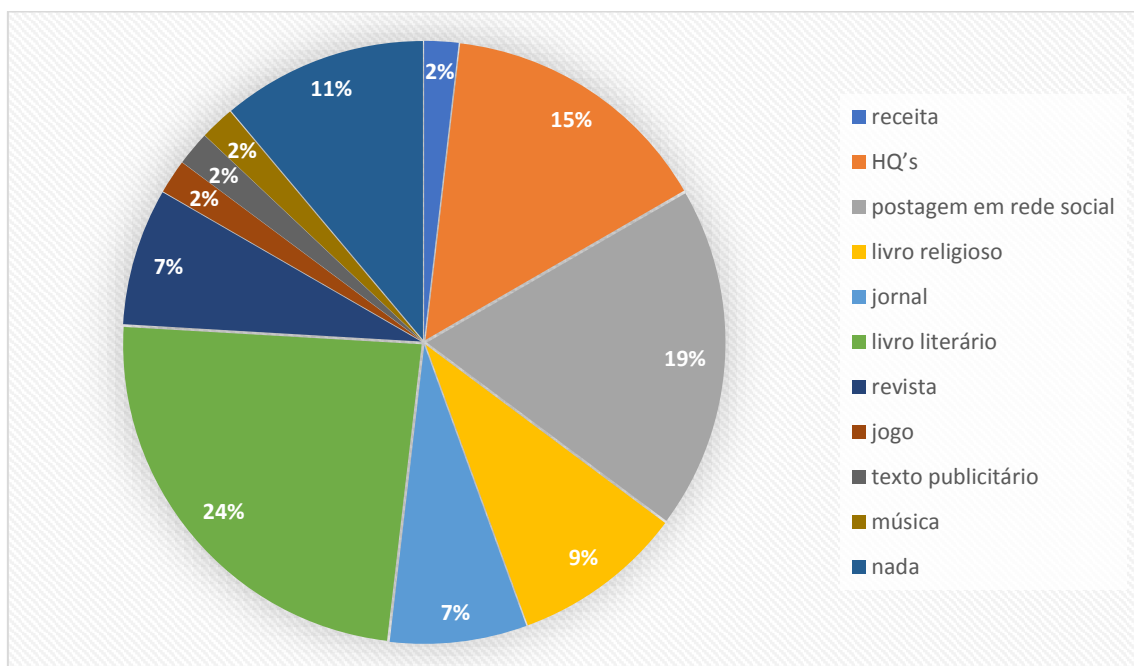
Como já informado nessa seção, o 8º A matutino da EMLF tem 17 meninos e 23 meninas com a faixa etária entre 13 e 14 anos. Todos os alunos são naturais de Dias d'Ávila e moradores da comunidade onde a unidade escolar está localizada, no Entroncamento. Esses alunos ainda têm pouco contato com a leitura sobretudo quando não estão na escola, fato

confirmado em roda de conversa, bem como pouquíssimo acesso às tecnologias digitais de informação no ambiente escolar.

As perguntas que compuseram o questionário conduzem para a organização de informações relevantes que julguei necessárias para descobrir aspectos ainda não constatados. Embora seja professora de Língua Portuguesa do 8º A, a aplicação do questionário faz-se importante para que eu enxergue melhor e mais afastada a situação didática dos meus alunos para melhor entendê-la. As informações obtidas ajudam-me a compreender essas meninas e meninos.

Os alunos e alunas quando perguntados “o que costumam ler além dos livros escolares” afirmaram em sua maioria 24% ler livros literários, fato muito comum nas escolas brasileiras. **O Graf. 1** explicita esses dados e apresenta outras categorias.

Gráfico 1 - Além dos livros escolares, o que você costuma ler?

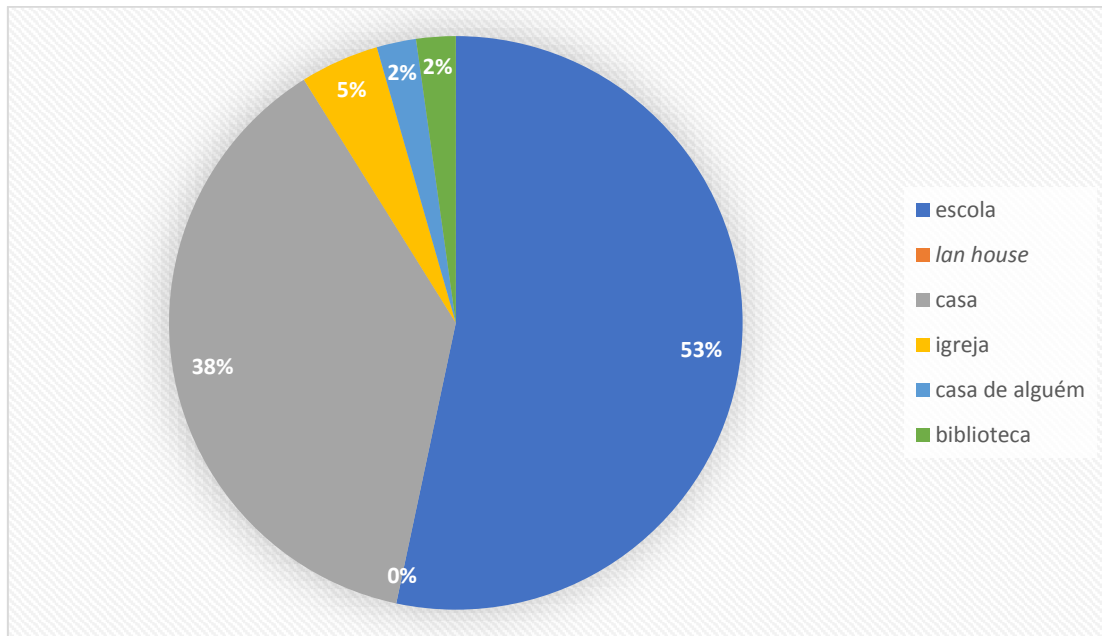


Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

Analisando o gráfico 1, é possível perceber a diversidade de gêneros discursivos variados que os alunos leem, o que é muito bom visto que a variedade de textos amplia a capacidade crítica desses leitores. Esse gráfico também revela que a maioria dos gêneros lidos por eles são aqueles que circulam na escola, mostrando que a leitura desses jovens se faz majoritariamente presente na instituição escolar disputando apenas com as redes sociais oriundas da internet que ainda são pouco reconhecidas como leitura do universo escolar. Vale ressaltar que quando questionados, entenderam “livros escolares” como o livro didático.

Reconhecem que realizam essas leituras mais na escola 53% como demonstra o **Graf. 2**.

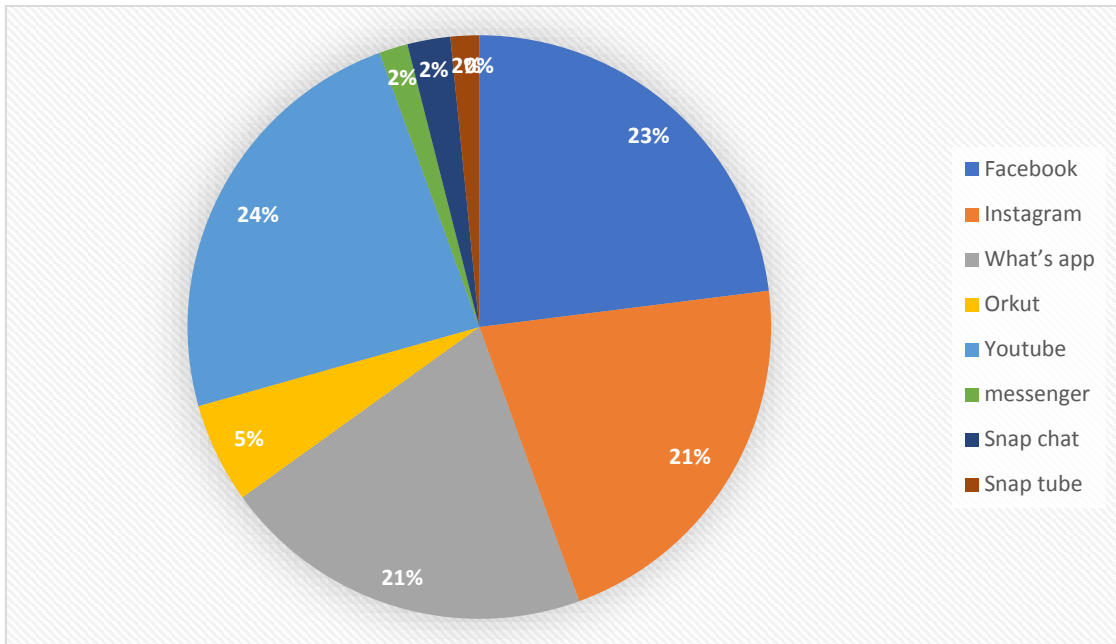
Gráfico 2 - Em qual local você tem mais contato com a leitura?



Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

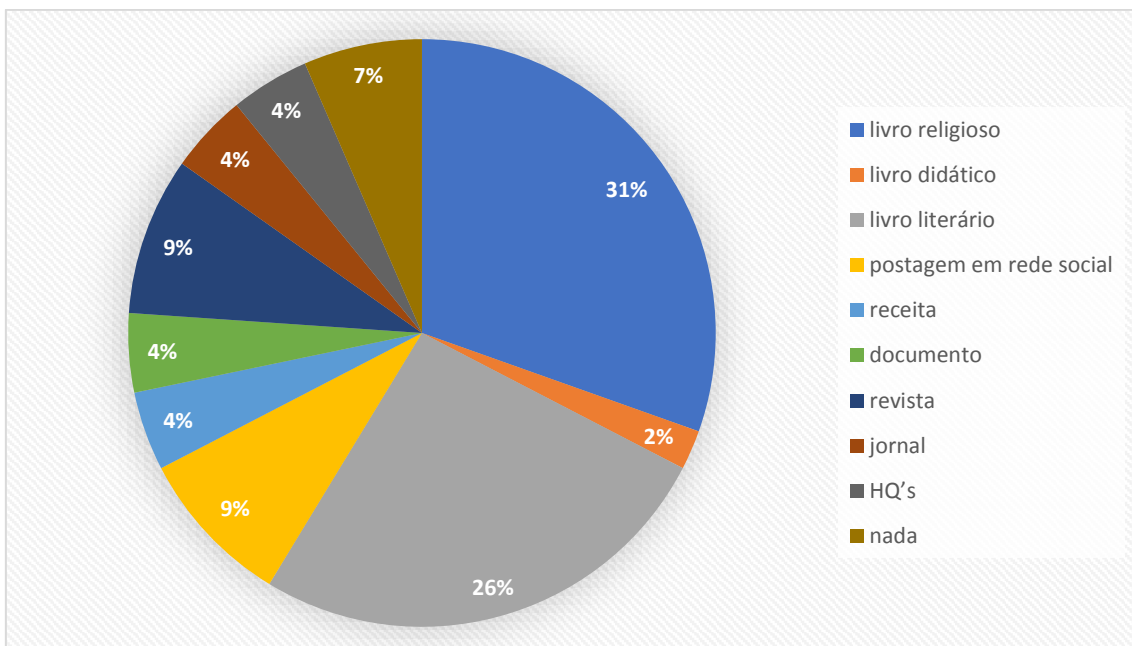
Ao analisar as informações registradas no questionário, verifico que o fato de os alunos realizarem suas leituras majoritariamente na escola sugere que eles têm uma concepção de leitura como uma obrigação da escola/sala de aula que não tem sido estimulada tão quanto na escola.

Mas quando investigadas as práticas de letramento dos alunos em ambiente de rede, acerca do uso da internet, as repostas revelam que as preferências de leitura estão entre o que é publicado em redes sociais como *Facebook* 23%, *Instagram* 21%, *What's app* 21%, *YouTube* 24%, que demonstram que o interesse na leitura dos alunos, realizada majoritariamente em casa, não se conectam com as práticas de leitura realizadas na escola, conforme **Graf. 3**.

Gráfico 3 – Na internet...

Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

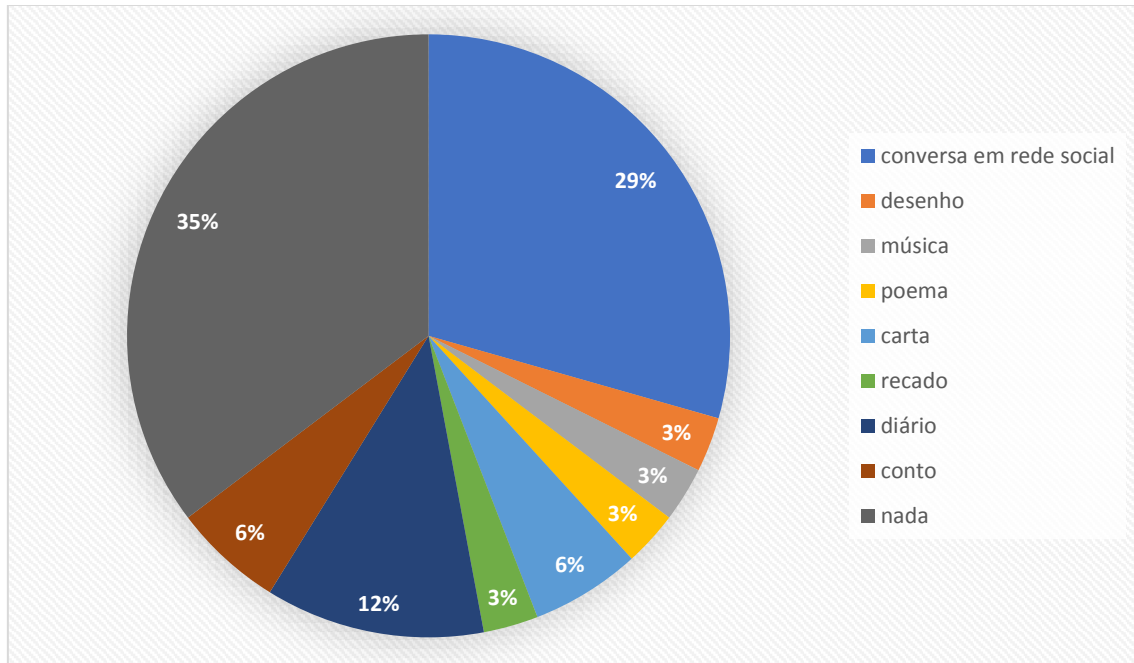
Outro aspecto ligado às práticas de letramento dos alunos se refere à influência familiar que curiosamente tem como maior foco de leitura obras de natureza religiosa 31%, seguido de obras literárias 26%, supostamente por influência da egressa vivência escolar, e já está também imersa nas redes sociais quando se trata de circular pela internet, embora muito lentamente em comparação aos nossos estudantes, conforme **Graf. 4**.

Gráfico 4 – Na sua família, o que as pessoas costumam ler?

Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

Quando se trata de escrita, os alunos também têm valorizado as práticas de letramento do ambiente digital, isso porque os alunos reconhecem suas produções textuais em rede social 29% que só perde para a produção de músicas 35% que os estudantes dessa turma têm o costume de produzir, conforme **Graf. 5**.

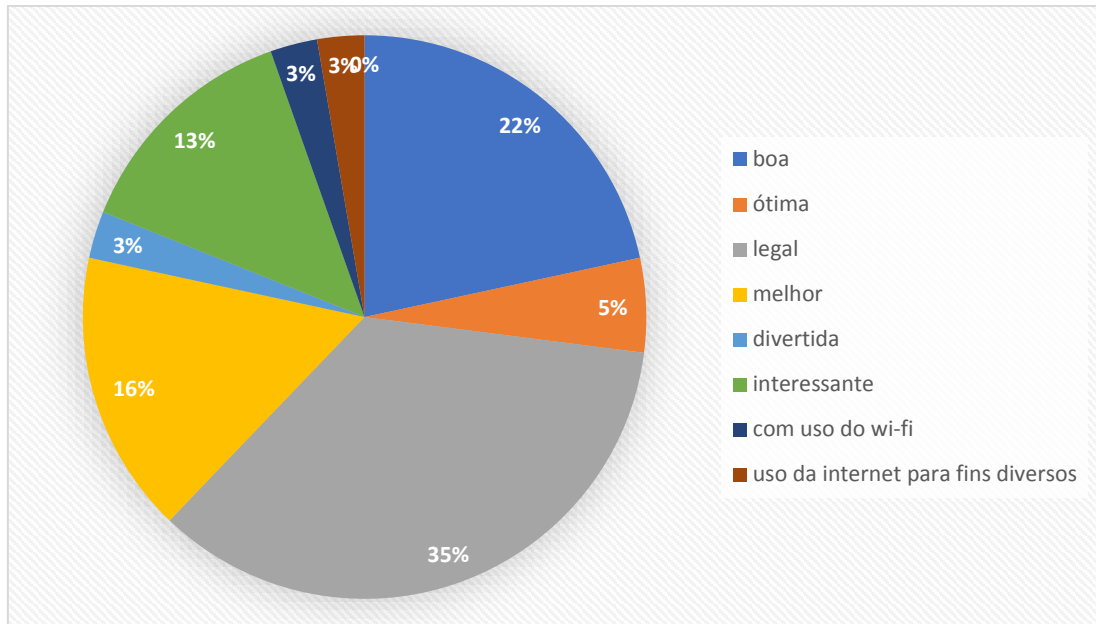
Gráfico 5 - Além das atividades escolares, o que você costuma escrever?



Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

Curiosamente, o gráfico 5 mostra também que as conversas hoje em dia são realizadas principalmente por escrito. Com o advento das redes sociais as pessoas passaram a exercer o letramento impresso de forma online, já que a escrita passou a ser mecanismo fundamental de comunicação no ambiente em rede.

Chama a atenção a reação dos alunos ao serem questionados como eles imaginariam as aulas de português com o uso da internet e de equipamentos eletrônicos como o celular, computador e/ou outros do tipo para a realização de atividades de leitura e escrita. Isso porque não houve nenhuma resposta de natureza pejorativa, pelo contrário, os alunos mostraram-se otimistas em relação ao trabalho com o letramento digital, conforme **Graf. 6**.

Gráfico 6 - Como você imagina as aulas de português com o uso da internet...

Fonte: Dados construídos pela professora-pesquisadora

O gráfico 6 mostra as respostas da pergunta 5 da parte 3 do questionário (disponível no anexo) evidenciando que nenhum dos alunos deu resposta negativa, o que mostra de forma interessante a abertura e interesse pelo letramento digital.

Oportunamente, também investiguei o conhecimento prévio dos alunos em relação ao gênero tutorial em vídeo, uma vez que é trabalhado no protótipo didático. A maior parte da turma 76% afirmou nunca ter produzido um tutorial em vídeo. Dos que afirmaram ter feito 24% produziram o gênero com temáticas diversas, sobretudo no campo de *games*, a **Tab. 1** traz o detalhamento:

Tabela 1 - Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você fez?

Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você fez?	Ocorrências	Percentual
Play Store	1	11%
Jogo	5	56%
Maquiagem	2	22%
Culinária	1	11%
Total	9	100%

Fonte: Dados construídos pela professora pesquisadora

Diferentemente, entre os que afirmaram ter assistido 76% o gênero, foram apontadas temáticas diversas, sobretudo no campo de estética, a **Tab. 2** traz o detalhamento:

Tabela 2 - Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você assistiu?

Qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você assistiu?	Ocorrências	Percentual
Estética	13	40%
Jogo	6	18%
Aplicativo	7	21%
Roupa	1	3%
Brinquedo	1	3%
Informática	1	3%
Desenho	1	3%
Culinária	3	9%
Total	33	100%

Fonte: Dados construídos pela professora pesquisadora

Enfim, o perfil da turma: alunos e alunas adolescentes, residentes do Entroncamento, que se encontram inseridos em práticas de letramento na maior parte de suas vidas. Eles afirmam realizar leitura majoritariamente na escola e escrever prioritariamente a demanda que faz parte de sua cultura; têm pais/responsáveis que são leitores de obras religiosas, literárias, mídias de relacionamento. A concepção de leitura e escrita se afasta da valorizada na escola, sobretudo no que diz respeito ao contato com as novas tecnologias digitais de comunicação, em que estão imersos na cultura digital, pois verifiquei que a maior parte da produção de escrita desses sujeitos tem sido dedicada às redes sociais. Provavelmente por esse motivo o trabalho com o gênero tutorial em vídeo revelou-se tão motivador para os alunos.

A roda de conversa atrelada ao questionário permitiu conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, foi oportuno para que eles falassem o que pensavam acerca do assunto, numa conjuntura mais dinâmica e menos formal entre a professora pesquisadora e os alunos.

A dinâmica da roda de conversa aconteceu em dois horários de aula e iniciou-se com a leitura de dois textos produzidos por dois alunos dessa turma, ganhadores do concurso de redações da Secretaria de Educação da cidade do ano de 2019. Após a leitura do material, convidei os alunos a expressarem seus pontos de vista sobre a escrita dos alunos, como também sobre o incentivo de projetos que estimulam a leitura e a escrita, indaguei-lhes sobre o que eles achavam sobre nossas aulas e, como poderiam ser as nossas aulas nas próximas

unidades, perguntei-lhes se achavam importante a presença deles na escola, motivei ainda a reflexão acerca do uso das tecnologias nas aulas como instrumentos pedagógicos e finalizei questionando-lhes sobre o papel da família em sua formação educacional.

Durante a roda de conversa supramencionada, durante a discussão “a tecnologia na sala de aula”, houve maior atuação dos alunos com comentários variados: “*eu só usei um computador no terceiro ano*” (sujeito V2). “*Ano passado eu usei muito a tecnologia, mas minha escola era particular*” (sujeito L2), “*Muito mais dinâmico*” (sujeito L1).

As anotações do diário de campo registraram os processos de aprendizagem dos partícipes da pesquisa e auxiliou na reformulação de determinadas atividades do protótipo didático (material didático usado na intervenção pedagógica) bem como nortearam a composição da seção em que trato das implicações da intervenção neste memorial.

3.4 Contexto escolar

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Laura Folly, localizada na Rua Raul Seixas, bairro do Entroncamento, Dias d’Ávila. A localidade é periférica, possui histórico de violência e uma forte relação com tráfico de drogas que envolve disputas de facção. Um recorte que até o início de 2019, antes da intervenção disciplinar militar na escola, era fortemente evidenciado nas paredes da referida instituição escolar feito com siglas que representam a facção dominante naquela região produzido pelos próprios alunos como forma de demarcação territorial.

Essa escola foi considerada por muito tempo a pior da rede municipal de ensino, devido ao seu histórico de violência no bairro e adjacência, pela péssima infraestrutura e pela qualidade no ensino. Todavia essa realidade mudou um pouco, desde a implementação disciplinar militar como mencionado. Já no meio do ano de 2019 a procura pela escola aumentou consideravelmente, creio que devido a promessa de qualidade na educação proposta e amplamente divulgada na cidade por essa nova gestão militar. Diversas reformas já foram feitas e ainda se encontra em fase de adaptação, pois ainda carece de muitos recursos sobretudo tecnológicos como relatado principalmente na seção em que trato da intervenção pedagógica. A seguir, apresento uma ilustração da escola, conforme **Fig.1**

Figura 1 - Entrada da escola



Fonte: acervo pessoal da professora pesquisadora

A escola passou a ter duas gestões, sendo um diretor disciplinar militar – responsável pela disciplina (comportamento) dos alunos e uma diretora pedagógica – responsável pelos aspectos de natureza pedagógica. Segregados logisticamente, porém em diálogo constante na tentativa de manter a qualidade de ensino dessa unidade.

Até o momento da realização dessa pesquisa, a escola funcionava nos três turnos: manhã, tarde e noite. Outro ponto estrutural, conforme informações concedidas pela secretaria, a instituição referida oferece o Ensino Fundamental II, sendo a maior procura por matrícula no turno matutino. Acerca do público, esse setor também confirma que são pessoas pertencentes a classes populares de comunidade periférica.

Traço aqui a descrição desse ambiente tanto em seus aspectos infraestruturais quanto em sua constituição humana. Em relação à estrutura física a escola possui quatorze (14) salas de aula, recentemente, no início de 2019, reformadas após a implementação do “intervenção disciplinar militar” cuja expressão denota a intervenção disciplinar militar na escola, daí o uso do termo “disciplinar”, usado para representar autonomia parcial dos militares na instituição escolar, uma vez que o “tutor educacional”, assim chamado, tem a responsabilidade de cuidar apenas da disciplina (comportamento) do aluno e não da parte didática, que fica a cargo da gestão pedagógica da escola. Explicado isso, afirmo que após a implementação desse novo formato educacional, foram colocadas lâmpadas e ventiladores nas salas, transformaram a biblioteca em sala dos professores, a sala de multimeios (que contém ar-condicionado que beneficia o ambiente, projetor multimídia e televisão disponíveis para uso coletivo por meio de agendamento com a coordenação) funciona também como sala de aula, quadra

poliesportiva ainda em reforma, área para lanche e refeitório, sala dos tutores disciplinares, como também temos as salas da secretaria, de coordenação e direção.

Infelizmente a biblioteca não pode mais receber os alunos devido a nova ocupação dos docentes, já que agora virou sala dos professores. Embora a descaracterização da biblioteca seja um problema grave, ainda podemos usar os livros e periódicos quando solicitados pelo professor (a) para leitura em sala de aula. Porém, a ausência de um espaço destinado a leitura como a biblioteca me preocupa, pois pode afetar o potencial de leitura dos alunos desta escola. Provavelmente outras adaptações serão feitas. As imagens a seguir podem ilustrar alguns cômodos mencionados, conforme **Fig.2, Fig.3, Fig.4 e Fig.5**

Figura 2 – Sala de aula



Fonte: acervo pessoal da professora pesquisadora

Figura 3 – Pátio da escola



Fonte: acervo pessoal da professora pesquisadora

Figura 4 – Sala dos professores - biblioteca



Fonte: acervo pessoal da professora pesquisadora

Figura 5 – Quadra



Fonte: acervo pessoal da professora pesquisadora

Em relação ao quadro funcional havia uma carência em relação aos funcionários de apoio de sala, mas com a chegada da gestão militar, os tutores também passaram a auxiliar no controle dos alunos, que antes muitas vezes os alunos ficavam fora da sala de aula. Este ano, foi implementado oficinas de música, português e matemática que ocorrem no turno oposto.

A mudança na gestão escolar trouxe benefício na infraestrutura da escola em certa medida, porém do ponto de vista pedagógico não houve mudança significativa. Decerto que os alunos mudaram certas posturas dentro e fora da sala no que diz respeito a indisciplina, todavia não se vê um engajamento nas ações escolares, tampouco na sala de aula em relação a participação nas aulas e na realização das atividades propostas pelos professores, o que me leva a questionar se o problema do ensino aprendizagem de nossos alunos reside tão somente na questão disciplinar, a ponto de ser necessário a intervenção militar nas escolas públicas.

Fatores externos à escola, como a comunidade, também colaboram para o progresso da escola. Como já reportado aqui, muitos alunos são expostos diariamente a violência e aliciamento para o tráfico que implica muitas vezes diretamente na evasão do aluno na escola. Outro fator, é a família, de modo geral não muito participativa no entorno escolar. Diversos são os casos de alunos que sofrem abuso sexual em casa ou de muitos pais que obrigam seus filhos a assumirem quase que exclusivamente a responsabilidade dos afazeres domésticos. Precocemente, muitos alunos assumem funções de ordem doméstica como cuidar dos irmãos na maioria das vezes ou até mesmo cozinhar, tarefa não muito comum quando se trata de adolescentes. Tais ações por vezes comprometem o tempo disponível para os estudos extraescolares, segundo afirmam os alunos da escola. Mas adiante nessa pesquisa, na seção em que relato a intervenção, é possível notar como essa realidade implicou nas escolhas temáticas das produções finais – tutoriais em vídeo dos sujeitos da pesquisa.

3.5 Sujeitos da pesquisa

A turma do 8º A era composta no início do ano letivo de 2019 por 40 alunos matriculados, desses apenas 38 participaram efetivamente da pesquisa, pois uma aluna engravidou e trancou a matrícula, já o outro pediu transferência da escola.

Em 2018, ministrei aula com parte dos alunos dessa turma quando eram ainda 7º ano – posteriormente, alguns alunos mudaram de escola e outros foram relocados de classe após a mudança de série – e pude perceber uma desmotivação recorrente ligadas às práticas de leitura e produção de texto tradicionalmente realizadas pela escola, postura que se mostrava diferente quando essa prática ocorria em ambiente digital, em especial nas redes sociais e

durante a atuação nos *games*, isso porque usavam frequentemente o seus *smartphones* na sala de aula.

A ideia de trabalhar com o gênero tutorial em vídeo, pertencente ao ambiente digital, foi previamente cogitada durante as diversas conversas que tínhamos em 2018, realizadas nas aulas do 7^a ano A, com a qual discuti, durante todo o ano, as dificuldades encontradas na disciplina e quais as possíveis soluções para enfrentá-las. Lembro-me que, em uma dessas discussões, eu apresentei a esses alunos um trabalho que havia desenvolvido com uma turma de oitavo ano dessa mesma escola em 2017: a elaboração do gênero vídeoaulas sobre as classes morfológicas. Saliento que esse conteúdo gramatical já constava no planejamento que recebi quando entrei na escola. Conteí-lhes acerca dos resultados obtidos com essa outra turma na produção desse gênero digital, inclusive o fato de que esse gênero digital possibilita ao aluno compartilhar seus estudos e as aprendizagens em rede. Essas discussões foram importantes para que os alunos do 7^o ano refletissem sobre o trabalho com um gênero digital.

Assim, quando assume o 8^o ano A, em 2019, em nosso reencontro, com a retomada das discussões após apresentação do projeto de intervenção pensamos em trabalhar com um gênero digital que permitisse ampla divulgação em rede para compartilhar com a escola a produção dos alunos e que também focasse nas habilidades de leitura e produção de textos multimodais tão recorrentes na contemporaneidade e de interesse dos alunos. Pensamos em dinamizar as aulas de Língua Portuguesa na escola. Considerando essas questões, sugeri o trabalho com o gênero discursivo tutorial em vídeo, ressaltando seu caráter atual e recorrente no cotidiano deles.

Enfatizo que, embora a escola não tenha aparelhos tecnológicos de última geração, esse fator não inviabilizou a atuação da intervenção, pois durante nossas atividades, como descrevo mais adiante, usamos as tecnologias digitais que tínhamos o que incluiu a utilização dos *smartphones* dos alunos e da professora pesquisadora.

Penso que a intervenção implementada com a turma do 8^a ano A, do turno matutino, contribuiu com as mudanças na postura do alunado que passou a interagir muito mais com a sua comunidade escolar. Reitero o privilégio de ser professora desses mesmos alunos por dois anos consecutivos – no 7^a A e 8^o A – que permitiu uma relação afetuosa e atenta, pois acompanhei suas angústias em relação ao ensino de Língua Portuguesa, no que diz respeito tanto a leitura quanto às produções textuais e a vontade de vencê-las como foi feito, felizmente, durante a intervenção.

4. MULTILETRAMENTOS E OS LETRAMENTOS DIGITAIS

Apresento aqui as revisões teóricas que realizei para dar mais consistência ao trabalho investigativo, feito durante a pesquisa na Escola Municipal Laura Folly, com meus alunos no 8º ano A. Discuto a seguir concepções acerca dos multiletramentos e dos letramentos digitais necessários para o trabalho com a produção dos tutoriais em vídeo, gênero central das atividades que compõem o material didático usado na intervenção. Para isso, recorro para dialogar comigo nessa discussão, estudiosos como (STREET, 2014); (LEMKE, 2010); (ROJO, 2009 e 2013); (COPE; KALANTZIS, 2013); (ROJO; MOURA, 2012); (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016); (LÉVY, 1998) e (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996).

A primeira compreensão para iniciar a discussão, gira em torno do termo letramento o qual origina-se do inglês *literacy* que designa ao mesmo tempo alfabetização e as práticas sociais de leitura e escrita. Conforme Street (2014) o termo foi problematizado, visto que se observou que muitos adultos conseguiam conviver em ambientes em que é necessário lidar com a escrita sem serem alfabetizados. Logo passou-se a questionar a equivalência entre letramento e alfabetização. Sendo assim, entende-se letramento como as práticas sociais da escrita e a alfabetização como a decodificação dos códigos da escrita. Ainda a respeito do conceito de letramento Lemke (2010) afirma que

todo letramento é letramento multimidiático: você nunca pode construir significado com a língua de forma isolada. É preciso que haja sempre uma realização visual ou vocal de signos linguísticos que também carrega significado não-linguístico (por ex.: tom da voz ou estilo da ortografia). Para funcionarem como signos, os signos devem ter alguma realidade material, mas toda forma material carrega, potencialmente, significados definidos por mais de um código. Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimidiático (LEMKE, 2010, p. 456)

Desse modo, letramento envolve não apenas o conhecimento do código escrito, mas é centrado em um aspecto sócio-histórico em que o sujeito aprende também a usar a língua em seus diferentes contextos cotidianos. Segundo Cope; Kalantzis (2013) as novas práticas de comunicação da contemporaneidade suscitaram novos letramentos incorporados em novas práticas sociais promovendo mudanças nas formas de participação dos cidadãos nos espaços ocupados, ativando talvez até mesmo novas formas de identidade e personalidade.

As reflexões contemporâneas mostram que há diferentes e múltiplas formas de letramento e não apenas um “Letramento” único e neutro como tradicionalmente pensava-se a alfabetização como ponto de partida para a compreensão da escrita em virtude das relações de poder. Diante disso, passou-se a tratar de letramentos no plural, isso porque há em distintos

setores sociais outras formas de letramentos e que, portanto, devem ser reconhecidas ao que Street (2014) chama de “práticas de letramento”.

As transformações globais requerem que a escola hoje possibilite aos seus alunos várias práticas sociais que se apropriam da leitura e da escrita para a vivência nos centros urbanos de forma ética e estética, crítica e democrática. Para chegar a esse fim o ensino de língua portuguesa deve considerar os multiletramentos, sobre o qual Rojo; Moura (2012) defendem que

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar- aponta para os dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO; MOURA, 2012, p. 13)

No que diz respeito à multiplicidade de culturas pressupõe-se produções culturais letradas em ativa veiculação social configuradas enquanto um conjunto de textos híbridos de distintos letramentos e diferentes campos - popular, de massa e erudito. Essa multiplicidade tem como característica as “coleções” (Ibidem), termo que se refere a escolha pessoal, política e de hibridização. Para a autora, a produção cultural de cada pessoa é que permite fazer sua própria coleção, sejam escolares canônicas ou partir da inserção de outros gêneros do discurso e de outras mídias. Logo, há uma dessencialização de cultura(s), ou seja, não deve existir dicotomias entre cultura popular e erudita; central e marginal; canônica e de massa, por exemplo.

Já em relação à multiplicidade semiótica presume-se diferentes modos ou semioses que só produzem sentido de forma integrada, logo, requerem multiletramentos, ou seja, exige capacidade e práticas de compreensão de cada uma das semioses para fazer significar. Assim os multiletramentos são necessários sobretudo para o trabalho com os novos gêneros da contemporaneidade.

Diante desse contexto, creio que seja indispensável uma reflexão acerca da pedagogia dos multiletramentos que segundo Cope; Kalantzis (2013)

permite pontos de partida alternativos para a aprendizagem (o aluno percebe que vale a pena aprender, o que envolve as particularidades de sua identidade). Permite formas alternativas de envolvimento (as experiências variadas que precisam ser trazidas para o aprendizado, as diferentes inclinações conceituais dos aprendizes, as diferentes perspectivas analíticas que o aluno pode ter sobre a natureza da causa, efeito e interesse humano, e os diferentes cenários

em que eles podem aplicar ou promulgar o conhecimento deles). (COPE; KALANTZIS, 2013, p.124, tradução minha)

Pode-se entender que a pedagogia dos multiletramentos promove as situações de aprendizagens que permite o crescimento de uma pessoa que passa a se sentir confortável consigo mesma e flexível o suficiente para colaborar e negociar com outras pessoas de culturas diferentes para atingir um interesse comum.

Somado a isso, é interessante reconhecer que as transformações capitalistas têm impulsionado novas concepções metodológicas de como se trabalhar o ensino de línguas, sobretudo a partir do uso das novas tecnologias digitais. E embora pareça estar afastada das práticas sociais cotidianas, a escola não deixa de sentir tais efeitos. Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p.17) assumem a ideia de que “assim como todas as tecnologias de comunicação do passado, nossas novas ferramentas digitais serão associadas a mudanças na língua, no letramento, na educação, na sociedade.”

A popularização dos computadores bem como o advento da *web 2.0* contribuíram para que práticas de letramentos digitais fossem intensificadas, quer dizer os usos das TDIC's (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) fomentaram a troca do capital cultural e a formação de inteligência coletiva que faz emergir o que Lévy (1998) chama de cibercultura. Então, podemos dizer que letramento digital se configura como práticas sociais de leitura e escrita a partir das TDIC's. Ressalto que entendo *web 2.0* a partir de da ótica de Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) ao defini-la como

nova geração de ferramentas baseadas na *web* como *blogs, wikis e sites* de redes sociais, focadas na comunicação, no compartilhamento e na colaboração, e que, portanto, transforma usuários comuns na internet, de consumidores passivos de informação, em colaboradores ativos de uma cultura compartilhada. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 18)

Com o advento da *web 2.0* eclodiu-se o interesse nos letramentos digitais que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) (Ibidem) “são habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”, por isso a esse respeito a escola, refiro-me sobretudo à instância pública da qual faço parte, não pode ignorar o quanto as novas práticas discursivas oriundas da tecnologia de informação atraem cada vez mais o alunado para uma inovadora realidade social.

Diferentes publicações indicam a necessidade de (re) pensar o conceito de letramento a partir da mudança da cultura do papel para a cultura da tela, cabendo a escola potencializar

o que Rojo (2009, p.12) chama de “o diálogo multicultural”. A autora faz essa afirmação porque, na educação tradicional, as práticas de letramento na escola centram-se majoritariamente em atividades que prestigiam os aspectos gramaticais no ensino da língua. A esse respeito Lemke (2010) esboça uma preocupação com a prática didática atual ao afirmar que

Ninguém pode prever as transformações do século XXI durante a revolução tecnológica da informação. Nós certamente não podemos continuar ensinando nossos estudantes apenas os letramentos da metade do século XX, ou simplesmente colocar na frente deles os letramentos mais avançados e diversos de hoje. Precisamos ajudar essa geração a aprender a usar sabiamente os letramentos e esperar que eles se saiam melhor do que nós. (LEMKE, 2010, p. 475)

Para acompanhar essas mudanças, é preciso que os professores atuem de forma a inserirem as práticas que envolvam o letramento digital. Afirmo isso porque os multiletramentos advindos das novas relações sociais e dos gêneros multissemióticos impulsionam a escola, na qual faz-se essencial trabalhar os gêneros multimodais digitais com os alunos para desenvolver as práticas de leituras de gêneros multimidiáticos e de sua produção, promovendo, na sala de aula, o letramento digital, visto que os jovens estão em constante contato com essas diversas modalidades discursivas, conforme Rojo (2013):

Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem o texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hipermídia. (ROJO, 2013. p. 44)

Isso porque os atuais desafios se instalam nos recentes modelos discursivos que perpassam as relações sociocomunicativas dos sujeitos: os diversos gêneros discursivos organizados em diferentes modalidades (linguagem verbal escrita, verbal oral, não verbal, imagética e sonora, gestual, e outras semioses de significar cada vez mais presente na mídia cotidiana e nas práticas culturais que segundo Cope; Kalantzis, (2013) constituem o segundo "multi" - a multimodalidade, decorrente das formas contemporâneas de representação que precisam ser complementadas em um pedagogia dos multiletramentos, para que se possa aprender a ler e escrever textos multimodais que integram os outros modos com a linguagem.

Como discutido, os novos gêneros têm se organizado com som, imagem, movimento, escrita e outros elementos semióticos reunidos quase que simultaneamente. É justamente por essa razão que o gênero multimodal se torna um objeto de análise demasiadamente

interessante para os estudos linguísticos atuais. Sob essa ótica, Lemke (2010) assume a ideia de que não podemos continuar pensando que exista apenas um 'letramento', ou que isto seja apenas o que as mentes individuais fazem quando confrontadas com um símbolo de cada vez.

Enquanto as crianças estão aprendendo a distinguir recursos semióticos diferentes (por exemplo, desenhando e escrevendo) e, portanto, dando vazão a espaços combinatórios mais amplos para usá-los de formas coordenadas, nós estamos apenas ensinando-as a usar um deles: a escrita. Quando nós de fato ensinamos outras modalidades, como cantar, desenhar ou fazer mímica, nós ainda não ensinamos os alunos sobre as tradições e possibilidades para combiná-las com a escrita e vice-versa. Isto precisa mudar, muito rápida e profundamente, se queremos ajudar os alunos a desenvolverem letramentos multimidiáticos sofisticados. (LEMKE, 2010, p.462)

Na esteira do autor, Kress; Van Leeuwen (1996) também defendem que toda semiose é multimodal, Já que não basta apenas ensinar as diversas modalidades seja escrita, oral, gestual ou imagética, pois é necessário que o aluno compreenda a interação dessas semioses e como elas se dão em cada contexto de produção das situações comunicativas. É preciso, pois, ensinar e compreender antes disso, como vários letramentos combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente.

Essa discussão nos leva a crer que a crescente demanda por gêneros multimodais é algo que não pode, de forma alguma, ser ignorado pela escola. Assim, ainda que certas ações de linguagem do mundo contemporâneo se realizem fora da sala de aula, é impossível negar o quanto a prática docente sofre suas implicações, e urge por mudanças significativas nas estratégias de ensino.

Por fim, é importante afirmar que os novos gêneros multimodais passaram a exigir do leitor, no contexto escolar do alunado e do(a) professor (a), novas habilidades de leitura e escrita, a depender da modalidade usada, confirmando a noção de multiletramentos. Outro ponto crítico é que, infelizmente, tanto as instâncias municipais, quanto estaduais responsáveis pelo ensino básico não dão a devida atenção à “formação docente”, prevista pela BNCC (2017, p.17), necessária para que o professor possa acompanhar as novas tendências, como por exemplo, o ensino de língua a partir das práticas de letramento digital. Essa isenção contribui para que o alunado não avance em seus conhecimentos de leitura e escrita já que não são motivados pelo corpo docente, provocando um desequilíbrio das intensas modificações sociais e da pluralidade cultural com o ensino de língua portuguesa.

Por fim, nessa pesquisa considere a necessidade de se trabalhar alguns letramentos digitais específicos: impresso, em SMS, em multimídia, móvel, em pesquisa, pessoal, em rede

e o intercultural que estão agrupados em três pontos focais – linguagem, informação e conexões – durante a intervenção.

5. TUTORIAL EM VÍDEO: UM GÊNERO CONTEMPORÂNEO

A escolha do tutorial em vídeo como gênero central das atividades realizadas durante a intervenção requereu uma dedicação prévia do estudo desse gênero digital. Isso porque para o melhor entendimento de como se compõe um gênero é necessário a observação de suas categorias textuais. Nessa seção apresento uma breve discussão acerca dos conceitos sobre gênero, como também o estudo das categorias bakhtinianas que permeiam o gênero discursivo sobretudo o tutorial em vídeo.

Durante a pesquisa, encontrei uma restrita literatura acerca do tutorial em vídeo, por isso decidi estudar com mais afinco sua origem e atuação na esfera cotidiana, tomando como base a análise de seu contexto de produção, seu conteúdo temático, estrutura, estilo e função. Esse estudo me direcionou para a composição de uma episteme acerca do tutorial em vídeo. Ademais o material desenhando nessa seção também orientou a composição das atividades do protótipo didático – material didático que apresento logo mais na próxima seção.

Essa seção apresenta, portanto, a conceituação do gênero discursivo, a análise do gênero tutorial em vídeo e os resultados obtidos.

5.1 Gênero e suas particularidades

No caminhar da pesquisa e sobretudo na discussão teórica que cerceia a pedagogia dos multiletramentos e os letramentos digitais, o gênero ocupa cena de destaque, já que por meio deste as pessoas criam realidades de significação no uso de textos. Bazerman (2006, p.63) sabiamente afirma que "as teorias e pesquisas sobre gênero nos ajudam a identificar os espaços sociais inventados que medeiam a comunicação". Por isso nessa seção apresento uma reflexão sobre a teoria de gênero e suas particularidades.

Refletindo, brevemente, a historização do conceito de “gêneros” recorro aos pensamentos platônicos e aristotélicos, da poética e da retórica que começaram a distinguir e a tipificar os gêneros. Assim, os domínios da arte poética e do cotidiano por muito tempo foram tratados em separado até o século XX, momento em que se ampliou a partir das reflexões bakhtinianas sobre os gêneros a todos os discursos sem distinção.

Vê-se que por muito tempo, a linguagem esteve posta como um mecanismo passivo de comunicação, que permitia ao indivíduo somente descrever sua percepção, pensamento ou

sentimentos. Hoje, diferentemente, sob uma perspectiva bakhtiniana, admite-se que, ao falar, o indivíduo não só compartilha suas observações como também interfere no mundo, modificando suas relações com os demais. Assim, grande parte das atividades humanas sobretudo as que envolve mais de um indivíduo têm um viés comunicativo forte.

De modo que nossas leituras, produções escritas e/ou orais precisam estar ancoradas em situações de interação social em que os indivíduos fazem um determinado uso da língua. Logo, a vida social do ser humano se constrói a partir de sua capacidade de interação com seus semelhantes por meio da linguagem. Essa interação condiciona as atividades sociais, por isso nossos discursos são produzidos em virtude de cada esfera de utilização da língua. Bazerman (2006) chama a atenção acerca das ações comunicativas ao sugerir que

quanto mais importantes forem as ações comunicativas na atividade, maior será a influência da organização da comunicação não apenas sobre a natureza e a organização da atividade, mas também sobre as relações sociais desenvolvidas nessa atividade. (BAZERMAN, 2006, p.131)

Em uma sequência de eventos sociais diversos textos bem como fatos sociais são produzidos. Este autor vai dizer que esses fatos não poderiam existir se as pessoas não os realizassem por meio da criação de textos, no caso do tutorial em vídeo, gênero em estudo, a produção de roteiro, de legendas, de comentários em rede social, *posts*, típicos desse gênero, por exemplo, criam fatos sociais que afetam as ações das pessoas.

As diversas demandas suscitam uma variedade de discursos, de elaboração individual e coletiva simultaneamente, a que Bakhtin (1997, p. 280) caracteriza como sendo resultado de que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Isso quer dizer que todas as nossas falas, sejam formais ou não, estão simbolizadas em um gênero discursivo.

A linguagem, portanto, para o autor sob uma perspectiva enunciativa, torna-se materialidade semiótica e linguística realizada em uma esfera de prática social. Assim, é possível perceber que alguns gêneros assumem características que os aproximam ou os distanciam, formando grupos discursivos, como por exemplo, os gêneros da esfera familiar ou da esfera informacional e tantas outras que nascem das necessidades reais de comunicação entre os sujeitos falantes da língua. Bazerman (2006) acerca do enunciado condiciona que

Se percebemos que um tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontramos numa situação similar. Se começamos a seguir padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim, podemos antecipar melhor

quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis. Tais padrões se reforçam mutuamente. As formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como *gêneros*. (BAZERMAN, 2006, p. 29)

Embora Bazerman (2006) discorra acerca das “formas padronizadas”, a partir do uso constante e contínuo de determinados gêneros discursivos, reconhecidos facilmente devido às suas similaridades sobretudo de sua função, é importante ressaltar a instabilidade dos gêneros, como defende Bakhtin (1997), sobretudo no que se refere ao tutorial em vídeo, em estudo nessa pesquisa, conforme análise das amostras desse gênero, descrita mais à frente ainda nessa seção, revelou ser ele bastante variável.

Em todo caso a intenção comunicativa do enunciador se concretiza pela adoção de um gênero do discurso. Essa decisão é tomada em função da especificidade de um campo, bem como das demandas de uma temática. Posteriormente, “o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado” (BAKHTIN, 1997, p.302).

Os gêneros discursivos são reconhecidos por suas categorias textuais distintas que nos dizem muito sobre sua função, esta por sua vez oriunda das mais diversas situações comunicativas presentes nas práticas sociais. Logo, a discussão acerca do gênero nesta pesquisa se centra na reflexão bakhtiniana:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1997, p. 280)

Na minha pesquisa, para melhor entender o tutorial em vídeo como gênero discursivo, considerei conforme Bakhtin (1997) a ideia de que a pretensão do locutor quando diz algo se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso cuja escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática, por isso discute o fato de que três elementos genéricos se fundem na realização dos enunciados: a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo associados à função do gênero.

Outrossim, o conteúdo (temático), o estilo e a construção composicional não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos das condições de

produção e da função de um dado gênero. De modo que o tema se desenvolve em função do contexto comunicativo e do intuito do autor. O estilo é delineado pelas unidades temáticas e composicionais e, a relação do locutor com seus interlocutores é fundamental para a sua configuração. A construção composicional se responsabiliza pela organização e pela estruturação do gênero, atuando como um molde que deve considerar as diversas possibilidades comunicativas das esferas sociais. Destarte, as categorias textuais tanto concedem o rápido reconhecimento de um gênero quanto, conforme Bakhtin (1997, p. 280), refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas.

Cabe aqui esclarecer que o conteúdo temático não se trata do assunto em si, já que comporta as diversas atribuições de sentidos e seus recortes possíveis para um dado gênero do discurso. De modo que essa categoria varia conforme a finalidade do autor e com o público que ele quer atingir. Isso ficou mais claro para mim a partir da minha análise do tutorial em vídeo cuja função cotidiana abarca possibilidades inesgotáveis de temática, que versam desde culinária, saúde, entretenimento até as que abordam tecnologia, informática, games entre outras. A esse respeito Bakhtin (1997) defende que

o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido. A escolha dos recursos linguísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (o autor). É a fase inicial do enunciado, a qual lhe determina as particularidades de estilo e composição. (BAKHTIN, 1997. p. 308)

No que tange à construção composicional, procurei em minha análise, descrita mais adiante, tratar da forma como o gênero discursivo se organiza, mais especificamente como se estrutura o tutorial em vídeo, atenta à progressão temática, à coerência e coesão do texto em que se concretiza, considerando “a forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. (BAKHTIN, 1997, p. 302).

Em relação ao estilo cujas escolhas linguísticas direcionam o que o enunciador quer dizer, essa categoria é responsável por atribuir o sentido desejado, cuidando das escolhas lexicais, de estrutura frasal, dos registros linguísticos tão caros ao gênero discursivo. De modo geral, Bakhtin (1997, p. 283) aponta que “o estilo individual não entra na intenção do enunciado, não serve exclusivamente às suas finalidades, sendo, por assim dizer, seu epifenômeno, seu produto complementar”.

Em síntese, a estrutura composicional diz respeito à própria forma de apresentação e organização do gênero, a sua estruturação e a sua apresentação. Já o conteúdo temático diz respeito aos efeitos de sentido, à significação do enunciado no gênero, ou seja, aos assuntos

possíveis de serem abordados nos enunciados de um dado gênero. E por fim o estilo que é a seleção operada nos recursos da língua - lexicais, fraseológicos e gramaticais - como se refere Bakhtin (1997)

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, como o discurso do outro, etc) (BAKHTIN, 1997, p.283)

Na esteira do autor, Travaglia (2007) define as duas primeiras categorias textuais (a estrutura composicional e o conteúdo temático) de forma semelhante, porque se baseia inteiramente no filósofo da linguagem, e sobre a última o autor vai defender que as características da superfície linguística do texto, a qual enquanto para Bakhtin (1997) é a categoria de estilo, para ele são elementos composicionais de formulação da sequência linguística. Estas categorias textuais são essenciais para a compreensão do gênero pesquisado cuja função está além de “ensinar algo a alguém na internet” como se pode observar na análise sobre os exemplares de tutoriais em vídeo, propositalmente selecionados, cujas descrições se encontram na seção seguinte.

Considerar os aspectos linguísticos de um discurso implica em refletir sobre a controvérsia acerca do que são tipos de texto e gênero de discurso. Essa dinâmica pode inclusive ser feita com o aluno para que ele possa refletir sobre esses conceitos que estão presentes na abordagem dos gêneros como eu fiz com os sujeitos da pesquisa durante uma das atividades em que comparamos os gêneros receita e tutorial em vídeo. Quanto às distinções entre tipos e gêneros de texto, recorro a Marcuschi (2002), que os define como

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Os modos são argumentativo, narrativo, expositivo, descritivo ou injuntivo.

- Gênero textual refere-se aos gêneros materializados em situações comunicativas recorrentes. São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2002, p. 154-155)

Na ótica desse autor o tipo compõe o gênero, ou seja, o tipo é parte das características composicionais (estrutura composicional) do gênero, já que os tipos segundo ele buscam

classificar os textos com base em características linguísticas (léxico, referenciação, sintaxe, relações lógicas de coerência e coesão, tipos e tempos verbais, natureza da composição).

A classificação de tipos de texto narrativo, argumentativo, descritivo e injuntivo, propostas por Marcuschi (2002), aparecem assim classificados no livro didático adotado pela escola em que atuo e serve de base para o planejamento escolar. Considerando essas premissas é possível admitir o tutorial em vídeo como um texto predominantemente injuntivo, que segundo Rojo (2015) são

aqueles que buscam regular o comportamento e a ação das pessoas, como, por exemplo, as regras e regulamentos e as receitas, que definem o que se deve fazer. Sua característica principal é, pois, usar verbos no imperativo ou infinitivo. (ROJO, 2015, p. 26)

Ressalto que o desenvolvimento do projeto de pesquisa de base bakhtiniana não pensa em sociocomunicação, mas sim em interação. Dado isso, entendo o gênero discursivo tutorial em vídeo em uma perspectiva interacionista, dada a sua manifestação concreta, dado em vista o campo e o contexto sócio-cognitivista. Conforme Bazerman (2006) os gêneros são parte do modo como as pessoas dão forma às práticas sociais, pois segundo o autor "a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos" (BAZERMAN, 2006, p.31).

Como vemos o gênero atua como um mecanismo constitutivo em nossa formação social, cultural e até mesmo psicológica de forma interativa com outros processos que formam a vida em sociedade. Sob esse viés que aponto a relevância do trabalho com o gênero discursivo em sala de aula, pois acredito que o ensino da língua portuguesa precisa ter sentido na elaboração de textos em que o enunciador se posicione como protagonista dessa construção. E isso se torna possível quando o professor (a) leva para sala de aula um gênero do discurso pertencente às práticas cotidianas do seu aluno, esse ensino aproxima a teoria da prática.

Não se trata, porém, de somente inserir gêneros discursivos, ou de permitir acesso a outros ambientes e ferramentas no currículo escolar, para melhorar a escrita, mas de propiciar a escola a reflexão estética, ética e política das ações envolvidas nas práticas de produção dos gêneros de forma contextualizada. Creio que antes, é importante refletir acerca das questões conceituais que envolvem os gêneros. Para isso em princípio, visito a edição da BNCC (2017) que aponta a noção de gêneros usados como primeiro plano nas questões de ensino e aprendizagem da língua, uma vez que

o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem”. (BRASIL, 2017, p.65).

Nessa pesquisa, elenquei o gênero tutorial em vídeo para trabalhar na intervenção. A respeito desse gênero, que aparenta ser recente, ganhou destaque a partir de 2005, período em que o *YouTube* virou unanimidade em postagem de vídeos pelos usuários em rede, segundo a Tecmundo (2017) o trio formado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim registrou o domínio *youtube.com*. Assim, a existência dessa plataforma foi o suficiente para disseminar os mais variados gêneros e atrair os mais variados usuários. Com o advento da criação de canal nessa plataforma, o usuário enxergou a possibilidade de interagir socialmente e de obter vantagens financeiras, já que essa plataforma passou a receber diversos investimentos. Nesse contexto, o gênero tutorial em vídeo ganhou um status de *online*, já que agora pode ser acessado livremente pelo usuário em rede.

No mundo contemporâneo, em que as tecnologias digitais evoluem, cada vez mais, esse gênero ganhou vida, sendo amplamente publicado não só no *YouTube*, como também no *Facebook*, dentre outras plataformas digitais. Claro que isso se deu em decorrência da rapidez com que as informações são divulgadas nesse ambiente em rede que, certamente, exige que questões conceituais de leitura e modos de ler sejam acionados.

Vale ressaltar que esse gênero multimodal é marcado pela intergenericidade (um gênero com a função de outro). Em alguns tutoriais em vídeo analisados, que descrevo na seção posterior, percebi a presença de um usuário da internet que pretende ensinar algo a outros usuários em rede por meio do uso de diversas semioses sobretudo a oral para cumprir com tal finalidade. Schcnewly e Dolz (2014) apontam que, na exposição oral

O papel do expositor é o de transmitir um conteúdo, ou dito, de outra forma, de informar, de esclarecer, de modificar os conhecimentos dos ouvintes nas melhores condições possíveis, procurando diminuir, assim, a assimetria inicial de conhecimentos que distingue os dois autores desse contexto de comunicação. (SCHCNEUWLY; DOLZ, 2004, p.186)

No caso do tutorial em vídeo essa situação é notada entre o produtor do tutorial e o interlocutor. O que pode resultar num caráter positivo já que haverá, possivelmente, uma interação no aprendizado entre interlocutores e enunciadorees do tutorial em vídeo. O que comumente já acontece com os tutoriais em vídeo dispostos em rede, atualmente, que não têm sido produzidos unicamente por especialistas sobre o assunto ensinado – embora o autor do tutorial em vídeo, em tese, saiba mais que seu interlocutor, já que vai lhe ensinar alguma coisa

– mas que provavelmente tem transmitido ao espectador a sensação de identificação com o locutor e, dinamizado a realização das mesmas ações ensinadas durante o tutorial em vídeo. Ademais, para desenvolver um bom trabalho em sala de aula com esse gênero, apresento logo mais a análise reflexiva realizada por mim, a partir de amostras desse gênero cujas informações são extremamente importantes para o melhor entendimento desse gênero discursivo multimodal.

5.2 Análise do tutorial em vídeo

Após a breve discussão da teoria dos gêneros discursivos, passamos para a análise do tutorial em vídeo para melhor compreendê-lo como gênero discursivo. Por isso a necessidade de analisar algumas produções já existentes e publicadas na internet. Essa análise também é primordial para a realização das atividades presentes no protótipo didático, no qual para a produção do gênero em estudo, pressupõe-se que seu ator domine o gênero.

Para realizar a investigação sobre o gênero tutorial em vídeo, eu segui algumas diretrizes metodológicas por isso separei exemplares de tutoriais, os quais descrevo logo mais, para examinar as consistências e as variações das características e suas funções considerando os padrões relativamente estáveis dos gêneros. Por isso ao final da análise apresento uma síntese com os padrões estáveis que emergiram durante esse processo.

Antes de apresentar a análise que compõe essa seção saliento que o tutorial em vídeo é um gênero com interseções, uma vez que os critérios de classificação ainda são móveis, por se tratar sobretudo de um gênero recente. Por isso para compor a análise do gênero tutorial em vídeo tomei como base os construtos teóricos bakhtinianos cujas reflexões nos permitem concluir como os vínculos dialógicos atuam nas categorias discursivas representadas pelo conteúdo, composição e o estilo do enunciado. Em minha análise, observei separadamente essas categorias a fim de alcançar uma apreciação mais pontual de cada elemento, sem deixar de relacioná-los, quando necessário, mesmo porque esses elementos estão “indissolivelmente ligados no todo do enunciado” como defende Bakhtin (1997, p.280). Apesar da estrutura, conteúdo e estilos serem interdependentes, cada um desses elementos mantém predicados próprios, por isso focalizo nessa análise propriedades mais específicas de cada um.

Entretanto como a teoria bakhtiniana foca nos enunciados verbais (orais e escritos) e, tendo em vista o fato de o gênero escolhido para esta pesquisa ser um gênero discursivo multimodal, senti a necessidade de verificar nos tutoriais em vídeo como a organização

estética dos diversos modos semióticos fazem significar dentro dos textos multimodais. De modo a perceber como o paralelismo e a intersemiose dos modos semióticos verbais e visuais são evidenciados, a partir das categorias da Gramática do *Design* Visual. Insiro, portanto, nessa análise a Semiótica Social por considerar todos os modos semióticos que acompanham o modo verbal cujo foco está centrado nas funções sociais da linguagem.

Busquei trazer nessa análise contribuições teóricas da Semiótica Social e da Multimodalidade a fim de perceber como esses pressupostos contribuem na apreciação do texto, mais especificamente do tutorial em vídeo, no que diz respeito aos modos não verbais da comunicação presentes nesse gênero. A esse respeito, é preciso evidenciar que Semiótica Social tem foco no processo de significação, situando-o como parte da construção social. Santos; Pimenta (2014) sobre esse campo de estudo esclarece que

Quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação. (SANTOS; PIMENTA, 2014, p.299)

Ainda percorrendo esse caminho teórico, o campo da multimodalidade considera os vários modos e meios de significação dentro do possível disponíveis aos atores sociais mencionados no excerto acima. Para compor a análise das composições visuais tomo como referência a Gramática do Design Visual a qual Kress e Van Leeuwen (1996,2006) estabelecem uma perspectiva multimodal que contempla os significados representacionais, os interativos e os composicionais que operam simultaneamente na imagem suscitando alguns padrões a partir da realidade apresentada.

Frente a isso, nesse momento destaco os procedimentos utilizados para a composição da análise do gênero tutorial em vídeo: apresento os critérios adotados para a seleção dos tutoriais em vídeos e, em seguida descrevo a análise. Primeiramente, penso que seja importante destacar que decidi usar os vídeos disponíveis no site do *YouTube*, por ser um ambiente que permite o compartilhamento de vídeos variados bem como por veicular suas publicações em outras redes sociais como *Facebook*, por exemplo.

Considerando essas questões, traço uma breve narrativa metodológica acerca da seleção dos tutoriais em vídeo realizada por mim para compor essa análise. Assim, como professora-pesquisadora lancei-me numa pesquisa no *Google* para coletar textos diferentes para análise e sistematização. De modo que para iniciar a pesquisa, digitei a expressão “tutorial em vídeo” na barra de busca do *Google* e cheguei a algumas indicações: tutorial sobre jogos *online*, tutorial sobre *apps*, tutorial sobre uso de remédios, tutorial sobre comida,

tutorial sobre maquiagem, e muitos outros. O interessante é que ao clicar em qualquer uma dessas alternativas aparece uma quantidade significativa de vídeos.

Então, observei os detalhes na descrição dos vídeos, a fim de restringir a quantidade dos textos para serem analisados, com base no filtros presentes no próprio site como a data de publicação, o número de visualizações, o número de aprovação e desaprovação dos vídeos; o número de inscritos; a duração e, ainda sim, havia muitos exemplares, por esse motivo adotei outros critérios para a seleção:

- i) selecionei vídeos de temas variados, alguns que acredito auxiliar nas atividades com o gênero em estudo, uma vez que tratam da produção do tutorial em vídeo e, posteriormente farão parte do protótipo didático;
- ii) acrescentei também, outros de temas que apresentam comportamentos de outro gênero com a finalidade de verificar se as características do gênero tutorial em vídeo se mantinham;
- iii) a partir dos temas, selecionei vídeos com uma duração de até sete minutos e meio, senão seu uso poderia se tornar cansativo para os participantes da pesquisa durante a aula;
- iv) por fim, selecionei os vídeos que julguei, em uma primeira impressão, serem bem elaborados, sobretudo os que apresentavam boa acústica, porém alguns com um caráter mais profissional e outros mais “caseiros”, com o propósito de contrastar os elementos variantes e invariantes do gênero e além disso para apresentar tutoriais em vídeo possíveis de serem produzidos por meus alunos.

Posto isto, segue a lista dos tutoriais em vídeo selecionados que compuseram o protótipo didático:

1. *TUTORIAL: Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula*¹ (07min30seg);
2. *Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah. Mundo da Menina*² (02min56seg);
3. *PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADAPOR DR LUCAS FUSTINONI*³ (02min02seg);
4. *Como fazer slime com cola branca*⁴! (03min41seg).

¹ Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>

² Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

³ Disponível em: <https://youtu.be/DuOjfme2s5E>

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Assim, selecionei intencionalmente quatro (4) tutoriais para compor o dispositivo didático mencionado que dialogam com o repertório sociocultural dos meus alunos e com as considerações tecidas pelos mesmos durante os diálogos promovidos nas rodas de conversa em sala de aula acerca das demandas de produção desse gênero digital.

Apresento os tutoriais em vídeo quem fazem parte da coleção mencionada anteriormente que comportam semelhanças e diferenças, pois conforme Bakhtin (1997) todo gênero é formado por enunciados “relativamente estáveis”. Assim, nos exemplares selecionados para a análise constarão os elementos variantes e invariantes.

Por fim, antes da apreciação da análise, resolvi fornecer os dados descritos dos tutoriais em vídeo analisados, já que se encontram disponíveis na plataforma do *YouTube* como data de postagem, número de visualizações, de aceitação dos usuários e quantidade de inscritos, bem como sua duração. De modo que descrevo a seguir brevemente as quatro (4) amostras analisadas:

- ***TUTORIAL: Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula (doravante VÍDEO 1)***

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 21 de dez de 2013; possui o número de 193.437 visualizações; 6,4 mil curtidas de “gostei” e 210 de “não gostei”; 772 mil inscritos e duração: 07min30seg. (dados atualizados em 03 de março/20). Local do suporte: Central de compartilhamento de vídeos no *YouTube*.

O vídeo1 aborda a elaboração do tutorial em vídeo. Sob uma perspectiva metalinguística, o tutorialista ensina ao usuário em rede o passo a passo das ações necessárias para a produção desse gênero.

- ***Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah. Mundo da Menina (doravante VÍDEO 2)***

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 11 de maio de 2015; possui o número de 2.221.310 visualizações; 54 mil curtidas de “gostei” e 1,3 mil de “não gostei”; 3,02 mil inscritos e duração: 02min56seg (dados atualizados em 03 de março/20). Local do suporte: Central de compartilhamento de vídeos no *YouTube*.

O vídeo 2 aborda a produção de um brigadeiro com uva, sob uma perspectiva bastante diferente da receita comum - gênero impresso. Nessa apresentação, ministrada por uma tutorialista que já faz parte da mídia internet, também são retomadas as memórias juvenis das seguidoras de seu canal.

- ***PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI (doravante VÍDEO 3)***

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 03 de outubro de maio de 2018; possui o número de 45.895 visualizações; 1,4 mil curtidas de “*gostei*” e 42 de “*não gostei*”; 1,9 mi de inscritos e duração: 02min02seg (dados atualizados em 03 de março/20). Local do suporte: Central de compartilhamento de vídeos no *YouTube*.

O vídeo 3 aborda as informações acerca do medicamento conhecido como Paracetamol. Sob uma perspectiva diferente da bula comum - gênero impresso, o tutorialista instrui didaticamente sobre os diversos aspectos medicinais que envolvem o consumo dessa medicação.

- ***Como fazer slime com cola branca! (doravante VÍDEO 4)***

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 02 de agosto de 2015; possui o número de 5.236.849 visualizações; 80 mil curtidas de “*gostei*” e 12 mil de “*não gostei*”; 36,1 mil inscritos e duração: 03min41seg (dados atualizados em 03 de março/20). Local do suporte: Central de compartilhamento de vídeos no *YouTube*.

O vídeo 4 apresenta uma versão da confecção de um brinquedo conhecido como *slime*. Sob uma perspectiva diferente do manual de instruções comum - gênero impresso, a tutorialista instrui de uma forma dinâmica a produção desse produto.

Destarte, apresentarei as informações relativas à análise realizada, a partir da observação dos vídeos supramencionados, na ordem seguinte:

- I) O contexto de produção;
- II) A organização temática;
- III) A organização estrutural;
- IV) A organização estilística.

I) O contexto de produção

Descrevo aqui os parâmetros que influenciam na produção dos tutoriais em vídeo analisados. De um modo geral nos vídeos analisados um (a) tutorialista ensina a um (a) usuário (a) em rede como fazer algo. Notei que o apresentador pode se apresentar como um

especialista do assunto ou simplesmente como aquele que domina bem o tema a ser explorado. No [vídeo 1](#), por exemplo, ao olhar o produtor, verifiquei o uso de termos como “*java script*”; “*html*”; “*Sony vegas*”; “condensador”; “*Microsoft*”; “*headset*”; “*hypercam*”; “*YouTuber Catcher*”; “*Paint*” que são léxicos próprios de uma pessoa que tem minimamente razoável conhecimento sobre o ambiente digital. Esse enunciador que está pressuposto me leva a inferir que esse tutorialista vem a ser um especialista do campo da área da informática. De modo semelhante, no [vídeo3](#), o tutorialista vestido de jaleco se apresenta como um médico profissional com grande propriedade intelectual acerca do assunto abordado em seu tutorial em vídeo. A roupa e o uso de termos como “dano hepático”; “*uticária*” típicos de profissionais da saúde concatenado com o assunto abordado vinculado ao campo, considero pistas discursivas que indicam que ele é um especialista do campo da área médica. Além disso, quando se observa a descrição do vídeo (informações abaixo do vídeo), encontram-se dados informacionais como o número de inscrição no CRM (Conselho Regional de Medicina), nome completo do médico, a sigla “Dr.”, e as redes sociais desse profissional para dar credibilidade ao discurso apresentado.

Todavia, no [vídeo 2](#) e no [vídeo 4](#) por sua vez, destaco o perfil mais amador das apresentadoras, uma vez que se trata apenas de tutorialistas adolescentes que nutrem o desejo de compartilhar seu conhecimento de mundo com os internautas, ressalvo entretanto que a apresentadora do [vídeo 2](#) já possui uma espontaneidade maior, uma intimidade com a câmera, perceptível no modo de se posicionar durante a apresentação, como se o ato de produzir tutoriais em vídeo já fosse algo recorrente em sua vida.

Em alguns vídeos, observei que o (a) tutorialista fala por uma instância superior, representando por vezes um canal específico do próprio site. De modo que suas identidades são reveladas no interior do vídeo, e com a extensa rede de ambiente social, atualmente, ficou mais fácil verificar a veracidade das informações pessoais emitidas pelo locutor.

No [vídeo 1](#), por exemplo, percebi que na abertura aparece de imediato a logomarca e o endereço do canal “*Brainstorm*”. Isso sugere uma estratégia que permite convidar o usuário a visitar seu canal e assistir a outros tutoriais com assuntos afins. Esse fenômeno se confirma na fala do locutor desse mesmo vídeo ao dizer “*bem-vindo a mais um vídeo aqui no Brainstorm Tutoriais*”, conforme a **Fig. 6** a seguir:

Figura 6 – Logomarca do canal Brainstorming



Fonte: Print screen da abertura do tutorial “*Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula*”.

Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>

O mesmo acontece com [vídeo 2](#) no qual aparece também na abertura do vídeo o *slogan* do canal “Mundo da Menina”, conforme **Fig. 7** abaixo:

Figura 7 – Logomarca do canal Mundo da Menina



Fonte: Print screen da abertura do tutorial “*Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah*”.

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

No [vídeo3](#), essa técnica se repete e consta a logomarca do canal relativo à saúde “É Claire” do dr. Lucas Fustitoni, conforme **Fig. 8** a seguir:

Figura 8 – Logomarca do canal E Clairé



Fonte: Print screen da abertura do tutorial “*PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADAPOR DR LUCAS FUSTINONI*”.

Disponível em: <https://youtu.be/DuOjfme2s5E>

Essa tendência se configura no [vídeo 4](#) quando a apresentadora também apresenta informações de busca para seu canal, conforme ilustra a **Fig. 9** a seguir:

Figura 9 – Logomarca do canal Ingrid Barbosa



Fonte: Print screen da abertura do tutorial “*Como fazer slime com cola branca!*”.

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Os exemplos acima são representações conceituais que apresentam um objeto simbólico: a logomarca do canal de seus produtores, funcionando como uma espécie de argumento de autoridade. Essa tendência presente nos vídeos, dessa análise, corrobora com a ideia defendida na pesquisa acerca da autopromoção difundidas nas redes sociais atualmente, apontada aqui como um dos objetivos principais da plataforma YouTube, onde esse gênero é veiculado. Percebi a recorrência dessa representação conceitual durante as passagens de abertura, no final e, às vezes, em ambos.

A escolha do nome para o canal é uma estratégia adotada para o convencimento do interlocutor na adesão na plataforma *YouTube*, e promove a fidelidade desse usuário que por meio do nome do canal já sabe como encontrar no site de busca. No protótipo didático, na atividade em que os alunos são convidados a fazer seu próprio canal no *YouTube*, a professora mediadora ciente dessa postura, pode motivar os alunos a pensarem em um nome para seu canal em que eles possam postar vídeos contínuos para um determinado público.

Em relação aos interlocutores dos vídeos em análise, os apresentadores durante toda a apresentação fornecem pistas que revelam seu público alvo, embora a internet seja um espaço aberto e público, existe um leitor pressuposto perceptível sobretudo pela escolha da linguagem usada do (a) tutorialista, como também pelo canal em que se veiculam os tutoriais em vídeo. No [vídeo 1](#), por exemplo, pude perceber que o tutorialista direciona seu conteúdo para os usuários iniciantes na produção de vídeos em canais do *YouTube*, conforme a fala do locutor.

No [vídeo 2](#), várias materialidades sinalizam claramente o público alvo do vídeo. Levando em conta os estereótipos sociais referentes a gênero, temos o cenário caracterizadamente feminino e juvenil. Nele há a predominância da cor rosa e lilás; encontram-se, objetos ao fundo, lembrando decoração de quarto de “menina”. O estilo de roupa da tutorialista, que aparenta ter entre 15 a 17 anos, e as cores também reforçam ser um tutorial voltado para o público juvenil feminino. Esse reforço também é dado pelo estilo e

colorido das letras que compõem a expressão que nomeia o programa: “Mundo de meninas” e o nome da tutorialista: “Gabriella”; e o modo como a apresentadora se comunica com seus telespectadores: “oi meninas”, que geralmente é um estilo “juvenil”.

No [vídeo 3](#), o tutorialista é um especialista no assunto. Na interlocução, parece se dirigir ao grande público, notadamente, adultos solteiros e casados com e sem filhos, mas que têm costume de se automedicar e/ou de medicar suas crianças. O tutorialista especialista trata seu interlocutor como aquele que não sabe, mas quer obter informações balizadas sobre o assunto, por isso se inscreve no canal que se apresenta como “vídeo educativo...”, mas que sejam passadas de modo simples para fácil entendimento. Isso fica claro pelo tom didático do texto oral, pelo uso de vocabulário mais do cotidiano, com pouco uso de termos técnicos, uso de gestos que intensificam o conteúdo expressado por palavras, e repetição de informação.

Já no [vídeo 4](#), o público alvo é marcado no discurso tanto pelo perfil da tutorialista: uma adolescente, com 11 anos; pelo assunto característico do mundo adolescente: fazer *slime*. O estilo de fala também caracteriza o público: frases curtas, mais para o informal, utiliza como função fática a palavra “gente” que é repetida várias vezes a cada instrução. Além disso, usa expressões características da idade como “super “facinho” de fazer”, “faz barulhinho”, “muito legal”, “super divertido”. Fora isso, o próprio *YouTube* classifica esse tutorial pertencente a um canal para crianças.

Ainda a respeito do interlocutor vale salientar que ele tem a opção de assistir ao vídeo pausando, para acompanhar as ações dos apresentadores ao passo em que realiza o que é ensinado quando lhe for conveniente. Ademais, os vídeos são direcionados a todos os usuários em rede com os mais variados perfis.

Pensar no perfil do interlocutor é uma das tarefas presentes no protótipo didático. Momento em que o aluno pode perceber que é necessário um cuidado com todos os elementos que compõem a comunicação e garantirão sua eficácia. Portanto, a professora motivadora trabalha atividades que possibilitem o entendimento de que o contexto é importante na elaboração de nossos construtos comunicacionais.

O interessante é que esses tutoriais em vídeos se encontram no *YouTube*, *site* que permite uma forma de interação, um espaço para responder ao produtor do vídeo por meio de “gostei” ou um “não gostei”, representado por ícones disponíveis no canal, e por meio de comentários. Esse mecanismo de interação é importantíssimo, pois é como se pode medir o nível de aceitação dos produtores dos tutoriais, uma vez que o gênero em estudo possui além da função de ensinar algo a alguém, o intuito de entreter e até mesmo ganhar seguidores, visibilidade na internet ou simplesmente divulgar um trabalho.

Nos exemplares analisados essa postura fica mais evidente no [vídeo 1](#), por exemplo, quando o locutor afirma que o conteúdo do vídeo teve influência de seus seguidores, chega a dizer que “*a galera vem me pedindo há muito tempo*”, mostrando o quanto o interlocutor tem influência na produção do seu tutorial em vídeo. No [vídeo 2](#) e no [vídeo 3](#), os locutores também fazem o pedido para o usuário se inscrever no canal diretamente, já no [vídeo 4](#), o convite para dar *likes* e se inscrever no canal é feito pelas legendas ícones de curtida na tela. Saber disso é importante porque é preciso dizer que essa interação tem um outro objetivo que é o registro das visualizações e o aceite positivo do conteúdo publicado, o que implica ser mais conhecido, e ser mais divulgador de marcas que pagam para associar seus nomes ao *YouTube*.

Na última sessão do protótipo didático, os alunos têm a oportunidade de assistir aos tutoriais em vídeo de seus colegas e comentarem, deixarem um *like* e até mesmo se inscreverem. Durante essa etapa a professora deve reforçar com os alunos a necessidade de respeitar o outro e dar um feedback construtivo. Alertar para o fato dos outros objetivos dos canais que vão além de meros conteúdos de diversão, entretenimento, dentre outros.

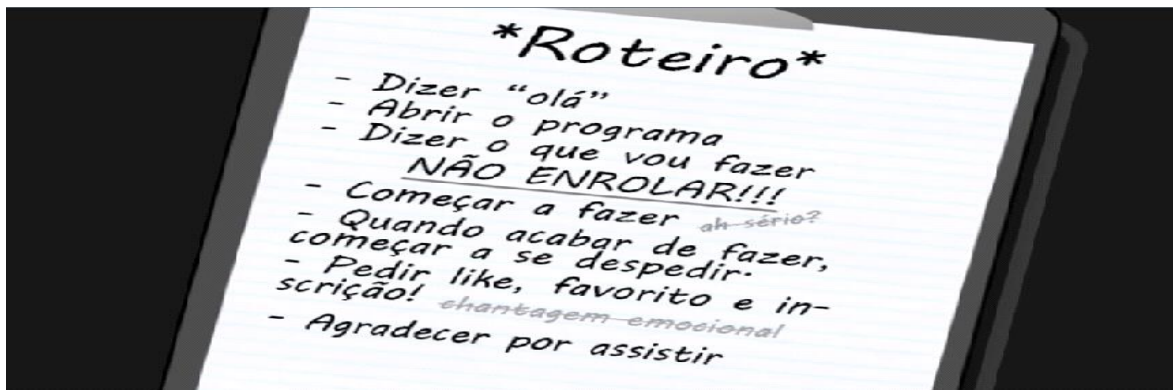
Outro ponto observado desse recente gênero digital, assenta-se em sua produção realizada por meio de recursos enunciativos - orais e escritos - como também por meio de outras semioses. É perceptível que há uma maior dinamicidade nesse gênero de natureza injuntiva quando comparado, por exemplo, com uma receita, uma bula ou um manual de instrução de origem impressa cuja sequência descritiva das ações apesar de ser multimodal como o tutorial em vídeo, não apresenta semioses como imagem em movimento, sonoridade e gestualidade, por exemplo. Discorrerei mais sobre isso no decorrer da minha análise e durante uma das atividades do protótipo didático em que comparamos uma receita com um tutorial em vídeo com a finalidade de percebermos o contraste desses gêneros.

Não me parece tão simples produzir um tutorial em vídeo, de forma que para elaborá-lo o produtor precisa preparar os materiais previamente, e em certos casos creio que seja necessário a produção de um roteiro, conforme descreve o tutorialista do [vídeo 1](#), no qual esse locutor ao estabelecer as condições de produção de um tutorial em vídeo, informa que para a realização de suas gravações é necessário ter *hardwares* disponíveis tais como os smartphones Android ou iPhone, ou aparelhos móveis como o tablet, iPad ou notebook ou ainda o tradicional computador.

Segundo o locutor além desses instrumentos digitais, é necessário ter um microfone ou se quiser um vídeo mais sofisticado um *headset*. Posteriormente, o locutor ainda aponta para a importância de ser ter *softwares* para gravação e edição. Nesse momento do vídeo, o

locutor afirma que existem aplicativos grátis e outros pagos. Inclusive indica um gratuito o *Youtubecatsher*. Constatei o tutorialista ainda indicar um aplicativo de edição o *Sonyvegas*. Acrescento que o locutor também aponta que o produtor do tutorial em vídeo deve minimamente ter um conhecimento acerca do que será ensinado. Ao finalizar o vídeo informa que é necessário criar um canal no *YouTube* e postar os vídeos, para que se cumpra a principal função social desse gênero de instruir o usuário em rede a realizar determinada ação de acordo com suas demandas cotidianas. Interessante destacar que o tutorialista chega a fazer uma listagem de ações necessárias para a produção tutorial em vídeo, conforme **Fig. 10** a seguir:

Figura 10 – Modelo de roteiro de um tutorial em vídeo



Fonte: Print screen do tutorial “Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula”.

Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>

Frente a isso, comparando os exemplares, destaco que no [vídeo 4](#) não há uma preocupação com a qualidade de gravação e edição do vídeo, uma vez que é bem caseiro, pois é possível até ouvir o barulho de cachorros ao fundo. Tampouco existe uma preocupação com o preparo da apresentação como deve ser feito conforme o [vídeo 1](#), porque penso que a tutorialista do [vídeo 4](#) ao dizer “*daqui a pouco eu volto, a cola tá entupida, calma que eu vou desentupir ela*”, não demonstra ter tido o cuidado de organizar previamente o material a ser trabalhado na apresentação, conforme sugere o [vídeo 1](#).

Ciente dessas questões, o produtor de um tutorial em vídeo não pode desprezar o processo de pesquisa das informações a serem trabalhadas no vídeo, da gravação, da edição, da inscrição do canal e das postagens. Todavia, vale reforçar que nesse momento, a partir da proposta temática de cada tutorialista, bem como suas escolhas estilísticas, a estrutura de cada tutorial em vídeo também será remodelada, como veremos mais adiante.

O [vídeo 1](#) é a primeira amostra a ser exibida durante a execução do protótipo didático, justamente por apresentar informações relativas à produção do vídeo. Durante a reunião de

pais/responsáveis será exibido esse vídeo para que os presentes possam de forma mais genérica conhecer aspectos relevantes da produção desse gênero. Além disso, na etapa de produção dos tutoriais dos alunos, estudaremos por sessão cada etapa reportada pelo tutorialista do [vídeo 1](#), como a discussão das temáticas, a elaboração do roteiro, a organização dos materiais necessários para o desenvolvimento do vídeo, como no caso do [vídeo 2](#) em que a tutorialista organiza todos os ingredientes, como também o processo de gravação e edição, além disso serão desenvolvidas as atividades relativas à postagem e comentários como já mencionado.

II) A organização temática

O conteúdo temático está fincado em vínculos dialógicos no qual o enunciado se conecta com outros textos, pois segundo Bakhtin (1997, p.316) “Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente”. Assim ao lançar sua voz, o tutorialista considera outras vozes que estão relacionadas com seu texto. Assim, ao compor seu enunciado o sujeito não considera apenas o tema ou o assunto como também leva em conta outras enunciações que estão correlacionadas com o tema ou assunto de que se trata seu texto. Como se coloca Bakhtin (1997) ao afirmar que

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. (BAKHTIN, 1997, p.319)

O conteúdo temático reside no que o enunciador pretende dizer que está relacionado ao campo. Isso é bem observado em cada vídeo. Por exemplo, no [vídeo 1](#), sob uma perspectiva metalinguística o tutorialista aborda o ensino acerca da produção de um tutorial em vídeo qualquer, chamando a atenção do (a) usuário (a) para as ferramentas necessárias (*hardwares* e *softwares*) para a composição desse gênero. Nesse vídeo fica claro a ampla gama de conteúdo que esse gênero pode comportar, escolhido a partir da demanda de cada autor em relação aos seus usuários (interlocutores) de cada canal. Porém o próprio tutorialista desse vídeo critica a produção de um tutorial em vídeo em que não se tenha total domínio no assunto discorrido.

O [vídeo 2](#), por sua vez revisita o gênero impresso receita, de uma forma muito mais dinâmica, pois aqui a tutorialista compartilha não só o aprendizado de um brigadeiro de uva, como também compartilha com os internautas suas memórias e experiências em relação ao produto confeccionado durante o vídeo, ao passo que demonstra seu estado de felicidade em participar da produção deste tutorial em vídeo.

No [vídeo 3](#), o campo determina o conteúdo temático, no caso: o campo médico. Isso implica que o conteúdo: educar alguém para o uso da medicação Paracetamol, só pode ser veiculado - como funciona o medicamento, como usá-lo - por um especialista, que tem que agir como um, por isso, veste jaleco, apresenta seu CRM, adjetiva seu nome com “Dr.”

Já no [vídeo 4](#), vê-se a ocorrência da temática entretenimento bastante recorrente entre os jovens da atualidade que buscam cada vez novidade. Neste vídeo a tutorialista ensina a confeccionar um *slime*, uma espécie de massinha feita a base de cola, água boricada e tinta, que tem promovido a alegria das crianças e adolescentes em todo o país. Por fim, as quatro temáticas distintas desses tutoriais em vídeo e de muitos outros, dispostos na internet, podem contemplar o texto de manual de instruções, receita ou bula, devido a sua intergenericidade, porém defendendo que a peculiaridade desse gênero digital o torna muito mais que uma simples adaptação/evolução dos gêneros impressos mencionados, sobretudo devido a sua extensa possibilidade temática.

O gênero tutorial em vídeo possui características que o aproxima de outros gêneros como mencionado, entretanto possui marcas temáticas, composicionais e estilísticas bem peculiares que possibilitam sua identificação no ambiente digital sobretudo porque suas características estão intimamente ligadas às suas funções principais bem como às atividades realizadas pelo gênero, uma vez que o tutorial em vídeo não só cumpre a finalidade de ensinar algo a um usuário em rede, como também preocupa-se em promover uma notoriedade do enunciador do gênero em rede. Pensando em como podem existir distinções naquilo que se chama de mesmo gênero ou evolução de gênero, Bazerman (2006, p. 41) defende que “podemos refletir como as diferenças nas formas estão relacionadas às diferenças na organização social e na organização da atividade de cada campo”.

Assim, sobre o título é interessante também destacar que em todos os vídeos em análise, o delineamento do conteúdo temático se inicia já pelo título do vídeo que comporta o assunto que cada vídeo irá abordar. Ocupa, portanto, um espaço composicional específico ligado à temática destacando-se do restante do texto. Essa nomenclatura atribuída aos tutoriais em vídeos permite uma praticidade quando o (a) usuário (a) procura por eles no site de busca. Além disso, os títulos observados apresentam marcadores coesivos que ajudam a identificar o

gênero em questão, tais como “*para quê*” ou “*como*”, usado estrategicamente para configurar que o tutorial em vídeo pretende ensinar o modo como se faz uma determinada ação.

Outro ponto reside no fato do usuário em rede também possuir uma vida comum e, em seu cotidiano se deparar com diversas necessidades, desde como realizar uma receita, produzir determinado produto ou até mesmo a tomar um remédio, conforme os vídeos em análise. Assim, tais demandas diárias é que ensejam a produção dos tutoriais, por isso a diversidade de assuntos desse gênero.

Os tutoriais em vídeos aqui expostos abarcam a realidade de um determinado modo em função das características do gênero discursivo em que se consolida. Até porque se fosse outro o gênero provavelmente seria outro o tratamento temático. Como já se salientou, conteúdo, estilo e composição se relacionam e se interferem mutuamente. Caso a temática do [vídeo 2](#), [vídeo 3](#) ou [vídeo 4](#) fosse veiculada em outro gênero, teríamos um outro contexto (nenhum texto se materializa fora de um contexto), portanto, teríamos outro modo de dizer e o que dizer, já que o desenvolvimento temático se dá conforme certas possibilidades do gênero em que se materializa.

III) A organização estrutural

Em relação a construção composicional, levando em consideração o campo em que se materializa o texto, aponto como a configuração geral do texto, em relação a sua disposição e organização em partes. No caso do tutorial em vídeo, a organização composicional se dá por meio da produção em vídeo, de duração bem diversa, por meio do qual o tema é desenvolvido. Nessa estrutura em vídeo, o enunciador promove uma instrução por meio de recursos verbais e outras semioses que criam um espaço composicional específico desse tipo de gênero. De modo que a estrutura composicional aqui apresentada tem a ver com os aspectos linguísticos do texto/gênero: aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas.

No plano geral da organização estrutural dessa análise percebi que nos tutoriais em vídeo observados, ainda que com algumas variações, temos que se organiza em uma parte inicial que há uma abertura e uma introdução em que é possível o contato com interlocutor, que pode se dá de várias formas levando-se em conta os interlocutores, grau de intimidade que se quer dar na relação, a imagem que se quer passar (descolado, especialista etc.), desenvolve-se com a instrução do que se pretende apresentar e o fechamento se dá também na interação com o interlocutor que é motivado a pensar sobre as ações de aceitação do vídeo

produzido como solicitação de *likes*, notificações, comentários, inscrição em canal dentre outras.

De forma mais detalhada, destaco no [vídeo 1](#), inicialmente, uma abertura, seguida de saudação, apresentação de si (meu nome é...), indicativo do vídeo (o vídeo é para...), propósito do vídeo, tema do vídeo. Vemos bem essa estrutura nesse vídeo, por exemplo, na postura do locutor ao cumprimentar os usuários por meio das expressões “*tudo bem com vocês (...) sejam muito bem-vindos*” e logo após se apresentar dizendo “*Aqui é o Mateus*”. No [vídeo 2](#), a locutora se apresenta dizendo seu nome: “*Gabriela Saraiva*” realizando a apresentação de si, porém apresenta além dos objetivos do vídeo, a caracterização do objeto tematizado, como também informações para convencer o interlocutor da facilidade de se fazer o objeto. Posteriormente, a tutorialista inicia o assunto propriamente dito, com uma abertura visual, onde se encontra o nome da *YouTuber*, em seguida as instruções. No [vídeo 3](#), também temos na abertura a saudação, propósito do canal, tema do vídeo, pois o locutor, por exemplo, abre a apresentação dizendo “*bem-vindo ao quadro das bulas simples*” e segue logo mais se apresentando dizendo “*Aqui é o Lucas Fustitoni*”. Já no [vídeo 4](#), a locutora inicia a apresentação dizendo “*oi, gente (...) tudo bem com vocês*”, de forma bastante espontânea, porém não se identifica como fez os outros tutorialistas dos outros vídeos analisados. Diferentemente dos outros vídeos, já no início a apresentadora mostra o resultado do produto.

Após a introdução, vem o tratamento propriamente dito do objeto temático. De modo que a instrução no [vídeo 1](#), devido à temática, apresenta: conselho de como escolher o assunto do tutorial, com informações éticas; procedimento de planejamento (produção de roteiro), apresentação dos equipamentos com informações adicionais (dicas de onde encontrar, exemplos de equipamentos, o que escolher, qualidade, valor no mercado etc.,), após planejamento, dicas de como gravar, como falar, ser calmo etc. Finalmente, instruções sobre edição e dicas e conselhos de como fazer, onde postar, como postar, como motivar seu interlocutor a ver o vídeo e ter sucesso.

No [vídeo 2](#), a estrutura é caracteristicamente instrucional, pois a tutorialista apresenta o material a ser utilizado, dá informações adicionais como custo do produto e dicas, um reforço da obrigatoriedade do tipo de produto a ser utilizado. Além de apresentar os ingredientes, especifica a qualidade e propriedades vitamínicas de um deles: a uva, nota-se o valor informativo desse texto. Descreve o modo de preparo [do brigadeiro de uva] – exemplo do que Marcuschi (2002) chama de hibridismo - com uma riqueza de detalhes, com muitas dicas, diz “*assim oh*”, expressão essa usada sempre que faz uma demonstração. Nesse tutorial em vídeo, a tutorialista não se limita apenas a compor a receita, pois dialoga com os usuários,

aborda a necessidade de ser ter uma boa alimentação, o que justifica a escolha do brigadeiro de uva. A expressão “*quando a gente pensa em brigadeiro, a gente logo lembra de diversão, festa, brincadeira, e muita animação*” dita pela locutora revela tentativa de interação com o interlocutor. Somado a isso a referência à marca do canal é perceptível quando a locutora diz “*não é qualquer brigadeiro não, viu! É o brigadeiro do Mundo da Menina*”.

No [vídeo 3](#), além de informar ao usuário o modo de consumo do remédio, durante a sua explanação, o tutorialista dá exemplos das consequências do mau uso do produto, demonstrando preocupação prévia com seu usuário caso ele faça uso dessa medicação.

Em relação ao [vídeo 4](#), o que mais chama a atenção é o fato da tutorialista apresentar as marcas dos materiais necessários para a confecção do *slime*, fato que acontece normalmente quando se pretende divulgar a publicidade de algum produto, como uma espécie de *merchandising*⁵, e não realizado gratuitamente como feito pela tutorialista. A marca da cola utilizada é facilmente identificável quando ocorre o zoom no produto, conforme **Fig. 11** abaixo:

Figura 11 – Material do *slime* - cola branca



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer slime com cola branca!*”.

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmgbY>

Ainda no [vídeo 4](#), a tutorialista além de divulgar a marca do produto, também promove a empresa que faz a sua vendagem, conforme a **Fig.12** abaixo:

⁵ Entende-se *merchandising* aqui como citação ou aparição de determinada marca, produto ou serviço, sem as características explícitas de anúncio publicitário em uma mídia. (Disponível em: wikipedia.com.br. Acessado em 23 de janeiro de 2020)

Figura 12 – Material do *slime* – água boricada



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer slime com cola branca!*”

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Para finalizar a apresentação dos produtos usados na confecção do *slime*, a tutorialista do [vídeo 4](#) divulga também a marca da tinta conforme **Fig. 13** abaixo:

Figura 13 – Material do *slime* – tinta guache



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer slime com cola branca!*”

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

O fechamento do vídeo também está relacionado com o tipo de assunto. De modo geral, apresentam-se informações como indicação (dicas) de outros vídeos, reforço da orientação, datas de retorno, pedido de like, motivação para inscrição, despedida e saudação. Isso ocorre no [vídeo 1](#), com o fim da instrução seguida da despedida realizada pela expressão “*feliz natal (..) até a próxima*” dita pelo locutor que parece induzir o interlocutor a aguardar por novos vídeos com assuntos afins. No [vídeo 2](#), no final do vídeo, também aparecem os *links* de outros vídeos do próprio canal, fato que parece mais uma vez uma tentativa de induzir o interlocutor a recorrer a outros vídeos com assuntos afins. No [vídeo 3](#), ao final, ainda que de forma sutil também convida o usuário a assistir aos outros vídeos de seu canal, inclusive cita o conteúdo de outro vídeo acerca das toxicidades dos remédios pertencente ao próprio canal. Já no [vídeo 4](#), há um reforço da instrução, promessa de retorno e pedido de audiência, porém a locutora não se despede e nem agradece como fazem os outros tutorialistas analisados, e

apenas diz “*é isso!*” ao final da apresentação. O fechamento desse último vídeo é marcado por uma música de fundo que sugere o término.

Outra questão importante é que a estrutura composicional, como categoria discursiva, permite a produção de vínculos dialógicos com outros textos. Justamente essa aliança que aponto no tutorial em vídeo ao observar que nesse gênero o enunciador faz uso de outros textos na produção dos vídeos. Como é o caso de os tutoriais em vídeos “*Como fazer brigadeiro com uva*” que contempla um texto de receita de brigadeiro, bem como o “*PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADAPOR DR LUCAS FUSTINONI*” que contempla um texto de bula de remédio como também “*Como fazer slime com cola branca!*” que contempla um texto de manual de instruções.

Entende-se que geralmente os gêneros estão bem fixados e não oferecem problemas para sua identificação, porém tem constantemente acontecido uma mistura de gêneros, como no caso dos tutoriais supramencionados. Conforme Marcuschi (2002) o termo intergenericidade, como a expressão que melhor traduz esse fenômeno, indica o aspecto de hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função do outro.

Em princípio, acredita-se que essa intergenericidade não deva promover dificuldade alguma para a interpretabilidade do interlocutor, já que segundo Marcuschi (2002, p.166) “*impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros*”. Embora no gênero tutorial em vídeo possa ser feita uma alusão a outros gêneros de natureza injuntiva como mencionado, é perceptível como a função social do gênero em estudo se discerne dos demais, uma vez esse gênero digital, diferentemente dos outros gêneros sobretudo como a bula (impresso) ainda que cumpram a função de ensinar algo a alguém reflete condições específicas diferenciadas para a comunicação verbal, sobretudo por ser o tutorial em vídeo um gênero que cumpre uma função muito mais cotidiana do que técnica. A esse respeito, Bakhtin (1997) define que

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1997, p. 285)

Assim, basicamente vê-se que a similaridade dos vídeos de um modo geral suscita uma configuração de estrutura genérica desse tipo de gênero baseada na abertura com saudação, uma introdução com apresentação do (a) tutorialista e do objetivo do vídeo, desenvolvendo-se com a instrução propriamente dita e por último o fechamento com a

despedida, agradecimentos e solicitações. Para além disso, percebo que a estrutura composicional dos textos em análise está embasada por modelos que os tutorialistas provavelmente trouxeram de seu conhecimento prévio, pois como defende Bakhtin (1997)

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN,1997, p.302)

Além dos os aspectos verbais e imagéticos até aqui apresentados, é importante destacar os efeitos presentes nos vídeos que também são interpretáveis à luz da semiótica. Isso porque nos tutoriais em vídeo analisados, notei a presença de diversos efeitos que considero de certo modo complementares à imagem e ao texto verbal como as onomatopeias, por exemplo. Somado a isso destaco a música - como já vínhamos tratando -, a tipografia, os efeitos de corte, de zoom ou de aceleração de imagem, para promover a dinamicidade do vídeo, e também devido à preocupação do produtor do vídeo com a sua duração. Defendo que esses mecanismos pertencem nesse caso ao gênero multimodal tutorial em vídeo, uma vez que contribui na progressão dos conteúdos e em sua estruturação textual.

De modo que no [vídeo 1](#), o locutor diz “*deve ter cuidado ao escolher, por exemplo, usar uma ‘intro’, zoom, luzes, texto escrito em 3 D*”. Em seu vídeo, o tutorialista recorre a recursos sonoros como a música instrumental de fundo que permanece em toda a duração do vídeo, assim como os efeitos onomatopeicos atribuídos a logomarca do canal e ao som do teclado em algumas passagens para simular a escrita. Também faz uso de cores no texto das legendas. Esse vídeo merece destaque pelo trato tipográfico que recebe, conforme **Fig. 14** abaixo:

Figura 14 – Tipografia em evidência



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula*”.

Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>

No exemplo acima, percebi que o produtor do vídeo usa uma hierarquia na formatação das palavras para direcionar o olhar do leitor para o que é mais importante, isso porque é usado diferentes tipos de ênfase nas palavras, seja por meio da cor ou da expansão (tamanho) da letra. Durante a apresentação o produtor também usa a técnica de espaçamento na fonte, aumentando-a para chamar a atenção do leitor durante diversas passagens do texto.

No [vídeo 2](#), percebi elementos semelhantes ao do vídeo anterior como a preocupação intensa com o cenário e com os efeitos de edição como a qualidade da gravação, áudio e imagem em alta resolução; assim como os efeitos onomatopeicos – som de uma lâmpada igual ao [vídeo 1](#), mas dessa vez usado para expressar uma ideia. Porém, dessa vez a tutorialista usa três músicas instrumentais ao longo do vídeo.

Diferentemente dos vídeos 1 e 2, no [vídeo 3](#), notei também divergência no uso da música instrumental, dessa vez usada apenas na abertura e no desfecho do vídeo. Assim como os efeitos onomatopeicos também são usados somente na abertura do vídeo.

Já o [vídeo 4](#) apresenta um trecho de música internacional bem curto somente quando anuncia a produção do *slime*. Já a ocorrência de efeitos onomatopeicos se dá junto com as legendas.

Ademais, no [vídeo 2](#) e no [vídeo 4](#), a recorrência de estruturas narrativas cria um paralelismo com o plano verbal, perpassando a ideia de que as ações, executadas pelas apresentadoras desses vídeos, servem para representar o passo a passo para se obter o produto final, no caso o brigadeiro e o *slime*, respectivamente. Essa articulação promove segundo Kress; Van Leeuwen (1996; 2006) a intersemiose entre palavra e imagem, os modos semânticos visuais e verbais se complementam na veiculação de um discurso.

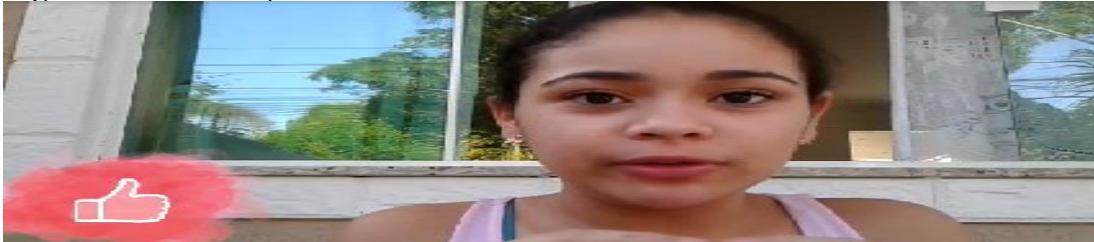
No plano visual enquanto significado representacional, de modo genérico, o tutorial em vídeo é marcado por imagens estáticas e em movimento em diversos contextos que buscam instruir o usuário em rede na realização de determinada tarefa.

Em relação às sequências mobilizadas, notei que o gênero tutorial em vídeo possui uma extensa sequência dialogal, frequente não só durante o passo a passo das ações executadas, mas também nas interações realizadas na abertura e no desfecho do vídeo, momento em que há uma interação quase direta com o interlocutor. Acrescento uma inclinação à argumentação, já que esse gênero não é o único veiculado na internet, sobretudo no *YouTube*, também encontramos *vlogs* dentre outros, por isso o forte apelo dos tutorialistas para que seus interlocutores ao assistirem ao vídeo e se inscrevam no canal. Para se tornar conhecido na web e por consequência aumentar o número de *likes* e de visualizações, o locutor se esforça na tentativa de convencer esses internautas o quanto seu vídeo é

interessante, como dissemos mais acima, isso tem outras implicações como fama e as consequências dela, por exemplo.

Noto que os tutoriais em vídeo têm se apoiado em aspectos multimodais para suscitar um efeito argumentativo que visa convencer os interlocutores, conforme a **Fig. 15** a seguir do [vídeo 4](#), em que aparece uma solicitação de *like*:

Figura 15 - Solicitação de *likes*



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer slime com cola branca!*”.

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Observo que existe também sequências injuntivas em que segundo Rojo “buscam regular o comportamento e a ação das pessoas, como, por exemplo, as regras e regulamentos e as receitas, que definem o que se deve fazer” (ROJO, 2015, p.26). No [vídeo 2](#), por exemplo, noto um deslocamento: a sabedoria da criança sendo transferida para a mãe durante a instrução. Destaco ainda a entoação da locutora, tipo de lexicalização muito comum nos outros vídeos também, em que se pode perceber que os locutores durante o vídeo não emitem ordem e sim pedidos, seja para fazer o que está sendo ensinado ou para dar *likes* ou se inscrever no canal. Além de ressaltar a relevância dos elos dialógicos no desenvolvimento temático dos vídeos, é importante também considerar que o conteúdo temático desses enunciados se efetive de um modo e não de outro por ser um texto de natureza informativo instrucional.

Em relação à disposição das informações, notei no [vídeo 2](#), por exemplo, imagens em que o participante está de forma centrada. Isso porque o participante representado na cena, com o que é ensinado e o nome do canal. Também é possível notar a presença de emolduramento corroborando na construção da cena comunicativa, sobretudo com a imagem que o produtor do tutorial deseja transmitir sobre seu canal conforme **Fig. 16** abaixo:

Figura 16 – Vinheta do canal Mundo da Menina

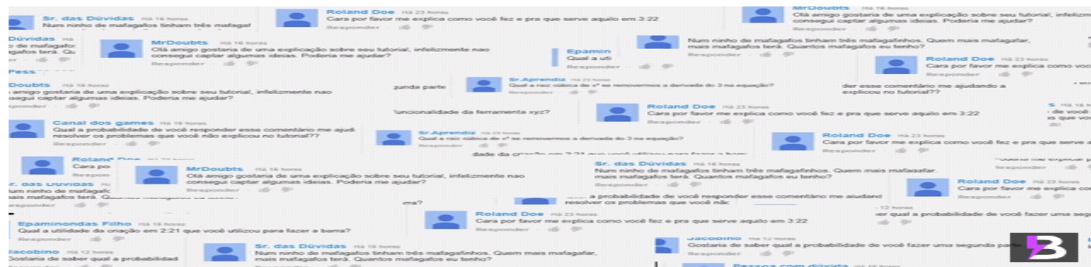


Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah*”.

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

Por outro lado, a **Fig. 17** extraída do [vídeo 1](#) abaixo pode servir como exemplo de informação polarizada. Já que as informações estão dispostas sem dar ênfase a um objeto em específico, não é estabelecido, portanto, um grau de importância entre os elementos ora apresentado.

Figura 17 – Exemplo de comentários em um tutorial em vídeo



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula*”.

Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>

Na organização temática não verbal observam-se representações narrativas e conceituais. Nas representações conceituais, dentre os tutoriais analisados, notei que isso acontece nos vídeos 2 conforme **Fig. 18** abaixo:

Figura 18 – Ingrediente da receita



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer brigadeiro como uva com a Gabriella Saraivah*”

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

De modo semelhante, no [vídeo 4](#) aparece por meio de um objeto simbólico como representados na **Fig. 19** abaixo:

Figura 19 – Material da confecção de *slime*



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer slime com cola branca*”.

Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Nas ilustrações acima, comum nos tutoriais em vídeo em que o produtor mostra os materiais necessários ou modo de fazer, o vetor dessa vez não é transmitido pelo olhar, mas pela ação representada na imagem e, por esse motivo, classifica-se como representação narrativa de ação não-transacional. Isso porque nessa passagem do vídeo não conseguimos o participante representado, somente uma parte dele.

Nota-se a recorrência de representações conceituais como as expostas acima, no desenvolvimento da apresentação o tutorial. Ao fazer uma relação com o texto verbal (oral), percebi que se trata do momento em que é necessário dar ênfase ao objeto a ser ensinado, momento em que se quer dar ênfase aos elementos que são utilizados para a elaboração daquilo que é ensinado.

Em relação às representações narrativas, acontecem segundo Santos; Pimenta (2014) quando há a presença de um vetor, ou seja, de um traço que indique direcionalidade. Acerca da descrição da ação dos participantes em uma ação, nos vídeos 2, 3 e 4 o vetor é constituído pelo corpo do tutorialista que realiza a ação de ensinar algo. Interessante ressaltar que esses sentidos veiculados pela imagem são confirmados nesses vídeos pelas frases contidas nas legendas que acrescentam sentidos acionais ao texto multimodal em análise, conforme **Fig. 20** abaixo:

Figura 20 – Legendas com informações do Paracetamol



Fonte: Print screen da abertura do tutorial “*PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA*” POR DR LUCAS FUSTINONI.

Disponível em: <https://youtu.be/DuOjme2s5E>

Nota-se que no exemplo acima, o processo de ação transacional e o processo de reação não-transacional. Nessa imagem, por exemplo, há o processo de reação, já que é caracterizado pela presença de um vetor por meio do olhar do participante representado. Em consonância com a semiose verbal, através do olhar, encontramos implicações do interlocutor desse gênero, convidando-o a participar da cena comunicativa. Entretanto, o usuário em rede não tem como aparecer no vídeo, daí a sua classificação como não-transacional.

IV) A organização estilística

Para que possamos continuar discutindo a importância das relações dialógicas na configuração do enunciado, passo a discorrer sobre o estilo, que assim como o conteúdo e a estrutura é preciso interpretá-lo no interior das relações dialógicas que unem o enunciado a outras vozes da cadeia discursiva.

Também é preciso compreender que o estilo e os outros elementos do gênero discursivo estão entrelaçados, considerando que essa categoria expressa o grau máximo de individual, a esse respeito Bakhtin (1997, p.283) admite que o “estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso” bem como ligado ao campo. Esse ponto de vista bakhtiniano está presente no gênero tutorial em vídeo, que apresenta construções estilísticas que se diferenciam devido as escolhas dos campos temáticos.

O [vídeo 1](#), por exemplo, em que o apresentador usa apenas a voz em vez de se apresentar fisicamente, mostra por meio de uma linguagem metalinguística os equipamentos digitais necessários para a produção de um tutorial em vídeo, já o [vídeo 2](#), em que a apresentadora se apresenta fisicamente, preocupando-se com o cenário, com seu figurino e com a qualidade na gravação e edição, mostra os ingredientes necessários para a produção de um brigadeiro, diferentemente, o [vídeo 4](#) em que a apresentadora não demonstra uma preocupação com o figurino, uma vez que o cabelo e as unhas, por exemplo, chama a atenção por estarem sem cuidados estéticos, a escolha do cenário tipicamente caseiro e o intenso ruído, mostra os materiais necessários para a produção de um brinquedo, bem como o [vídeo 3](#), em que o apresentador apresenta-se fisicamente preocupando-se com o figurino, cenário, mas não é feliz no processo de gravação e edição, dado que a qualidade sonora no vídeo não é adequada, mostra as informações que se julgam importantes para o consumo de um remédio.

É possível perceber que os tutoriais em vídeo citados por pertencerem a esferas distintas assumem estilos variados embora não estejam afastados da estratégia injuntiva que o gênero tutorial em vídeo pressupõe, já que todos os vídeos mencionados apresentam o modo de fazer por meio de instruções ao interlocutor, ainda que cada um tenha suas próprias escolhas estilísticas.

Para compor esse texto de natureza injuntiva, os tutoriais em análise recorrem ao enunciado verbal (oral presente na fala do (a) tutorialista, ou na música de fundo e/ou escrito presente nas legendas e logomarcas), mas também há outras semioses presentes nesse gênero multimodal como as imagens estáticas e as imagens em movimento típicas desse gênero. Quanto à estilística visual, detalho que no [vídeo 1](#), por exemplo, o produtor, provavelmente durante o processo de edição, insere imagens relativas ao contexto digital, na proporção em explica o que o usuário deve fazer para produzir um tutorial, além disso recorre a elementos textuais tipográficos com os quais usa de cores branca e amarela e efeitos de zoom intencionalmente para chamar a atenção do leitor como já mostrado nessa sessão analítica. O [vídeo 2](#), por sua vez, usa como recursos imagens icônicas que remetem à logomarca do canal e pedido de *likes* a fim de provocar no leitor uma interação na medida em que o convida para aprovar sua apresentação e conhecer seu espaço comunicativo na plataforma *YouTube*. Nesse vídeo a recorrência a cor rosa presente no figurino da apresentadora e no cenário reforça a referência ao público alvo do gênero feminino, além disso o cuidado estético da tutorialista com o cabelo e maquiagem indica a preocupação com a sua vaidade e estética de sua apresentação. No [vídeo 3](#), o apresentador recorre a legendas durante toda a apresentação,

possivelmente para garantir o entendimento do conteúdo por parte do leitor e até mesmo atingir um público que algum motivo não disponha do áudio desse vídeo.

Nesse vídeo o autor opta por usar um fundo branco, talvez para acentuar o grau de seriedade do conteúdo ministrado, uma vez que se trata de uso de medicação; por isso também a preocupação com o figurino, uma vez que o uso do jaleco configura ao apresentador uma postura de um profissional da área de saúde que tem autonomia e propriedade para discorrer sobre o assunto tratado no vídeo. No [vídeo 4](#), a produção também usa como recursos imagens icônicas que remetem à logomarca do canal e pedido de *likes* provavelmente com a mesma intencionalidade do [vídeo 2](#) de promover a interação com o usuário visitante da plataforma *YouTube*. Nesse vídeo a tutorialista usa de forma recorrente efeito de zoom para destacar os materiais usados, bem como durante a confecção do brinquedo o close é voltado para as mãos da apresentadora. Além disso nos vídeos 2 e 3 os apresentadores recorrem a linguagem gestual para enfatizar suas ações, tanto quanto às expressões faciais que provocam diversos efeitos de sentido principalmente quando associados às outras semioses verbais. Outro ponto que chamo a atenção é que em todos os vídeos, os efeitos de edição promovem a formatação essencial para a qualidade do vídeo. Como também o fato de que os vídeos apresentam informações associadas a outros assuntos, como divulgação de canal ou publicidade de algum produto. Vê-se, então, que as escolhas estilísticas visuais não são apenas individuais do enunciador, já que se acomodam ao gênero discursivo em estudo e mantêm contatos dialógicos com outras vozes.

No [vídeo 1](#), o que mais me chamou atenção foi o uso das expressões “*#tutorialception*”; “*#partiugravar*”. O uso da *hashtag* cuja função, segundo Andrade (2017) é a de indexar conteúdo na internet com mesmo tema, podendo estar acoplada a outro enunciado, tem sido frequentemente usada na maioria das redes sociais para a divulgação de uma ideia, ou uma marca, e a associação de seus *post's* a temas específicos, porém esse recurso tão habitual no ambiente digital foi usado apenas por um único vídeo.

No [vídeo 2](#), notei que o close estava direcionado para as mãos da apresentadora somente durante a produção do brigadeiro, talvez pelo enfoque maior no cenário que nesse vídeo faz toda a diferença, pois é bem organizado e harmônico. A postura cênica da locutora contribui para a qualidade da apresentação, já que ela explica tudo com muita clareza, notei pausas propositalmente em sua fala e suas expressões faciais corroboram para uma interpretação mais precisa de suas ações.

Os efeitos de modulação dessa locutora merecem destaque em relação aos demais. Em um dado momento a tutorialista chega a fazer até suspiros para denotar que sua receita é

mesmo saborosa. Destaco a ocorrência de interjeições como “*ah!*” para convencimento do interlocutor acerca da qualidade da receita produzida nesse vídeo. Ao final do vídeo, a tutorialista experimenta o produto - brigadeiro de uva - para o telespectador sentir a vontade de fazer o mesmo.

A sequência de ações da locutora do [vídeo 2](#) revela que quando falamos, usamos não só a voz, mas também o corpo, pois fazemos diversos gestos, como quando a tutorialista enfatiza a produção do brigadeiro produzido pelo canal Mundo da Menina, nesse momento a apresentadora aponta para o interlocutor como uma forma de chamar-lhes a atenção para esse fato, conforme, **Fig. 21** abaixo:

Figura 21 – Gestos da tutorialista 1

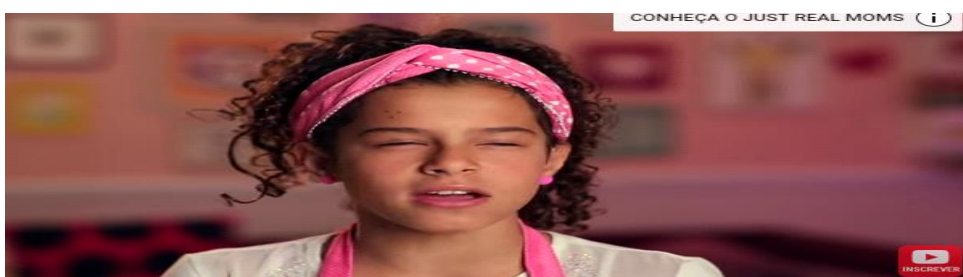


Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer brigadeiro como uva com a Gabriella Saraivah*”

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

No vídeo2, a tutorialista durante a apresentação consegue imprimir maior credibilidade na realização de sua tarefa por meio de suas expressões faciais enfáticas, conforme **Fig. 22** abaixo:

Figura 22– Gestos da tutorialista 2



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer brigadeiro como uva com a Gabriella Saraivah*”.

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

Ainda no [vídeo 2](#), a tutorialista descreve as memórias afetivas em relação a produção do brigadeiro ao passo que faz a contagem dessas lembranças com os dedos, conforme a **Fig. 23** abaixo:

Figura 23 – Gestos da tutorialista 3



Fonte: Print screen do tutorial “*Como fazer brigadeiro como uva com a Gabriella Saraivah*”.

Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>

Considerando as ilustrações acima, como também dos outros apresentadores dos vídeos 3 e 4, afirmo que os efeitos gestuais corroboram na produção de sentido do leitor. A esse respeito Dionisio e Marcuschi (2007) defendem que

No processamento do texto oral, expressões faciais, entoações específicas, um sorriso, um olhar ou um maneio de cabeça corroboram com a construção do sentido do enunciado linguístico que está sendo proferido, ou ainda, podem substituir um enunciado linguístico no processo interacional face a face. (DIONISIO; MARCUSCHI, 2007, p. 181)

Outro ponto a destacar é que diferentemente dos vídeos 1 e 2, no [vídeo 3](#), a acústica desse vídeo ficou comprometida, além disso o locutor fala um pouco mais rápido que os demais locutores, e com bem menos clareza, sendo que a sua entonação dificulta o entendimento de certas palavras. Nesse vídeo, as expressões gestuais e faciais do locutor são bem expressivas como acontece com a locutora do [vídeo 2](#), porém o cenário é mais simples, já que apenas apresenta um fundo branco como já mencionado, e diferentemente da tutorialista do [vídeo 2](#), o tutorialista do [vídeo 3](#) apresenta-se sentado.

Já no [vídeo 4](#), a locutora não parece ter elaborado um roteiro de apresentação, como deve ser feito segundo o tutorialista do [vídeo 1](#), isso porque as informações ditas pela locutora não possuem clareza. Quando a locutora diz “*facinho de fazer aqueles negócios dá para fazer*”, o interlocutor só consegue entender o que foi dito se prestar atenção no que está sendo mostrado em cena por meio das imagens. Outro detalhe que observei é que o close nesse

vídeo foca as mãos da tutorialista durante a confecção do slime, como acontece também no [vídeo 2](#) durante a preparação do brigadeiro de uva. Porém diferentemente da tutorialista do [vídeo 2](#) a apresentadora do [vídeo 4](#) aparece desarrumada, com o esmalte da unha descascado, e o cenário é o quintal de uma casa onde a confecção do produto é feito sobre uma mesa mais simples que a do outro vídeo como comentado acima.

Todos esses detalhes da estilística verbal e visual serão trabalhados em determinadas atividades do protótipo didático, no qual os alunos também farão a análise dos exemplares mencionados nessa seção a fim de permitir que eles percebam a organização não só temática, estrutural mas também a estilística dos tutoriais em vídeos já analisados previamente pela professora pesquisadora para mediar e motivar os alunos durante a atividade de observação das amostras.

Do exposto, penso que o estilo pode comportar opções individuais do autor, apesar das escolhas estilísticas se ajustarem ao gênero discursivo e possam também se valer de elos dialógicos. Como mostrado, certas marcas estilísticas nos vídeos se revelam dialógicas, ao recorrerem, por exemplo, ao conteúdo do próprio canal no *YouTube*.

Certamente por ser um gênero recorrente no cotidiano e disposto em rede social é cabível um estilo menos formal como visto nos vídeos, a conferir mais interação com um usuário comum na rede que consome o tutorial. Isso demonstra no meu ponto de vista como certas escolhas estilísticas se orientam pelo contexto, sobretudo esse gênero que é muito flexível.

Frente a isso entre as opções lexicais dos tutorialistas, no [vídeo 1](#) destaco as seguintes expressões “*quebrar o gelo*”; “*galera*” que compõem o perfil mais dinâmico do apresentador, conferindo ao mesmo tempo certo tom de espontaneidade a instrução. No [vídeo 2](#), esse dinamismo é frequente, já que a locutora usa expressões como “*molinho*”, “*melecar a mão*”, “*dá um curte*”. Já no [vídeo 3](#), mesmo o locutor fazendo uso de termos técnicos para conferir seriedade a apresentação, também faz uso de expressões mais espontâneas como “*gente*”; “*fraquinho*”. Destaco o [vídeo 4](#), no qual a locutora tem uma escolha lexical bastante limitada a expressão “*gente*” é dita 42 (quarenta e duas) vezes.

Afirmo que as escolhas dessas palavras atestam escolhas lexicais de um (a) tutorialista em prol de um tom mais interativo em seu texto. Tom que contribui para a composição de um apresentador (a) que na maioria das vezes quer informar o usuário em rede, mas também ganhar seguidores na internet.

Ainda quanto às opções lexicais e fraseológicas dos tutorialistas, no [vídeo 1](#), o locutor que se autodenomina “Rei dos tutoriais”, usa expressões de variedade informal como “*e aí*

peçoal”, o mesmo acontece no [vídeo 2](#) quando a locutora diz “*a gente*”, de modo parecido no [vídeo 3](#), o locutor diz “*tá*” e no [vídeo 4](#) em que a locutora diz “*desentupir ela*”, devido à informalidade desse vídeo. Bakhtin (1997, p.286) ressalta que “Mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico”, isso quer dizer que até mesmo as escolhas gramaticais realizadas pelo falante nos tutoriais em análise ao compor o enunciado indica algum estilo do autor.

A coloquialidade apresentada nos tutoriais analisados de algum modo reflete a flexibilidade do gênero como aponta Bakhtin (1997) ao defender que

O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários [...] (BAKHTIN, 1997, p.283)

Em relação à organização estrutural verbal, encontrei diversos mecanismos de textualização que contribuem no desenvolvimento do conteúdo temático. Em relação à coesão nominal, percebi a ocorrência de uso de demonstrativos (“*aquilo que você domina*” - [vídeo 1](#)); referência catafórica (“*sobre esse assunto*” - [vídeo 1](#)); organizadores cronológicos (“*aqui no Brainstorm*”; “*hoje eu vou*” - “*de repente aparece*”; “*logo depois*”; “*antes de gravar*” - [vídeo 1](#); “*a medicação de hoje*”; “*após ser tomado*” - [vídeo 2](#)), por exemplo.

Na coesão verbal, notei a ocorrência de verbos no presente do indicativo, no futuro simples, no infinitivo e imperativo. Quanto ao modo discursivo nos vídeos analisados destaquei a predominância de verbos no infinitivo (“*alguém para assistir*” - [vídeo 1](#)), no imperativo também (“*pede para tua mãe colocar na panela*” - [vídeo 2](#)), por exemplo.

É possível notar que mesmo apresentando unidades estilísticas diversas os tutoriais em análise carregam traços estilísticos comuns como a linguagem menos formal, usada para não perder a essência do gênero tutorial em vídeo. Bakhtin (1997) acredita que

uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o todo do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um elo inalienável”. (BAKHTIN, 1997, p.326)

A partir dessa ótica, ratifico que o estilo pode comportar escolhas individuais do autor, porém considero que as opções estilísticas estão também sob a apreciação do gênero discursivo e são atravessados por elos dialógicos.

5.3 Tutorial em vídeo e suas especificidades

Tomando como referência a discussão aqui realizada acerca do conceito de gênero, incluo a reflexão sobre o gênero tutorial em vídeo, por ser o gênero base das atividades propostas no protótipo didático usado durante a intervenção pedagógica na escola em que atuo. O fato é que quando cotejado com outros gêneros similares, o tutorial em vídeo parece ter surgido como uma adaptação ou evolução do manual de instruções, da bula, da receita ou de muitos outros gêneros de natureza injuntiva. Todavia defendo, com base na análise que realizei a partir de amostras desse gênero digital, que o tutorial em vídeo, considerando suas peculiaridades, não pode ser considerado meramente uma adaptação ou evolução desses gêneros impressos, embora possua a função como fator de similaridade entre os gêneros referidos devido a intergenereidade que se faz presente.

Apesar de afastar a possibilidade de ser o tutorial em vídeo uma adaptação ou evolução direta de um dado gênero impresso específico, ressalto, porém, que não nego que os textos que construímos dependem de textos anteriores que influenciam a atividade e a nossa organização social, pois concordo com Bakhtin (1997, p.279) ao defender que “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Se considerarmos de forma isolada a estrutura linguística do tutorial em vídeo, vemos ainda mais semelhanças com tais gêneros, já que apresenta dentre outras uma natureza informativa instrucional, sobretudo em decorrência de suas escolhas verbais. Pode-se dizer nessa situação que o gênero tutorial em vídeo tenderia predominantemente ao que Marcuschi (2002) cunhou chamar de tipologia injuntiva, ao passo que o autor defende a ideia de que “quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2002, p.154).

Esse gênero devido ao seu caráter híbrido não comporta exclusivamente, a nomenclatura injuntiva, pois apresenta outras sequências estruturais, apesar desse mesmo autor defender a ideia de que os tipos podem aparecer nos gêneros de forma predominantemente argumentativa ou narrativa e por diante, como também ele assume a ideia de que há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais e afirma que “as distinções entre um gênero e outro não são predominantemente linguísticas e sim funcionais.” (MARCUSCHI, 2002, p.159).

A partir da análise dos tutoriais em vídeos, com base nas categorias de texto bakhtinianas, pode inferir que o tutorial em vídeo é um gênero discursivo, multimodal, pertencente ao universo digital, cujo discurso do enunciador é realizado com a pretensão de ensinar um usuário na rede a realizar determinada tarefa em diversas esferas temáticas que condiciona estrutura composicional do tutorial em vídeo bem como o estilo da enunciação desse gênero.

No gênero tutorial em vídeo sob uma breve análise bakhtiniana, pode-se perceber que em relação ao conteúdo há uma diversidade muito grande, uma vez que os assuntos tratados variam até mesmo o domínio discursivo que pode vir a ser informativo, religioso ou qualquer outro a depender a demanda do usuário em rede. Assim, é comum vermos tutoriais em vídeos que abordam maquiagem, jogos, programas de computador, yoga e tantos outros conteúdos.

Já em relação a organização estrutural de modo genérico inicia-se com uma abertura em que há uma interação com o usuário seguida de uma apresentação do (a) tutorialista saudando o interlocutor, como também apresenta seu perfil e a finalidade do vídeo, vencida essa etapa o locutor segue com a instrução propriamente dita do objeto temático. Já o fechamento do vídeo a depender da discussão temática proposta no vídeo encerra-se com conclusão do que foi reportado, pedidos de likes, inscrição e canal, além da despedida do (a) tutorialista. Outrossim, em relação ao estilo, de forma genérica apresenta uma linguagem informal acrescida das semioses usadas (imagem estática ou em movimento, sonoridade, gestualidades, efeitos de edição entre outros). Além disso, esse gênero pressupõe, em diferentes níveis, o domínio de ferramentas de edição de foto, de áudio e de vídeo.

Procurei indicar ligações entre os elementos constitutivos do enunciado. Mostrei, por exemplo, que o título do vídeo e o desenvolvimento da ação instrutiva contida na apresentação ocupam espaços composicionais específicos, que se inter-relacionam e comportam o desenvolvimento do tema. Portanto, a organização composicional efetivou-se na veiculação do tema, ao passo que a organização do conteúdo temático se deu em consonância com os limites e as possibilidades da forma.

Constatee também eleições estilísticas dos tutorialistas que contribuíram para traçar o perfil dos apresentadores na construção do tom da apresentação. Como apontado, acredito que essas opções estilísticas estão em conformidade com o desenvolvimento temático do texto.

Além das relações entre o tema, a estrutura e o estilo, a estética das cores, das imagens, dos processos selecionados no tutorial em vídeo, a partir do equilíbrio entre os recursos verbais e visuais, uma oportunidade ao usuário em rede a aprender sobre determinado assunto de forma mais dinâmica e interativa.

Essa composição provoca no leitor uma interpretação que não é dada, mas sim construída no momento da interação com o texto. O leitor precisa ficar atento à relação existente entre as imagens contidas no vídeo - estáticas ou móveis - com a reprodução do discurso contido na fala ou nos gestos dos apresentadores e nas produções escritas contidas no vídeo que aparecem na tela. Quanto aos modos de ler, segundo Rojo (2015) tanto para os efeitos de sentido quanto para a análise dos textos da contemporaneidade, em termos de composição ou estilo, a multimodalidade tem de ser levada em conta.

De forma sintética, no tutorial em vídeo, o (a) tutorialista que se considera sabedor do tema, mesmo quando não é um especialista, acredita que tem um saber e deseja passá-lo para outrem, na medida em que grava um vídeo instruindo como realizar algo usando para isso diversos recursos: texto oral, escrito, imagens fixas ou estáticas, efeitos sonoros, de edição e outras semioses.

Ressalvo que a análise descrita nesse memorial possibilita ao professor compreender as práticas sociais em que seus alunos estarão inseridos no trabalho com o gênero em estudo. Por isso que proponho em uma das etapas do protótipo didático essa atividade de análise a ser feita pelos próprios alunos, com a mediação da professora pesquisadora, para que os mesmos concebam o tutorial em vídeo como um gênero discursivo, já que se pode encontrar seus aspectos temáticos, estruturais, estilísticos e sobretudo a função desse gênero, pois como defendido por Rojo (2015)

A finalidade, o funcionamento e a especificidade da esfera/campo em seu tempo e lugar históricos que determinam as características do gênero discursivo no que este tem tanto de estável como de flexível – “relativamente estável”. Isto é, as condições de produção da esfera/campo circunscrevem certos temas que nela podem ser abordados, estilos de língua (registro formal e informal e gírias, por exemplo) que podem ser usados e, sobretudo, o formato de composição que o texto no gênero terá. (ROJO, 2015, p.68)

Ensinar algo a alguém de forma mais dinâmica é a finalidade principal desse gênero, entretanto, ressalto que se reside nesse gênero a finalidade de cunho social, também há uma de cunho capitalista. Estendo essa postura inclusive aos tutoriais em vídeos mais caseiros, mas sobretudo aos que produzem os tutoriais em vídeo já com essa pretensão, pois muitos *youtubers* objetivam além de ganhar notoriedade na internet e conquistar seguidores, obter lucros. Essa postura ratifica as práticas sociais como critério fundamental para a definição desse gênero, pois a necessidade da aceitação de si pelo outro tem sido um fato muito presente na contemporaneidade. Esse formato interativo proporcionado pela internet elevou o posicionamento do interlocutor frente a produção e circulação desses textos.

Na contemporaneidade, a sociedade, de um modo geral, tem sentindo uma forte necessidade de externalizar seu cotidiano, seja por meio das tão famosas *selfies* ou por meio de vídeos. Ações como seguir, curtir e comentar tornam-se comuns nas redes sociais e concretizam o funcionamento dos enunciados no discurso discutidos aqui sob a perspectiva bakhtiniana. Conforme Rojo (2015) o ato de seguir é uma forma interessante de filtrar algo no meio a tanto conteúdo, já os atos de curtir e comentar marcam diferentes níveis de respostas ao ator da publicação. Essas peculiaridades também presentes na circulação do tutorial em vídeo, como dito, suscita reflexão sobre a função social e capitalista desse gênero.

Embora seja um gênero atual, o trabalho com o mesmo com fins pedagógicos, ainda é pouco estudado, durante minha pesquisa encontrei uma limitada literatura, porém destaco a pesquisa de Santiago; Krieger (2014) que foca nas características relativas à terminologia em tutoriais de redes sociais, especificamente sob o ponto de vista da denominação e a pesquisa realizada por Sumiya (2016), que por sua vez foca no ensino e aprendizagem de francês como língua estrangeira por meio da produção de tutoriais em vídeo. Minha pesquisa se aproxima desta última, porém se difere por focar nas práticas multiletradas a serem desenvolvidas durante o processo de produção desse gênero nas aulas de Língua Portuguesa. De modo que enquanto Sumiya (2016) defende que, no gênero tutorial em vídeo,

o interlocutor, que pode ser um personagem fictício, um especialista, uma pessoa pública ou uma pessoa desconhecida, grava um passo a passo de como se fazer algo articulando variados recursos: texto oral, escrito, imagens, efeitos, músicas etc. (SUMIYA, 2016, p.12)

Diferentemente, Santiago; Krieger (2014) entendem o tutorial em vídeo como

um texto especializado, repleto de termos, cujo objetivo é instruir um indivíduo ou um conjunto de indivíduo que necessitam de determinadas orientações para operacionalizar uma ferramenta informatizada, como uma rede social. (SANTIAGO, 2014, p.381)

Apesar da aparente controvérsia conceitual acerca do tutorial em vídeo, ambos os autores apontam para a prática de ensinar algo a alguém como a função principal desse gênero. Porém no que se refere ao campo segundo Santiago; Krieger (2014) limita-se a esfera tecnológica, por outro lado segundo Sumiya (2016) o tutorial em vídeo é produzido a partir de uma necessidade de um enunciador em diversos campos. Durante a análise, percebi que já existem tutoriais em vídeo que abordam assuntos como games, informática, maquiagem, produção de brinquedos, meio ambiente entre outros, por isso trabalho uma abordagem que se aproxima mais dessa autora.

Vale salientar que tal gênero envolve diferentes modalidades, exigindo, por isso, mesmo o tácito conhecimento de diferentes formas de linguagens e outras semioses, do mesmo modo que requer do usuário a habilidade de inter-relacionar essas diferentes modalidades para produção de sentido. Não se pode, portanto, omitir que, para produzir sentido a partir da compreensão do gênero tutorial em vídeo, faz-se indispensável conhecer os efeitos de sentido que a interação entre as distintas modalidades pode produzir.

Acrescento que o leitor deve assumir perante tal gênero digital uma postura multiletrada. Conforme Rojo; Moura (2012) a multimodalidade ou multissemiótica dos textos contemporâneos impõe o desenvolvimento de estratégias para uma leitura integrada, não dicotômica, dos elementos verbais e imagéticos, entre outros, presentes no texto – isto é, exige multiletramentos. Somado a isso defendo a interseção nesse ponto com os letramentos digitais.

Destarte, o alunado pode ser letrado em um gênero como a receita, bem como no gênero tutorial em vídeo, desde que perceba que, em cada caso, as habilidades de letramento específicas e as comunidades de comunicação relevantes são muito diferentes. Sob essa ótica, Lemke (2010, p.462) assume a ideia de que “devemos ajudar os alunos a compreenderem exatamente como ler o texto de forma diferente e interpretar a imagem de forma diferente, em função da presença um do outro”. Isso nos leva a refletir que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel.

6. PROTÓTIPO DIDÁTICO

Nomeei como Protótipo Didático o material produzido que se apoiou em Rojo (2012) e na BNCC (2017). Acerca do protótipo, Rojo (2012, p.8) o define como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais.” Considerando esse conceito, organizei as atividades que contemplam a proposta de práticas de multiletramentos a partir dos letramentos digitais com o gênero tutorial em vídeo. Elas estão organizadas em quatro eixos temáticos do projeto de intervenção: Contexto do projeto de intervenção, Estudo coletivo do gênero Tutorial em vídeo, Planejamento do tutorial em vídeo e Produção do Tutorial em vídeo.

Pensei em um material didático que proporcionasse um trabalho com várias mídias a fim de desenvolver atividades de leitura e produção de texto com as quais o aluno se posicione como protagonista de suas ações. Apoiando-se também na teoria bakhtiniana acerca dos gêneros, segundo a qual todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua, efetuando-se em forma de enunciados - orais e escritos - e acrescento os multimidiáticos.

A proposta pedagógica que descrevo a seguir teve como objetivo geral desenvolver de forma diferenciada as capacidades de leitura, produção de texto e de uso dos recursos linguísticos na construção de sentido, como também contemplar os alunos para desenvolverem as suas capacidades de criação/manipulação das ferramentas que envolvem tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) durante a produção do gênero discursivo multimodal tutorial em vídeo.

Para cumprir com essa finalidade, elenquei como objetivos específicos da intervenção:

- Acessar ambientes digitais para possibilitar que o aluno vivencie interativamente o gênero multimidiático na rede internet;
- Refletir o contexto digital e a política comportamental em rede;
- Mediar a produção e divulgação dos tutoriais em vídeo produzidos pelos educandos;

Em relação aos recursos materiais, o *hardware* comum é o projetor que projeta uma tela de computador na lousa branca. Além disso, é necessária a conexão com a internet. O computador de mesa, o notebook e os dispositivos móveis portáteis como tablet e o mais comum telefone celular seja o smartphone como o *iPhone* ou *Android*. Saliento que a intervenção pedagógica descrita nesse memorial cujas atividades se encontram nessa seção foi

realizada no segundo trimestre desse ano letivo com a turma de oitavo ano A, da Escola Municipal Laura Folly.

De modo que esse protótipo didático foi dividido, então, em quatro blocos temáticos que compreendem:

(I) “Contexto do projeto de intervenção”: em que apresento formalmente o projeto de intervenção pedagógica, intitulado *“Tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano”* aos alunos e aos responsáveis. Ainda nesse primeiro bloco, proponho uma reflexão acerca do comportamento ético do usuário no ambiente digital, sobretudo nas redes sociais. Para finalizar, convido meus alunos a (re)conhecerem os hardwares e os softwares presentes nas relações interativas entre os usuários em rede.

(II) “Estudo coletivo do gênero Tutorial em vídeo”: em que analisamos o gênero discursivo tutorial em vídeo – por meio da exibição de três amostras desse gênero – com as quais verificamos as categorias constitutivas desse gênero (conteúdo, estrutura composicional e estilo) bem como sua função e contexto de produção para uma primeira reflexão acerca do objeto de estudo. Desse modo, espera-se que os alunos promovam discussões e registrem suas observações para desenvolver atividades futuras ligadas a produção do tutorial em vídeo, após conhecê-lo melhor.

(III) “Planejamento do tutorial em vídeo”: em que organizamos os recursos necessários para a produção do tutorial em vídeo: escolha da temática, perfil do interlocutor e roteiro.

(IV) “Produção do Tutorial em vídeo”: em que ocorre a gravação, edição, postagem e comentários dos tutoriais em vídeo na plataforma do *YouTube*.

Os quatro blocos supramencionados, as quais serão descritos minuciosamente a seguir, constituem-se de orientações que apresentam sugestões sobre como conduzir o trabalho com os alunos.

Reforço que o objetivo desse protótipo é permitir aos alunos a reflexão acerca do uso da linguagem como mecanismo de interação social, por isso focalizo a questão da diversidade cultural e multiculturalidade. Assim, é fundamental que os alunos percebam durante o desenvolvimento das atividades que o processo de construção de sentidos está intrinsecamente

ligado à compreensão do caráter dialógico da linguagem, ao que Bakhtin (1997) cunhou chamar de “réplica responsiva ativa” ao definir que

a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz”. (Bakhtin, 1997, p.290).

A seguir, cada um dos blocos será descrito minuciosamente:

(I) Contexto do projeto de intervenção

O primeiro bloco se apresenta da seguinte maneira:

- **Sessão “Apresentação do projeto didático”**

Objetivo: apresentar o projeto didático.

Tempo: 2 (duas) aulas geminadas.

Recursos: equipamento multimídia.

Método

Nesse primeiro momento, convido os meus alunos -sujeitos da pesquisa- bem como seus pais/responsáveis para uma reunião na qual apresento o projeto didático, por meio de uma exposição oral e apresentação em slides. Durante a explanação, como forma ilustrativa, exibio uma amostra de um tutorial em vídeo intitulado “*Tutorial: Como fazer um tutorial/ Vídeo-aula*” (<https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>).

Finalizo o encontro com a apresentação da documentação relativa à participação dos alunos na pesquisa. Para tal, junto com os presentes faço a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado a autorização dos responsáveis dos sujeitos da pesquisa, conforme apêndice B e do Termo de Assentimento Livre Esclarecido, destinado a autorização do sujeito da pesquisa, conforme apêndice C, para então colher as assinaturas dos documentos.

Por fim, reservo um espaço para dialogar e responder as possíveis dúvidas dos participantes da reunião.

- **Sessão “Ética em rede”**

Essa sessão propõe o estudo da comunicação de sentido por meio da linguagem presente na rede por meio do letramento impresso que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) é

“uma habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos que abrange o conhecimento de gramática, vocabulário e características do discurso simultaneamente com as competências da leitura e da escrita”. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.23)

Objetivo: despertar a consciência da postura ética do cidadão na internet.

Tempo: 2 (duas) aulas

Recursos: equipamento multimídia.

Método

Atividade A- Após a realização da reunião, já em outro encontro com os alunos, convido-lhes a refletir acerca do comportamento ético dos usuários em rede. Essa discussão se realiza por meio de roda de conversa, na qual a professora pesquisadora motiva a turma com uma notícia atual acerca da violação da conduta ética na internet, a fim de provocar nos alunos uma reflexão crítica acerca do comportamento ético que o usuário deve adotar nesse ambiente. Segue **Fig. 24** que introduz uma notícia:

Figura 24 – Notícia no site do UOL

Facebook anuncia vazamento de fotos que afetou até 6,8 milhões de usuários

Rede social diz que problema expôs inclusive imagens que não chegaram a ser postadas



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/12/facebook-anuncia-vazamento-de-fotos-que-afetou-ate-68-milhoes-de-usuarios.shtml>

Obs.: esse material pode ser disponibilizado para os alunos via *WhatsApp* e/ou disposto em *slide-show* no equipamento multimídia para visualização.

Após a leitura coletiva da notícia, a professora questiona-lhes:

1. O que é que você precisa para se proteger nas redes sociais?
2. Como você lida com uma situação indelicada depois que ela acontece na internet?
3. Como as empresas podem garantir a proteção do usuário?

* Os questionamentos acima são sugestivos para a condução da roda de conversa.

Para finalizar a discussão a professora pede para os alunos apresentarem os prós e contras de fazer parte de um site de rede social. Para dar voz as respostas a professora as coloca na lousa por meio de uma tabela, conforme sugestão na **Tab. 3** abaixo:

Tabela 3 – Prós e Contras da rede social

PRÓS	CONTRAS
Contato com amigos	Contato com pessoas com perfil falso
Compartilhar <i>links</i>	Comentários inconvenientes
Chat de conversa	<i>Spam</i> e vírus

Nessa atividade é trabalhado o letramento impresso, necessário já que a maior parte da comunicação digital ainda depende da linguagem escrita. Pode-se dizer que as habilidades de letramentos tradicionais têm sido mais atraentes *online* que *offline*. Porém a BNCC (2017) ressalva que

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola [...] mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais (BNCC, 2017, p.69)

Pensando nisso, para finalizar a aula, ainda com as duplas formadas, a professora pode motivar os alunos a escreverem para um público mais amplo, como do *Facebook*, por meio da produção de depoimentos – texto comum dessa plataforma. Entende-se depoimento nessa atividade como um texto pertencente ao *Facebook* no qual o usuário comumente expressa sua opinião. Então, a professora incentiva os alunos a postarem depoimentos acerca da postura ética do usuário, discutido nessa sessão, para postarem em rede social, a fim de

ampliar o foco da discussão com a comunidade escolar. Caso não tenha, a turma pode criar sua própria página do *Facebook* para postar suas publicações.

A produção do depoimento e a publicação deste pode ser realizado no próprio celular do aluno, pois o letramento móvel, recorrente nesse material didático, conforme Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) confere a habilidade de navegar, contribuir com informação e se comunicar por meio da internet móvel. Essa atividade é oportuna para o letramento impresso *online* o qual busca trabalhar a escrita no ambiente digital.

- **Sessão “Ferramentas digitais”**

Essa sessão propõe ao aluno a reflexão acerca das tecnologias atuais e das competências necessárias para utilizá-las, por meio dos letramentos digitais que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p.17) são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente de comunicação digital”. Esses autores apontam para a exigência no século XXI de habilidades peculiares a contemporaneidade ao defender que

No centro desse complexo de habilidades, está a capacidade de se envolver com tecnologias digitais, algo que exige um domínio dos *letramentos digitais* necessários para usar eficientemente essas tecnologias, para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.17)

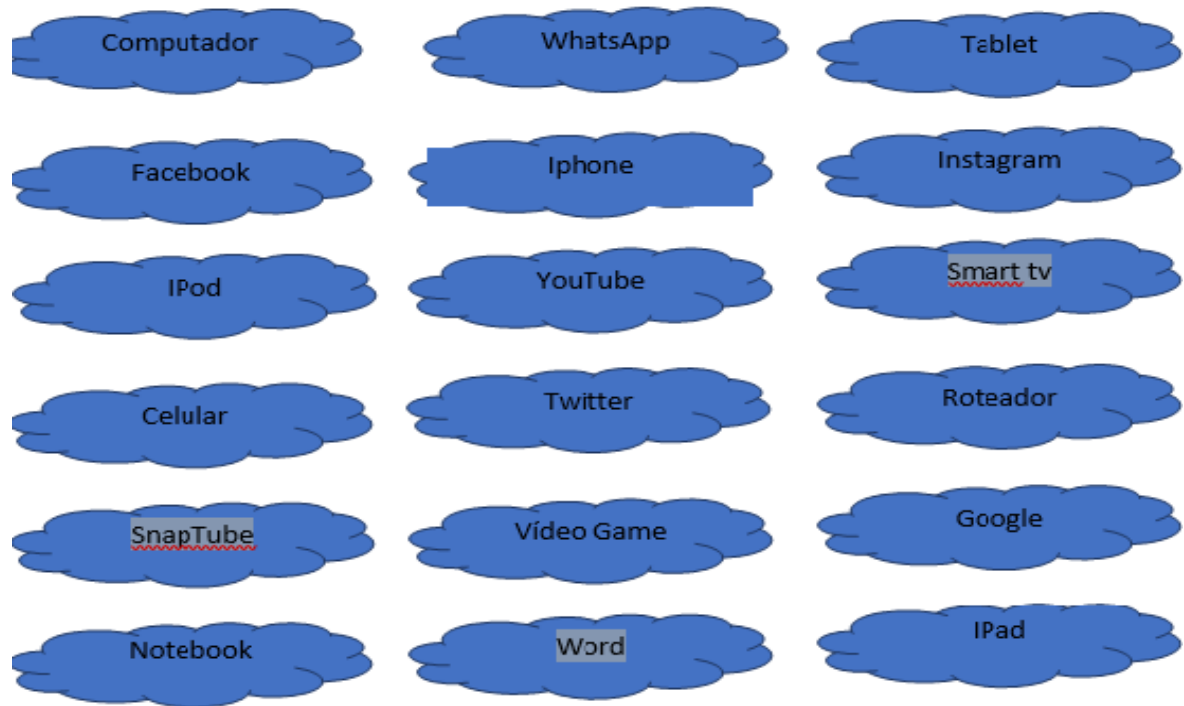
Objetivo: despertar a consciência dos letramentos digitais.

Tempo: 3 (três) aulas

Recursos: equipamento multimídia.

Método

Atividade A- a professora pesquisadora convida os alunos a (re)conhecerem as ferramentas digitais que usam em rede. Com a sala em círculo, a professora escreve na lousa ou usa multimídia com as imagens de cada item a seguir e, pede que os alunos observem com atenção conforme **Fig. 25** abaixo:

Figura 25 - Lista de Hardwares e Softwares

Fonte: acervo da professora pesquisadora

Em seguida, no canto da lousa coloca uma tabela dividida em duas colunas com os títulos: “*hardware*” e “*software*”, conforme sugere a **Tab. 4** abaixo:

Tabela 4 - Lista de Hardwares e Softwares

HARDWARE	SOFTWARE
Computador	<i>What's app</i>
<i>Tablet</i>	<i>Facebook</i>
<i>Iphone</i>	<i>Instagram</i>
<i>Ipad</i>	<i>YouTube</i>
<i>Smart tv</i>	<i>Tuwitter</i>
Celular	<i>Snap tube</i>
Roteador	<i>Google</i>
Vídeo Game	<i>Word</i>
<i>Notebbook</i>	
<i>Ipad</i>	

Posteriormente, a professora solicita aos alunos que voluntariamente, um de cada vez, possam preencher as duas colunas com os elementos apresentados que eles consideram “*hardwares*” e “*softwares*”. Assim podem ser levantadas hipóteses pelos alunos acerca do significado desses termos.

Após o preenchimento, deve ser feita a checagem pela professora. Nesse momento, cabe uma breve explanação acerca do conceito dos termos “*hardware*” e “*software*”, conforme a definição nos verbetes abaixo:

- Hardware⁶ - engloba todos os dispositivos físicos e equipamentos utilizados no processo de informações.
- Software⁷ - tudo o que faz o computador funcionar excetuando-se a parte física dele.

Atividade B- Para dar início a realização das atividades *online* dessa aula, os alunos necessitam pesquisar a informação requerida pela professora mediadora. Por isso o letramento em pesquisa que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p. 38) é a “habilidade de fazer uso eficiente de ampla gama de motores e de serviços de busca, incluindo a familiaridade com sua funcionalidade plena, bem como com suas limitações”; pode ajudar ao propor estratégias adequadas de busca. Então, após discussão acerca da classificação das ferramentas digitais, na aula anterior, a professora solicita aos alunos uma pesquisa mais aprofundada sobre os elementos abordados. Ressalto que essa pesquisa pode ser realizada em dupla cuja ferramenta digital (*hardware/software*, apresentados na aula regressa) pode ser destinada a cada dupla por sorteio. Para a realização dessa atividade é importante conferir se os alunos dispõem de equipamentos digitais, como por exemplo, o celular, além é claro do sinal do *wi-fi* para acessar os sites de pesquisa. Demonstre os passos seguintes usando o multimídia:

- Acesse o *Google* e digite a palavra que deseja pesquisar;
- Clique em pelo menos três referências das indicações do *Google*, para a coleta de dados;
- Anote o endereço eletrônico que aparece na barra de endereço do site visitado para usar na referência.

⁶ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hardware>

⁷ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Software>

Ressalto que a pesquisa pode ser realizada em outros sites de pesquisa, afinal uma das finalidades do letramento em pesquisa é ajudar o aluno a entender que pode usar outras fontes de pesquisa.

Já com os dados coletados, cada dupla poderá discutir e elaborar um relatório (digitado no Word ou em outro editor de texto – no computador, notebook ou no celular) o qual, posteriormente, será disponibilizado em forma de arquivo no grupo do *WhatsApp* da turma para socialização das informações pesquisadas.

Saliento que a familiaridade com o letramento de pesquisa pode ajudar os alunos a adotarem estratégias apropriadas de busca, isso porque esse tipo de letramento pode ser entendido segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p. 38) como “habilidade de fazer uso eficiente de ampla gama de motores e de serviços de busca, incluindo a familiaridade com sua funcionalidade plena, bem como com suas limitações”.

Para finalizar a aula, a professora solicita aos alunos uma apresentação oral do material estudado a ser realizada na aula seguinte.

Atividade C nessa aula cada dupla poderá realizar suas apresentações de forma livre, porém deve respeitar o tempo estipulado previamente pela professora.

(II) Estudo coletivo do gênero tutorial em vídeo

Nesse bloco será necessário a criação de um grupo no *WhatsApp* para compartilhar os exemplares de tutoriais em vídeo que serão estudados e partilhar as atividades dos blocos posteriores. Frente a isso, pensando que a linguagem usada nesse ambiente digital se diferencia da variação padrão da língua faz-se necessário o letramento em SMS que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p. 24) é a “habilidade de se comunicar eficientemente em internetês.” Esse tipo de linguagem, oriundas das salas de papo *online* das redes sociais e presentes também nas mensagens de texto via celular, é composta por abreviações devido à rapidez na comunicação requerida nesse contexto comunicativo, bem como o uso de *emoticons* que ajuda a compor esse novo registro linguístico. Além disso, esse tipo de letramento promove a consciência da distinção entre o internetês das mensagens de texto e a linguagem padrão. E vamos fazer o estudo do gênero tutorial em vídeo por meio de suas categorias textuais.

Nesse bloco encontra-se a:

Sessão “organização temática, estilística e de contexto de produção”

Objetivo: analisar o gênero a partir de seus elementos semióticos verbais e não verbais.

Tempo: 2 (duas) aulas geminadas.

Recursos: equipamento multimídia.

Método

Após o acolhimento da turma, a professora informa aos alunos que fará a exibição de três amostras do gênero tutorial em vídeo no projetor multimídia: [vídeo 2](#) “Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah” (<https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>); [vídeo 3](#) “PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI - CRMPR 30155” (<https://www.youtube.com/watch?v=DuOjfm2s5E>) e [vídeo 4](#) “Como fazer slime com cola branca!” (<https://youtu.be/7iq9REmmbY>) cuja duração dos três vídeos somados não ultrapassa 7min., tempo esse adequado para não comprometer a análise pedagógica.

Após a exibição dos vídeos, faremos um estudo coletivo acerca desse gênero por meio de uma roda de conversa, na qual faremos a leitura juntos desses textos, observando as categorias temáticas e estilísticas que formam o gênero em estudo por meio de suas multisssemioses, bem como o seu contexto de produção e sobretudo sua função sociocomunicativa.

Para a realização dessa sessão, a professora pesquisadora por já ter feito um estudo prévio desse gênero pode mediar a análise desses textos. Essa análise mais espontânea e de estudo coletivo pode suscitar pontos ainda não apurados pela própria professora pesquisadora, porque os alunos observarão de maneiras distintas, uma vez que tem muitas semioses que impactarão na produção de sentido. Essa atividade permite que o aluno participe efetivamente da pesquisa desse gênero que ainda não foi trabalhado na escola, por isso é oportuno para que o aluno se expresse e desta forma com suas próprias palavras possa relatar o seu entendimento sobre o gênero em estudo.

Apresento, portanto, sugestões de aspectos a serem questionados durante a análise coletiva dos tutoriais em vídeo assistidos, em que a professora pode registrar o que achar pertinente ou gravar a aula.

- **Em relação à organização temática, questiona-se:**

1. Qual é a relação do título com o conteúdo apresentado em cada vídeo?
2. Com qual finalidade se usa as expressões “como” ou “para quê” no título dos vídeos?
3. Qual a importância dos elementos visuais para o desenvolvimento do conteúdo desses tutoriais?
4. Qual a importância da solicitação de *likes* e inscrição no canal durante a apresentação de um tutorial em vídeo?
5. É possível divulgar uma marca ou um serviço no tutorial em vídeo?

- **Em relação à organização estilística, questiona-se:**

- Qual a importância de o (a) apresentador (a) aparecer fisicamente na tela?
- 2. O modo de falar, os gestos e as expressões faciais do (a) tutorialista fazem que diferença no vídeo?
- 3. O (a) tutorialista usa uma linguagem formal ou informal? E por que foi escolhida esse tipo de linguagem?

- **Em relação ao contexto de produção, questiona-se:**

1. É possível afirmar que o (a) tutorialista desse vídeo é um (a) especialista da área temática abordada? Por quê?
2. É importante postar os tutoriais em vídeo no *YouTube*? Por quê?
3. É possível afirmar que o (a) tutorialista desse vídeo usou um roteiro para conduzir sua apresentação? Por quê?
4. Em relação ao processo de gravação e edição desse tutorial você o considera bem elaborado? Por quê?
5. O cenário é um fator importante na apresentação de um tutorial em vídeo? Por quê?

Sessão “organização composicional”

Objetivo: analisar o gênero a partir de seus elementos semióticos verbais e não verbais.

Tempo: 2 (duas) aulas.

Recursos: equipamento multimídia.

Método

Atividade A – A professora previamente forma duplas de acordo com quem tem celular e fone, e pede-lhes que dessa vez assistam as três amostras pelo celular com o uso de fones. Os vídeos podem ser enviados pelo *WhatsApp* ou por *bluetooth* para os celulares dos alunos. Em seguida entrega-lhes uma ficha para que a dupla possa realizar seus próprios registros acerca da organização composicional desse gênero que depois serão socializadas.

A professora deve fazer a seguinte explicação para os alunos:

Imaginem que podemos analisar o tutorial em vídeo em três momentos: abertura, desenvolvimento e encerramento. Agora, descreva com detalhes como se estruturam essas partes.

Após o levantamento de hipóteses dos alunos, o (a) professor (a) pode verificar em que momento aparecem, por exemplo, a logomarca (símbolo) do canal, a saudação, a apresentação do (a) tutorialista e/ou do que será ensinado, os materiais utilizados, o modo de fazer, o convite para se inscrever no canal e/ou dar *likes*, os agradecimentos, a despedida, a formatação da letra, os efeitos de corte, de cores, de música, ruídos, os efeitos de zoom ou de aceleração de imagem, dentre outros que fazem parte da estrutura dos vídeos analisados.

A fim de facilitar a visualização dos elementos encontrados, as constatações podem ser registradas em fichas de observação, destacando, porém, para o aluno que o gênero em estudo está sendo hipoteticamente dividido em partes para a melhor compreensão da sua estrutura, conforme sugerem as **Tab. 5** e **Tab. 6** a seguir:

Tabela 5- Aspectos Variáveis⁸

	<i>“Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah</i>	<i>“PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI”</i>	<i>“Como fazer slime com cola branca!”</i>
ABERTURA			
INTRODUÇÃO			
INSTRUÇÃO			
FECHAMENTO			

⁸ Refere-se as estruturas composicionais que se apresentam de forma distinta entre os tutoriais em vídeo analisados.

Tabela 6- Aspectos Invariáveis⁹

	<i>“Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah</i>	<i>“PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI”</i>	<i>“Como fazer slime com cola branca!”</i>
ABERTURA			
INTRODUÇÃO			
INSTRUÇÃO			
ENCERRAMENTO			

Atividade B – Nesse segundo momento, a professora usa transcrição do vídeo de uma das amostras do tutorial em vídeo da sessão 1, a fim de compará-lo com uma receita comum retirada de uma plataforma da internet. A expectativa dessa atividade é fazer com que os alunos percebam os contrastes na organização composicional desses gêneros. Para tal, faremos a leitura dos textos coletivamente e em seguida, por meio de alguns questionamentos faremos uma discussão em roda de conversa. Ressalto que a transcrição do tutorial em vídeo em análise foi realizada com base nas normas da Série Projetos Paralelos NURC/SP (1993, p.).

Seguem os textos:

TEXTO I - Transcrição do tutorial em vídeo intitulado “Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah”.

oi meninas... eu sou a Gabriela Saraivah e esse é o MUNDO DA MENINA... hoje eu vou ensinar a vocês uma coisa que é muito boa... *ah* é uma delícia ((suspirou))...é uma tentação e dá muita água na boca... e se você pensou em brigadeiro... você *tava* certa... quando a gente pensa em brigadeiro... a gente logo lembra de diversão... festa... brincadeira e muita animação... mas a gente veio aqui pra falar ou pra comer? então vamos fazer brigadeiro... *ah*...mas não é qualquer brigadeiro não, viu? é o brigadeiro do Mundo da Menina...e pra fazer esse brigadeiro no estilo do Mundo da Menina... a gente vai precisar de... uma lata de leite condensado... uma colher de sopa de manteiga... açúcar refinado... uva rosa sem semente... *ah*... e forminhas fofas... e pra a gente começar... a gente tem que colocar a manteiga no leite

⁹ Refere-se as estruturas composicionais em comum apresentadas entre os tutoriais em vídeo analisados.

condensado... a gente mistura bem devagarzinho... porque a gente não tem pressa, né? se não a gente vai fazer uma melequeira... e essa mistura da manteiga com leite condensado você pede para sua mamãe colocar numa panela e colocar no fogão... e a dica é sempre deixar no fogo baixo e ir misturando devagarzinho... e... quando você tiver juntinho com a sua mãe... você fala assim... mãe... eu tenho uma dica pra te dar... quando você tiver misturando e enxergar o fundo da panela esse é o sinal que tá no ponto... e eu tenho outra dica pra você dar pra sua mãe... fala assim... oh... mãe... não pode ficar molinho porque depois a gente vai enrolar... minha mãe seguiu todas as minhas dicas e deu certo ficou assim... oh...você não pode esquecer de jeito nenhum de colocar na geladeira senão você vai queimar as mãos e não vai conseguir enrolar os brigadeiros... aí eu tenho uma dica pra vocês também... vocês têm que... aqui... oh... melecar a mão de manteiga... assim... oh...pra não grudar o brigadeiro nela... né? eu vou pegar uma colher e fazer assim... tá vendo? uma bolinha... você tem que pegar metade de uma colher pra não ficar nem muito grande nem muito pequeno.... assim... oh... aí você vai pegar a uva coloca assim e mistura tudo junto... aí a gente coloca aqui no açúcar... fica uma delícia... vou fazer mais.... aí a gente coloca nessas forminhas fofas... gente... eu usei essa uva Tomy sem semente... ela é ótima pra fazer brigadeiro do Mundo da Menina.... vamos fazer mais... essas uvas fazem toda a diferença... elas limpam as toxinas... têm vitamina C, K, B e E... você come brigadeiro sem culpa... você viu a dica do Mundo da Menina? colocar uma uva no brigadeiro ficou uma delícia.... então... se você gostou dá um curte e se inscreve no canal... um beijão e eu vou curtir essas delícias... hum ((suspirou)).

TEXTO II - Receita de Brigadeiro¹⁰

Ingredientes:

- 1 Leite MOÇA (lata ou caixinha);
- 3 colheres (sopa) de Chocolate em Pó NESTLÉ DOIS FRADES;
- 1 colher (sopa) de manteiga;
- 1 xícara (chá) de chocolate granulado;

Modo de Preparo:

¹⁰ Fonte: <https://www.receitasnestle.com.br/receitas/brigadeiro>.

Em uma panela, coloque o Leite MOÇA com o Chocolate em Pó DOIS FRADES e a manteiga. Misture bem e leve ao fogo baixo, mexendo sempre até desprender do fundo da panela (cerca de 10 minutos). Retire do fogo, passe para um prato untado com manteiga e deixe esfriar. Com as mãos untadas, enrole em bolinhas e passe-as no granulado. Sirva em forminhas de papel.

* Após a leitura dos dois gêneros expostos, vamos refletir:

- Qual a possível intenção da tutorialista ao usar a expressão “oi... meninas” (linha 1)?
- Quais as semelhanças e diferenças no que diz respeito às linguagens?
- Quais palavras na receita e no tutorial têm o sentido de instruir (ensinar algo)?

Sessão “Tratamento estético do vídeo”

Objetivo: analisar o gênero tutorial a partir de seus elementos semióticos imagéticos.

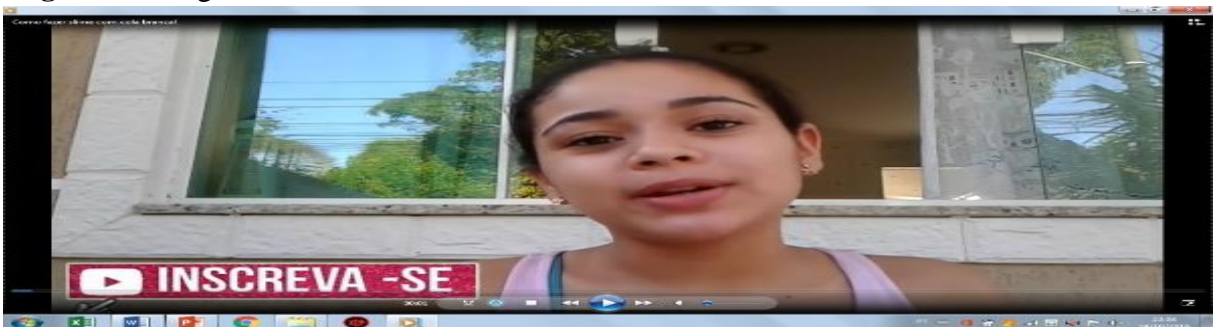
Tempo: 1 (uma) aula.

Recursos: equipamento multimídia.

Método

O professor exhibe as imagens printadas de um exemplar de tutorial em vídeo, por meio de slides para que o aluno possa analisar, minuciosamente, o tratamento estético do vídeo em relação as escolhas estilísticas visuais (primeiro plano, segundo plano, close, zoom, cores). Para essa atividade o tutorial em vídeo selecionado é o intitulado “como fazer *slime* com cola branca”. Conforme as **Fig. 26**, **Fig. 27**, **Fig. 28**, **Fig. 29**, **Fig. 30** e **Fig. 31** a seguir:

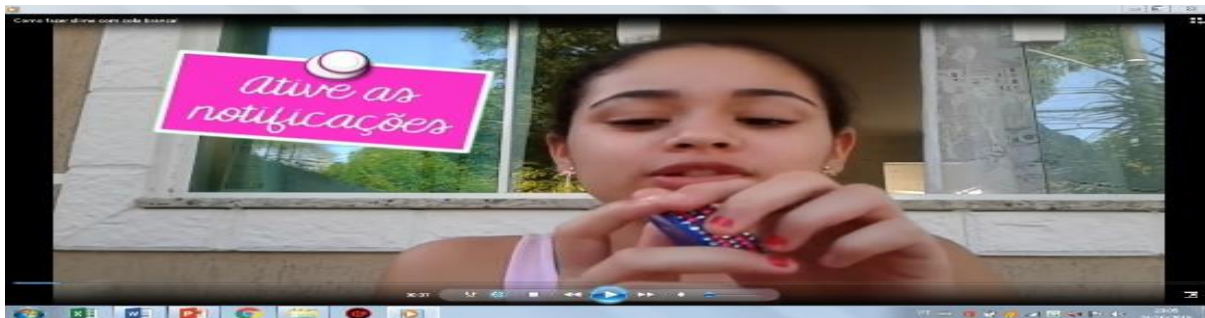
Figura 26 - Figurinha Inscreva-se



Fonte: Print screnn do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”

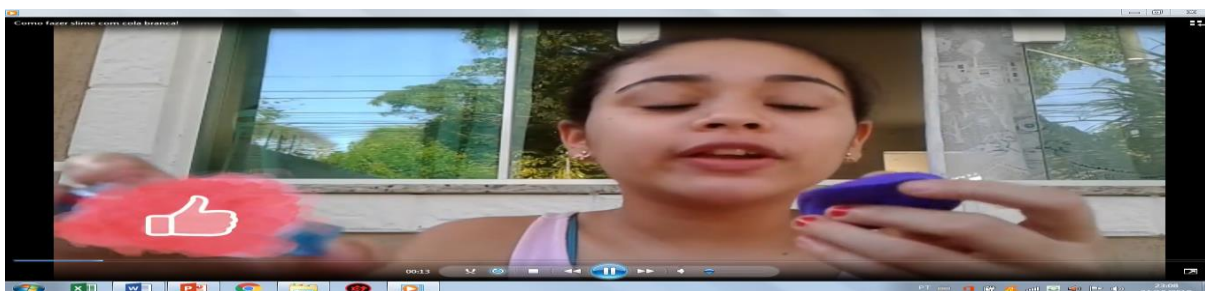
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Figura 27- Figurinha Ative as notificações



Fonte: Print screnn do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Figura 28 – Figurinha do *like*



Fonte: Print screnn do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Figura 29- Zoom na cola



Fonte: Print screnn do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Figura 30 - Zoom na água boricada



Fonte: Print screnn do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

Figura 31 – Zoom no material confeccionado



Fonte: Print screen do tutorial em vídeo “como fazer *slime* com cola branca”
Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>

(III) Planejamento do tutorial em vídeo

Para a realização desse bloco os alunos desenvolverão o letramento intercultural que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) é a

habilidade de interpretar documentos e artefatos provenientes de uma gama de contextos culturais, bem como comunicar mensagens eficientemente e interagir construtivamente com interlocutores pertencentes a diferentes contextos culturais. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.53)

Nesse bloco, além de discutir a importância do interlocutor na ação comunicativa, é feita a discussão acerca das esferas das atividades humanas, bem como a investigação da circulação do gênero tutorial em vídeo no entorno escolar a fim de promover a reflexão acerca das demandas temáticas para a posterior produção de um roteiro do tutorial em vídeo.

Compõem esse bloco:

Sessão “Interlocutor”

Objetivo: produzir textos escritos para interlocutores diversos.

Tempo: 1 (uma) aula

Recursos: papel de ofício A4.

Método

A professora cria uma situação problema para motivar os alunos a escreverem para três interlocutores diferentes, com o mesmo conteúdo. Pode-se solicitar, por exemplo, que o aluno escreva uma solicitação de computadores para a realização de seus trabalhos escolares por meio de uma carta destinada à diretora da escola, para a prefeita e para um membro de sua família. Essa produção textual exigirá que o aluno perceba a necessidade de optar por estratégias estilísticas distintas para ter êxito na comunicação.

Sessão “Esferas temáticas”

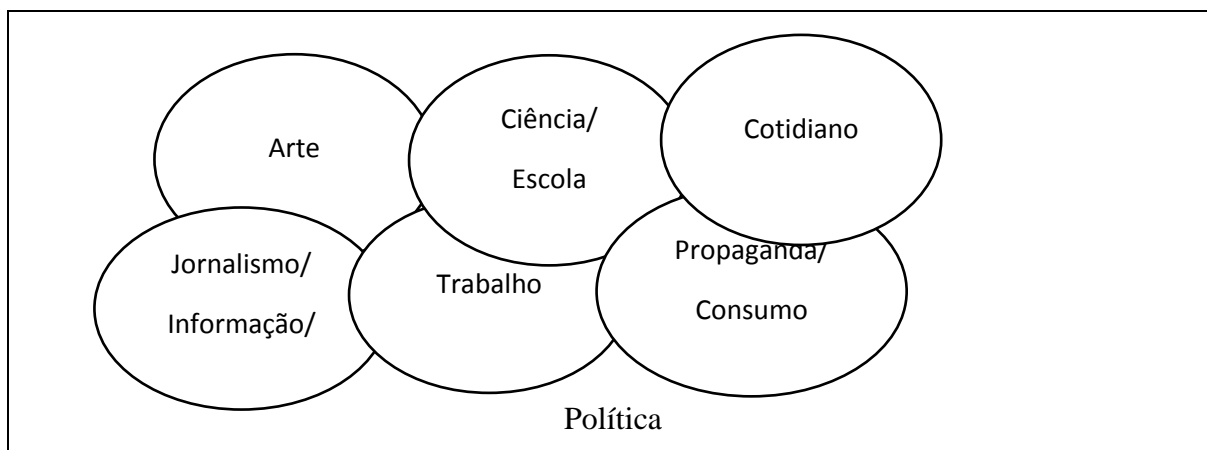
Objetivo: discutir os campos temáticos.

Tempo: 2 (duas) aulas geminadas

Recursos: equipamento multimídia.

Método

A professora convida os alunos para uma roda de conversa para refletir sobre os campos de atuação que os alunos desejam produzir seus tutoriais em vídeo e, inicia a discussão coletiva. O diagrama a seguir representa graficamente essas relações:



Fonte: diagrama desenhado pela professora pesquisadora acerca das esferas de atividade humana e de comunicação verbal.

Sessão “Investigação”

Objetivo: investigar a circulação e demandas temáticas do tutorial em vídeo no entorno escolar.

Tempo: 2 (duas) aulas

Recursos: celular ou gravador.

Método

Atividade A: a professora convida os alunos para um passeio na escola, a fim de verificar com detalhes a infraestrutura e a rotina escolar, momento oportuno para verificar os possíveis locais para a gravação futura do tutorial em vídeo cujos registros em foto podem ser feitos com o próprio celular do aluno. Essa fase é muito valiosa já que pode servir como uma chance de o aluno perceber o quanto é importante preservar o patrimônio público presente em sua escola.

Durante o passeio, de forma organizada a professora direciona grupos de alunos para espaços distintos da escola para que eles possam realizar entrevistas com funcionários, professores e outros estudantes que fazem parte da dessa instituição. As perguntas elaboradas de forma espontânea, com a mediação da professora, versarão acerca da circulação do gênero tutorial em vídeo na escola, também oportuno para verificar as possíveis demandas da escola, conforme os questionamentos sugestivos abaixo:

1. Você já usou um tutorial em vídeo? Em qual situação já usou / usaria?
2. O que você gostaria de aprender na internet?
3. O que você gostaria de ensinar na internet?

Atividade B: após as entrevistas realizadas na aula regressa, os alunos agora na sala de aula, podem transcrever o conteúdo da gravação, com a mediação da professora e, socializar com os demais, para a verificação da circulação e das demandas temáticas do gênero tutorial em vídeo no entorno escolar, a fim de que possamos definir os temas de produção do tutorial em vídeo de cada grupo.

Sessão “roteiro”

Objetivo: organizar recursos e produzir roteiro para a gravação do tutorial em vídeo.

Tempo: 2 (duas) aulas geminadas

Recursos: verificar as demandas de cada grupo.

Método

Com os temas já definidos pelos grupos, os alunos devem organizar os recursos físicos (dependendo da demanda de cada grupo) necessários para a gravação do vídeo, sobretudo verificar a memória do celular. Deve ser também escolhido o local para a gravação que tenha uma boa acústica e iluminação. Após a organização dos elementos de gravação, o grupo já pode produzir o seu roteiro de vídeo. De modo que o roteiro deve conter informações relevantes para a produção do vídeo, tais como título do tutorial em vídeo e a descrição do vídeo para a postagem na plataforma do *YouTube*. Já os demais elementos composicionais, estilísticos e o próprio contexto de produção ficam a critério de cada grupo, conforme a temática a ser desenvolvida. Cabe frisar que devem constar no roteiro todas as informações que serão utilizadas, como por exemplo, as legendas, as imagens estáticas ou em movimento, sonoridade, figurino, cenário, as falas dentre outros elementos que serão adicionados na edição de vídeo. Durante a elaboração do roteiro pode ser sugerido também um modelo com alguns tópicos de direcionamento em relação às multissemioses que o gênero tutorial em vídeo comporta as quais podem ser modificados de acordo com a necessidade do alunado durante a produção do tutorial em vídeo, conforme **Tab. 7** abaixo:

Tabela 7 – Elementos Multimodais

	IMAGÉTICO	ORAL	ESCRITO	SONORO	GESTUAL
ABERTURA					
INTRODUÇÃO					
INSTRUÇÃO					
FECHAMENTO					

Fonte: Elaborado pela autora.

(IV) Produção do Tutorial em vídeo

Conforme as atividades anteriores, é perceptível o modo como os elementos visuais assumiram posição de destaque na contemporaneidade. Conseqüentemente, o letramento multimídia que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p.27) é a “habilidade de interpretar e de criar efetivamente textos em múltiplas mídias, especialmente usando imagens, sons e vídeos”; conceito que se liga aos multiletramentos e à multimodalidade que se tornaram

essenciais. Portanto, nesse bloco, os alunos podem aprender a produzir mensagens multimídia que integram textos com imagens, sons e vídeo que se entrelaçam com uma finalidade comunicativa. Nesse bloco o aluno também pode acessar site de compartilhamento social, mais precisamente o *YouTube*.

Para a realização dos processos de gravação, edição, postagem e comentários que serão também realizados pelo celular, a professora mediará a mobilização nesse ambiente digital por meio dos letramentos móveis que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) é a

Habilidade de navegar, interpretar informação, contribuir com informação e se comunicar por meio da internet móvel, incluindo a habilidade de se orientar no espaço da *internet das coisas* (onde a informação dos objetos do mundo real está integrada à rede) e da *realidade aumentada* (onde a informação proveniente da internet se sobrepõe ao mundo real). (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.31)

Sendo assim, este bloco compõe:

Sessão “Gravação”

Objetivo: gravar o tutorial em vídeo.

Tempo: 2 (duas) aulas geminadas

Recursos: verificar as demandas de cada grupo.

Método

A professora direciona os grupos para o local com a acústica adequada para a gravação, que será feita pela manhã, momento em que a luz ajudará na qualidade do vídeo. Os alunos que forem aparecer fisicamente na tela devem se organizar em relação à roupa, e outros fatores que interfiram em sua estética, de acordo com suas escolhas estilísticas. Já com recursos físicos organizados, o conteúdo memorizado e, o suporte do celular ajustado para dar estabilidade (já com memória e bateria suficientes) inicia-se a gravação. A professora pode acompanhar as gravações para mediar a atividade.

Sessão 2 “Edição”

Objetivo: editar o tutorial em vídeo.

Tempo: 1 (uma) aula

Recursos: celular com programa de edição de vídeo, computador e notebook.

Método

Os grupos se organizam para a edição dos vídeos que por meio de programa de edição de vídeo com o uso do computador, notebook ou no celular. A professora pode sugerir alguns aplicativos de edição tal como *Audacity*, *Sony Vegas*, *Movie Makers* entre outros que são programas de conteúdo autoexplicativo. A edição deve ser realizada em sala de aula com a mediação da professora, porém a edição pode ser finalizada pelos alunos extraclasse.

Sessão 3 “Postagem”

Para interagir em rede, os alunos precisam definir sua presença na mesma por meio do letramento pessoal que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p.44) é a “habilidade de usar ferramentas digitais para formação e projetar a identidade *online* desejada”. Nessa atividade os alunos podem compreender como representar a si mesmo adequadamente. Durante as atividades dessa seção, também será trabalhado o letramento em rede que segundo Dudeney; Hockly; Pegrum (2016, p.47) é a “habilidade de organizar redes *online* profissionais e sociais para filtrar e obter informação”.

Objetivo: criar conta e postar o tutorial em vídeo no *YouTube*.

Tempo: 2 (duas) aulas

Recursos: celular, computador e notebook, aparelho multimídia.

Método

Cada grupo deverá ter/criar um e-mail (*gmail*) para, posteriormente, criar um canal na plataforma do *Youtube*. Com a conta criada na plataforma do *YouTube*, cada grupo reserva o vídeo gravado para a postagem.

Sessão “Comentários”

Objetivo: comentar sobre os tutoriais em vídeo no canal da plataforma *YouTube*.

Tempo: 1 (uma) aula

Recursos: celular, computador e notebook.

Método

Os alunos podem realizar seus comentários sobre os tutoriais em vídeos produzidos por seus colegas. Como também podem conferir o número de inscritos, *likes* e visualizações e comentários recebidos em seu próprio canal de produção. Oportuno para interagir com os interlocutores.

7. A INTERVENÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES

Reservei na seção anterior um espaço para a descrição do material didático – protótipo didático - que produzi para a intervenção, com a finalidade de detalhar cada atividade sugerida para melhor nortear futuros projetos que envolvam o trabalho com o gênero tutorial em vídeo. Retrato agora como foi conduzida a intervenção, os caminhos construídos e reconstruídos que permearam todo meu fazer pedagógico até aqui.

Pensando na arquitetura que atribui ao protótipo didático em dividir as ações em quatro eixos temáticos, nessa seção também me orientei nesse desenho, retomando cada um deles detalhando de que forma aconteceu e suas implicações no contexto escolar e extraescolar. De modo que inicio reportando a apresentação do projeto de intervenção, seguida do estudo do gênero tutorial em vídeo e focando, posteriormente, na produção desse gênero.

7.1 Projeto de intervenção: contextualizando

A ideia inicial do projeto de intervenção era ampliar o conhecimento já existente dos meus alunos do 8ºA a respeito das TDIC, assim, a partir das atividades apresentadas na seção anterior, no protótipo didático, como produto final foram produzidos tutoriais em vídeo pelos meus alunos, a partir das práticas dos multiletramentos e dos letramentos digitais. Por isso nessa seção compartilho a condução do trabalho executado com base nos relatos extraídos do diário de campo da professora-pesquisadora.

Apliquei o protótipo didático em quatro (4) blocos temáticos. Em princípio, no primeiro bloco intitulado “Contexto do projeto de intervenção”, utilizei quatorze (14) aulas para apresentação do projeto aos alunos e pais/responsáveis, bem como para dar início ao estudo do contexto digital e para (re)conhecer as ferramentas digitais.

Sendo que a primeira sessão desse bloco um (1) , teve início com a roda de conversa com os alunos do 8º ano A, a respeito do projeto que durou duas (2) aulas, durante a roda de conversa dialogamos sobre as expectativas que os alunos tinha sobre o projeto, bem como, foi solicitado aos alunos que convidassem os pais para a reunião de apresentação do projeto. Nessas duas aulas pude notar que os alunos estavam muito ansiosos para concretização das atividades dos tutoriais em vídeos o que foi muito positivo nesse primeiro momento, visto que

se trata de um projeto que é do interesse deles o que motiva tanto o professor quanto e principalmente o próprio alunado.

Ainda nessa sessão, foi efetivada a reunião com os pais/responsáveis previsto no protótipo didático. A finalidade era apresentar o projeto aos mesmos, além disso, os termos de consentimento e assentimento. Durante a reunião, identifiquei uma preocupação dos responsáveis pelo uso do celular que, segundo estes, o uso deste aparelho na escola poderia trazer problemas para os alunos, uma vez que, a escola a partir de abril de 2019 passou a ser de Intervenção Disciplinar Militar e, sendo assim, os pais/ responsáveis receavam que seus filhos fossem punidos, além disso, havia uma preocupação de que os alunos fizessem um uso inadequado do aparelho ou de que eles fossem roubados, visto que, a escola está localizada em um bairro perigoso. Diante do exposto, expliquei que o uso do celular seria facultado e serviria como apoio para a execução das atividades e, certamente, autorizado o uso pela direção durante a execução do projeto. Apesar das dificuldades apontadas na reunião, os responsáveis se mostraram motivados pela inovação do uso de uma nova tecnologia. Embora tenham comparecido à reunião apenas cinco (5) responsáveis, posteriormente, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), bem como todos os alunos assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido, tal comportamento demonstra que há o interesse da comunidade por uma prática pedagógica que introduza seus filhos em um contexto mais atual da era digital. Para a realização da pesquisa além da aprovação do Comitê de Ética (conforme anexo), esses documentos são de extrema importância para a preservação da integridade dos sujeitos da pesquisa.

A segunda sessão do bloco 1, iniciou-se com a apresentação do contexto digital, tinha previsto para este ciclo de atividades a utilização de apenas duas (2) aulas com a finalidade de discutir ética em rede, entretanto estendemos o prazo devido às dificuldades apresentadas na utilização do *Facebook*. Isso porque durante a execução da página do *Facebook* tivemos dificuldades para criar e postar, visto que todo o processo carecia de computadores, mas, como não tínhamos fizemos uso do celular dos próprios alunos. Essa carência atrasou as atividades a serem produzidas na plataforma do *Facebook*. Nesse momento, observei o quanto é necessário ter uma escola devidamente equipada com computadores e outras tecnologias digitais, uma vez que, é notório que o aprendizado e o desempenho do alunado foram prejudicados em decorrência desse fator. Essa falta de tecnologias adequadas atrasa e distancia os alunos das necessidades que lhes serão exigidas no mundo contemporâneo, uma vez que nesse mundo serão demandados os letramentos digitais. Como não havia computadores e somente alguns alunos possuíam celulares, adotei a estratégia de realizar essa

atividade em dupla de modo que quem não tivesse celular ficasse com quem tivesse. Além da falta das TDIC, outro problema foi a falta de internet que apesar de o sinal do *wi-fi* ter sido liberado pela escola, o sinal estava muito fraco e, por isso, eu tive que rotear a internet dos meus dados móveis com os alunos ao passo em que também combinamos regras de uso do celular. Isso porque já é esperado que frente a possibilidade de uso, conforme Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) os alunos fiquem ávidos para utilizarem a todo tempo nas aulas e em casa. Assim, ao permitir o uso dos celulares dos alunos na sala de aula é importante negociar condições a serem seguidas pela turma para o uso devido dos aparelhos móveis para que atividades com esses dispositivos possam auxiliá-los em sua aprendizagem.

Nesse momento do projeto, também considero importante relatar o aprendizado construído de forma mútua entre professor e aluno. Essa troca de conhecimento é perceptível durante a atividade da criação da página do *Facebook*, quando eu não consegui visualizar as informações postadas dos alunos, pois acreditei que sendo administradora da página já era suficiente para ter acesso às postagens, até que os próprios alunos chamaram minha atenção e explicaram como proceder nessa plataforma, isso mostra o quanto aprendemos uns com os outros conforme defende Freire ao dizer que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p.144). Com a página do *Facebook* pronta, os alunos puderam compartilhar seus depoimentos acerca do comportamento ético do usuário em rede, conforme atividade proposta nessa sessão, conforme **Fig. 32** abaixo:

Figura 32 – Página do Facebook da turma



Fonte: Acervo da professora pesquisadora

Fonte: Acervo da professora pesquisadora.

Seguindo a atividade, solicitei que os alunos, divididos antecipadamente em equipes, pesquisassem sobre um determinado *hardware* e *software*, que foram discutidos em sala de aula, e apresentassem o trabalho oralmente, bem como entregassem um relatório, sobretudo que foi compreendido da pesquisa, digitado em um programa de edição, sugeri assim o *Word* e, enviasse por *e-mail* para eventual correção e posterior socialização em grupo. Nesse momento, nos deparamos com outra dificuldade: a maioria dos alunos não sabiam usar o app *Word* tampouco enviar arquivos por *e-mail*. Uma grande surpresa já que não deveria acontecer uma vez que estamos lidando com a geração Z, isto é, os chamados nativos digitais, que pressupõe que esse público está de fato envolvidos em reais situações de letramentos digitais. Esse fato chama a atenção e revela o quão é importante que as escolas tenham clareza de que não se tem como medir com precisão a competência tecnológica do alunado, pois há aqueles que desenvolvem melhor habilidades em rede social, como também apenas para pesquisa e outros nos jogos ou no manuseio do celular e outros que usam, por exemplo, o e-mail apenas como login para acessar *app* como meus alunos. Para solucionar o problema em uma turma tão heterogênea, já que a turma majoritariamente mostrou-se avessa ao uso do editor de texto e do e-mail, eu mudei a estratégia e usamos o grupo do *WhatsApp* para a circulação das informações pesquisadas. Ainda sim, eu tive o cuidado de ministrar uma aula sobre como manusear o *Word* e o *e-mail* sobretudo tratando da função desse gênero muito usado, por exemplo, no âmbito profissional, conforme **Fig. 34**:

Figura 34 – Aula de Word



Fonte: Acervo da professora pesquisadora.

Isso porque o meu objetivo de incluir letramentos digitais específicos nas práticas multiletradas no ensino da língua, neste projeto de intervenção, é de ajudar os alunos a desenvolvê-los e inseri-los na medida do possível em uma cultura digital, respeitando é claro os limites desses educandos, uma vez que concordo com os autores DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM (2016), ao defenderem que

em casos nos quais os estudantes demonstram resistência a determinadas tecnologias, ferramentas ou técnicas (tais como dispositivos móveis ou *sites* de redes sociais, ou até mesmo atividades complexas de codificação), há um argumento para introduzi-las mais tarde em um curso, se possível. Para evitar alienar ou assustar nossos alunos, precisamos levar em conta não apenas seus interesses gerais, como suas atitudes específicas e sua experiência com as novas tecnologias. (DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM, 2016, p.304)

Além disso, achei oportuno solicitar aos meus alunos que recorressem a tutoriais em vídeos que orientassem o uso do editor de texto da *Microsoft*, disponíveis na plataforma *YouTube*, que pudessem ajudá-los a melhor compreender o uso do programa de edição.

Nesse momento narro os relatos dos meus alunos do 8º A os quais relatam suas impressões como usuários de tutorial em vídeo. Antes, valido que para facilitar a coleta de dados, eu didaticamente fiz perguntas para meus alunos durante a roda de conversa. Assim, as questões que conduziram a conversa com meus alunos (sujeitos da pesquisa):

1. O que vocês acharam do tutorial em vídeo?
2. O que vocês aprenderam nesse tutorial em vídeo?
3. Quais os elementos que mais chamaram sua atenção nesse tutorial em vídeo?
4. Qual a opinião de vocês sobre os apresentadores, seja em relação a linguagem usada, a seleção de imagens, a edição, a duração do vídeo e/ou outros recursos que os mesmos tenham usado na produção do vídeo que vocês queiram comentar?

Agora que apresentei os questionamentos que conduziram a minha conversa com meus alunos sobre os tutoriais em vídeo assistidos por eles, detalho aqui os exemplares utilizados pelos alunos e suas respectivas impressões acerca desse gênero:

Acerca do tutorial em vídeo intitulado “*Como fazer trabalhos escolares pelo celular*”¹¹, que foi assistido pela equipe composta pelo sujeito P₁, sujeito G, sujeito A₁ e sujeito V₁, foi afirmado pelo grupo que todos gostaram do vídeo. O sujeito P₁ por sua vez durante a nossa conversa disse que achou o vídeo “legal” (sic), pois segundo ele o vídeo

¹¹Disponível em: <https://youtube/EktCnAU9e-Q>

mostrava com detalhes a forma de mexer no programa *Word*, principalmente o modo como aumentar a fonte da letra. Segundo informações da equipe, ter assistido esse tutorial foi muito importante para a produção do relatório. Outro ponto a salientar reside no fato da equipe ter dito que o apresentador usava uma linguagem informal durante a explicação. O sujeito V₁, ainda apontou para o fato de a presença da legenda presente no vídeo ter facilitado o entendimento da apresentação do tutorial assistido por eles. Em comum acordo, a equipe também elogiou o fato de o vídeo apresentar música de fundo, fato que deixou o vídeo segundo os alunos mais divertido. O sujeito A₁ nesse momento da nossa conversa deixou claro que as imagens facilitaram bastante o entendimento. Por fim, apesar da equipe em consenso ter gostado muito da apresentação, os integrantes acharam o vídeo um pouco extenso. Nesse ponto, o sujeito G criticou o fato de o locutor solicitar a inscrição do canal de forma insistente, sendo que só bastava escrever ou falar para o público se inscrever uma única vez segundo o posicionamento crítico deste aluno que se incomodou com essa atitude.

Acerca do tutorial em vídeo intitulado “*Como usar word no celular*”¹², assistido pela equipe composta pelo sujeito M₁, o sujeito T₁, o sujeito V₂ e o sujeito V₃, a crítica foi positiva, pois em senso comum os alunos acharam bom e afirmaram com toda certeza que aprenderam muito com o mesmo. Inclusive o sujeito T₁ foi o primeiro a dizer que o conteúdo do vídeo contribuiu muito para ajudar a mexer no aplicativo *Word*. Apenas o sujeito M₁ afirmou que se incomodou um pouco pelo fato de o apresentador do vídeo não aparecer, e afirmou que só entendeu a parte que foi falado como que selecionava as palavras no programa de edição de texto. Os demais alunos da equipe apontaram que a linguagem usada era informal e que haviam entendido tudo com clareza. Os irmãos gêmeos o sujeito V₂ e o sujeito V₃ lamentaram as imagens usadas e também sentiram falta de um plano de fundo de maior qualidade, ainda ressaltaram a ausência de música de fundo e a legenda explicativa. Segundo os gêmeos, um vídeo para ser completo tem que ter todos os recursos necessários para agradar os usuários do *YouTube*. O sujeito M₁ voltou a criticar, dessa vez reclamou da extensa duração do vídeo. Por fim, encerramos a nossa conversa com o sujeito M₁ mais uma vez alegando que faltou o apresentador explicar melhor o conteúdo.

Outra equipe a qual também analisou esse mesmo vídeo, composta pelo sujeito L₁, o sujeito P₂, o sujeito T₂ e o sujeito R, afirmou em consenso ter gostado do vídeo. Nesse momento da conversa, o sujeito L₁ defendeu que tudo foi explicado “direitinho” (sic). Os alunos dessa equipe ainda ressaltaram que o tutorial assistido tirou todas as dúvidas que a

¹² Disponível em: <https://youtube.be/rkp0-TbSXBg>

equipe tinha antes, uma vez que segundo eles o vídeo ajudou a entender mais sobre o *app Word* o que contribuiu para a pesquisa deles. Dos quatro integrantes, o sujeito P2 foi a única a não se incomodar por não ver o rosto do apresentador e afirmou inclusive ter ficado bastante satisfeita com o jeito de falar do apresentador, segundo essa aluna o locutor usou palavras “fáceis” de entender (sic). Inclusive, o sujeito T1 salientou que o fato de a gravação ter sido feita com as imagens da tela de um celular facilitou muito o entendimento, pois cada detalhe da explicação era mostrado na tela. Valido que a equipe afirmou não ter se incomodado com a ausência de música de fundo tão comum em outros vídeos, e defenderam o fato de que para eles em nada comprometeu o entendimento do conteúdo. O sujeito L1 novamente se colocou e salientou que as legendas as quais apareciam de forma esporádica no vídeo ajudava no entendimento durante a explicação do locutor. Por fim, finalizamos a conversa com o último comentário da equipe criticando a longa extensão do vídeo.

Acerca do tutorial em vídeo intitulado “*Aula Inicial Microsoft word 2007*”¹³, que foi assistido pela equipe composta pelo sujeito T3, o sujeito L2, o sujeito E1 e o sujeito Y, a equipe em consenso achou o vídeo interessante porque o apresentador, no caso “um rapaz” (sic) como disse o sujeito Y, ensinou passo a passo e conseguiu fazer com que quem estava assistindo compreendesse bem sobre o *app*. O sujeito L2 relatou ter aprendido que no celular fica mais difícil de mexer no *Word* e já no notebook é muito melhor. E ainda observou que o vídeo tinha poucos *likes* e visualizações e que ainda sim explicava muito melhor que outros tutoriais em vídeo que apresentavam um número muito mais expressivo de visualizações e *likes* cujos apresentadores são considerados bons *influencers* (sic) como disse o sujeito L2 para se referir aos apresentadores de vídeos que desejam se promover por meio internet. A equipe afirmou que o vídeo foi bem útil, pois sanou as dificuldades em mexer no *Word*. O sujeito E1 elogiou a qualidade do vídeo, afirmou ter uma boa qualidade de áudio. Também defendeu que o apresentador explicou bem tudo o que tinha que fazer. Segundo os alunos dessa equipe, graças a esse vídeo eles compreenderam melhor sobre o aplicativo *Word*, pois antes do vídeo, nada sabiam fazer nele. Todos da equipe concordaram que o conteúdo do vídeo contribuiu bastante, e ensinou-lhes justamente o que estavam precisando para a produção do relatório no programa de edição de texto. O sujeito T3 quis deixar claro que no tutorial que eles assistiram o apresentador não aparecia, mas que parecia ser bastante educado e, tinha bastante paciência para ensinar. O sujeito T2 disse que a língua usada era formal, sem a presença de gírias ou “algo do tipo” (sic). Por fim, em relação às imagens a equipe relatou

¹³ Disponível em: <https://youtube.be/2ozmse2JOCY>

que correspondiam com as do computador que estavam usando em sala para a produção do texto. Foi validado ainda que não havia música de fundo e tampouco legenda. Para finalizar a nossa conversa me disseram que não tinham mais crítica a fazer além de elogiar o vídeo e afirmar que até a duração do vídeo era boa.

Acerca do tutorial em vídeo intitulado “*Curso Word Completo Iniciante ao Avançado Aula 1 2019*”¹⁴, que foi assistido pela equipe composta pelo sujeito A2, D, P3, C e E2 que de forma geral acharam interessante a apresentação do vídeo, principalmente a forma como foi ensinado. Sobre essa postura, o sujeito A2 disse que no vídeo há informações sobre as fontes disponíveis no *Word*, como também outras informações “indispensáveis” (sic) acerca desse aplicativo. O sujeito E2 acrescentou que esse vídeo contribuiu de forma significativa com a produção do relatório, sobretudo na formatação do texto. O sujeito P1 informou que os apresentadores não apareceram na tela, mas que isso não fazia diferença na explicação. D1 apontou a linguagem como informal, alegando que os locutores recorriam a gírias como “valeu” e “beleza”. A equipe em consenso achou o vídeo bem feito por conta da influência que teve no entendimento do aplicativo, uma vez que a equipe estava com muitas dúvidas antes de assistir ao vídeo. Por fim, o sujeito A2 se colocou novamente e criticou o fato das legendas usadas serem “complexas” (sic), e acrescentou que ficou bastante satisfeito de o vídeo não apresentar música de fundo, segundo ele isso iria atrapalhar o entendimento, tirar o foco do conteúdo. A equipe nada comentou acerca das imagens, e concluiu dizendo que apesar do vídeo ser curto, é bem explicado.

Essa atividade foi demasiadamente importante, pois serviu para inaugurar ainda que não tenha sido propositadamente, o estudo acerca do gênero tutorial em vídeo cuja análise de amostras desse gênero ainda seria realizada no segundo bloco da intervenção didática conforme descrevo na seção seguinte. Frente a exposição dos alunos acerca das características observadas, pude inferir que de modo geral todas as equipes gostaram da ideia de recorrer a esse gênero para auxiliar na manipulação do editor de texto. De modo que sistematizei as principais informações concedidas pelos alunos sobre o gênero em estudo que passo a discorrer agora.

Em princípio, o fato do (a) apresentador (a) do tutorial aparecer ou não na tela dividiu opiniões, porém foi unânime a assertiva de que independente de se mostrar no vídeo o (a) tutorialista deve cumprir com a responsabilidade de explicar bem. De forma genérica reconheceram que os (as) tutorialistas explicam de forma detalhada no vídeo, e o fato de

¹⁴ Disponível em: https://youtube.be/88MRrNIO_4

realizarem simultaneamente o que estão explicando no vídeo facilita muito a compreensão do conteúdo abordado. Somente uma equipe se mostrou preocupada com o cenário, as demais apenas validaram não ser isso um aspecto relevante para a produção de um tutorial. Em relação à linguagem, os alunos apontaram para o uso informal da língua, uma vez que reconheceram ocorrências da variedade não padrão bem como a presença de gírias que reforçam, segundo os alunos, o registro informal da linguagem. A escolha da informalidade da língua foi considerada inclusive um ponto positivo, já que conforme os alunos, colaboram com o entendimento do conteúdo. Na seção em que trato da análise desse gênero, aponto para a identificação do internauta com o produtor do tutorial, sendo este que pensa estrategicamente na escolha da informalidade da língua para a produção dos vídeos. Outro ponto, reside na duração do vídeo cujo limite não é delimitado pelo YouTube – plataforma em que se veicula os vídeos. Apesar disso, os alunos acharam muito mais dinâmicos os vídeos mais curtos os quais melhor se entretiam e prendiam a atenção deles.

Somado a isso, os alunos apontaram o uso recorrente da semiose escrita sobretudo nas legendas dos vídeos que auxiliaram na compreensão do conteúdo. Assim como apontaram para a semiose imagética, tanto a imagem em movimento quanto as imagens estáticas que dinamizam o vídeo e facilitam o entendimento do que está sendo explicado lá. Ademais, apontaram para a semiose sonora, destacando as músicas de fundo as quais não atuam diretamente na explicação do conteúdo, segundo os alunos, mas tornam o tutorial mais atraente e dinâmico. Destarte, os alunos observaram que esse gênero permite que o (a) tutorialista faça a autopromoção do seu canal por meio de pedido de *likes* para garantir o vínculo e o selo de qualidade do vídeo na plataforma YouTube.

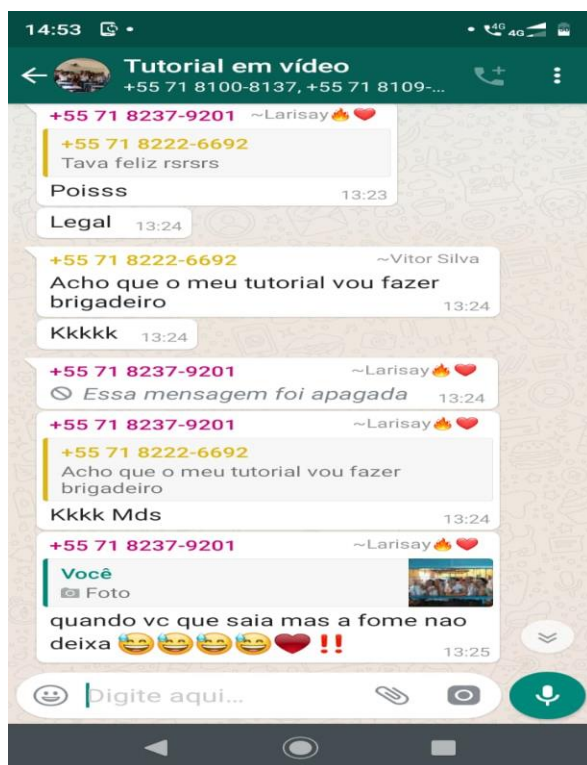
Por fim, finalizamos o bloco I conforme previsto no protótipo didático com as apresentações das duplas acerca dos aplicativos discutidos durante as aulas. No dia das apresentações tivemos que usar a sala de coordenação, pois era a única que continha um computador com internet para que os alunos apresentassem como se manipula os aplicativos em tempo real. Percebi uma familiaridade maior dos alunos com os aplicativos de rede social, em virtude do uso constante dos mesmos segundo meus próprios alunos. Notei, pois, que trabalhar em sala de aula os letramentos digitais também aproximou a escola da realidade dos meus alunos como prevê a BNCC (2017, p. 61) ao afirmar que “é imprescindível que a escola “eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital”.

7.2 Gênero tutorial em vídeo: um estudo coletivo

Segui com a aplicação das atividades previstas no protótipo didático, disponíveis no segundo bloco, a fim de trabalhar com os alunos a princípio o letramento SMS e posteriormente uma análise coletiva das categorias textuais presentes no gênero em estudo. Assim, foi sugerido aos mesmos que criassem um grupo de *WhatsApp* o qual foi intitulado “Tutorial em vídeo”. Nesse ambiente em rede, o propósito era discutir as informações relativas às atividades do projeto. Com o grupo criado, motivei-os a observar outras variedades da língua, neste caso especificamente o “internetês”, uma vez que meus alunos se encontram imersos na cultura da *web 2.0*, ao passo que seu uso, conforme Dudeney; Hockly; Pegrum (2016) pode ser oportuno para uma tomada de consciência dos mesmos acerca das convenções linguísticas das mensagens de texto que certamente são um rico acervo em todas as línguas.

A partir dessas observações verificamos a diferença existente entre a variedade padrão da língua e o “internetês”, bem como a dificuldade que temos em utilizar a língua padrão em detrimento da facilidade em usar o “internetês”, uma vez que já faz parte do nosso cotidiano e, sobretudo, porque não temos a obrigação de seguir regras gramaticais, podendo inclusive construir nossas próprias regras, embora se pressuponha que exista um padrão linguístico que é disseminado e reconhecido coletivamente nas redes sociais. Além disso, a agilidade na comunicação torna o “internetês” ainda mais atraente para os usuários, visto que esta variedade torna o outro (usuário) mais acessível e, por isso também, contribui com a socialização entre várias pessoas ao mesmo tempo, e além de nossas diversas atividades comunicativas serem mais céleres.

Neste ínterim, apresento a **Fig. 35** e **Fig. 36** extraída da conversa do grupo de *WhatsApp* onde os alunos deixam registrado um diálogo sobre a aula em que trabalhei a organização composicional do gênero tutorial em vídeo:

Figura 35 – Conversa em *WhatsApp*

Fonte: acervo da professora pesquisadora

Figura 36 - Conversa em *WhatsApp*

Fonte: acervo da professora pesquisadora

Pode ser observado nestas imagens que os alunos fazem uso de abreviações como em “Mds” (Meu Deus); nas representações onomatopeicas como “Kkkk” e “rrsrsrs” que representam risos; repetições das letras “lindoo”, “poiss” cuja finalidade é dar ênfase a fala numa tentativa de imitar a oralidade; no uso de emojis e das figuras representativas dos sinais gráficos da gramática padrão utilizadas com o mesmo objetivo de dar entonação, porém de forma distinta da língua padrão como em “!!”.

Uma vez o grupo já criado, nesse ambiente em rede, para a realização das atividades de estudo das categorias do gênero tutorial em vídeo, enviei os exemplares de vídeos a serem analisados pelos alunos. A proposta inicial era que os alunos, na sua individualidade assistissem aos vídeos, em sua casa e, observassem as características de cada vídeo, para que posteriormente, já em sala de aula, pudéssemos analisar coletivamente as categorias textuais desse gênero a fim de que os alunos, enquanto na prática de autoria, conhecessem as características e comesçassem a pensar em como lidar com essas linguagens multissemióticas e saber interpretar as características que interferem em sua produção. Entretanto, ainda que uma das alunas tenha baixado a versão desses vídeos *offline* e tenha disponibilizado no grupo, em

virtude da carência de dez (10) alunos que não tinham acesso à internet, os vídeos foram assistidos na sala de aula.

Para o estudo sobre a organização temática, estilística e de contexto de produção foi realizada uma sessão dividida em dez (10) aulas. A primeira aula, teve como objetivo fazer com que todos os alunos pudessem assistir aos vídeos individualmente, para isso, foi necessário dispô-los em dupla, de modo que, aqueles que não tinham celular e fone de ouvido ficassem com quem tinha, fazendo com que todos tivessem acesso. As aulas posteriores, foram todas realizadas em formato de roda de conversa.

Na primeira aula, após os alunos terem assistido aos vídeos, eles foram orientados a discutirem sobre às características de cada vídeo entre si, deixando livre para que cada um escrevesse no caderno alguma observação sobre os vídeos. No segundo encontro, com duas aulas geminadas, em roda de conversa discutimos a organização temática por meio das perguntas que foram previamente elaboradas conforme apresentado no protótipo, desse modo, os alunos foram indagados sobre essa categoria, e as respostas e toda a conversa foi registrada em um caderno de anotação da professora pesquisadora, já a gravação foi descartada, visto que estava inaudível devido a péssima acústica da sala. Durante a conversa, foi possível observar que os alunos já têm um conhecimento intuitivo a respeito das categorias textuais como pode ser observado nas respostas dadas acerca da solicitação de *likes* e inscrição no canal em que os alunos falam sobre a importância dos *likes* para a verificação do interesse e da aceitação do público, bem como, para obter lucro na plataforma do *YouTube*, além disso, eles demonstraram conhecimento sobre o uso dos recursos disponíveis dessa plataforma como quando eles afirmam que os inscritos podem ser sinalizados. Durante a conversa percebi que os alunos reconheciam com facilidade as palavras *like*, inscritos, seguidores, notificação as quais segundo os mesmos parecem fazer parte não só desse gênero como também de outros que habitam o ambiente digital, fato que sobre a seleção lexical de um gênero Bakhtin (1997) afirma que

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Costumamos tirá-la de outros enunciados, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. (BAKHTIN, 1997, p. 312-313)

Nesse estudo também, observei se os alunos conseguem perceber a importância do título dos vídeos na composição dos mesmos, verifiquei, portanto que a turma ficou dividida, metade não deu importância aos títulos e a outra metade observou não apenas o título como

também a descrição do vídeo. Ao serem questionados sobre os elementos visuais alguns alunos demonstraram preocupação em aparecer no vídeo, porém consideraram interessante ver o modo como um *youtuber*¹⁵ apresenta a tarefa, também se mostraram entusiasmado para produzir um vídeo. Eles também observaram que alguns vídeos fazem *merchandising* dos produtos apresentados deixando inclusive aparecer o preço do produto. Outro ponto importante que deve ser ressaltado, é que os alunos demonstraram conhecimento sobre a convenção linguística utilizada nos tutoriais tais como o uso frequente dos conectores “como” e “para quê”, em que eles afirmaram que serve para evidenciar finalidade do conteúdo do vídeo, já que como apontaram os alunos esse gênero destina-se a ensinar algo, por isso deve conter tais palavras na indicação dos seus títulos, para que assim o usuário possa reconhecer facilmente que se trata de um tutorial em vídeo, isso demonstra que “o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido”. (BAKHTIN, 1997, p. 308).

No segundo encontro, a fim de retomarmos a discussão acerca das categorias textuais do gênero tutorial em vídeo para que pudéssemos, desta vez, analisar a organização estilística e o contexto de produção assistimos novamente aos três vídeos supramencionados. Seguindo a mesma metodologia da aula anterior, foi realizada uma roda de conversa tendo como base o questionário que também se encontra disponível no protótipo, aquele direcionado à estilística. Neste encontro, os alunos demonstraram já terem um prévio conhecimento instintivo de como elaborar o tutorial em vídeo informando o modo como eles consideraram a melhor forma de apresentar o conteúdo, esse fenômeno pode ser observado em decorrência da resposta dada às questões durante toda a discussão, como quando o sujeito L₂ sugeriu que o apresentador apareça apenas no início do vídeo tendo como foco as mãos dando ênfase à atividade executada. Nesta discussão, também foi possível observar que cada aluno pode ter sua própria perspectiva de como poderia ser realizado o mesmo vídeo demonstrando, desse modo, o conhecimento intuitivo sobre a organização estilística baseado em seu conhecimento de mundo, o sujeito E₁, por exemplo, aponta para a relevância de conhecer a pessoa, uma vez que para ele não ver o apresentador desperta a curiosidade do telespectador, já o sujeito A₁ discorda ao afirmar que a aparição do apresentador atrapalha, pois bloqueia o foco do que estar sendo apresentado. Outro questionamento feito à turma foi a respeito do modo de falar, gesto e expressões faciais dos apresentadores os quais gerou polêmica na sala, a respeito disso

¹⁵ Entende-se *youtuber* como personalidade do *YouTube* ou criador de conteúdo nessa plataforma, como se fosse um tipo de celebridade da internet que ganhou popularidade no site de compartilhamento de vídeos. (Disponível em: wikipedia.com.br. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

os alunos fizeram comentários sobre as caras e bocas da apresentadora que estava de acordo com a temática do tutorial em vídeo que era produzir um brigadeiro, causando o interesse de quem assistia, além disso, também comentaram sobre a forma de cada apresentador se expressar no vídeo. Eles também foram questionados sobre a linguagem e formal ou informal e o motivo da escolha de tal linguagem. Apesar da maioria ter conhecimento sobre a diferença de linguagem formal e informal e de o assunto já ter sido ensinado no ano anterior, foi necessário nesse momento a intervenção da professora pesquisadora para revisar a distinção entre a variação da língua. Ainda sobre a linguagem, os alunos notaram que dentre os três vídeos apenas um fez uso da variação formal da língua, visto que se tratava de uma linguagem técnica, apesar de acessível a todos, pois o apresentador era um médico. Podemos inferir, diante dessa análise da intervenção, que os jovens possuem um conhecimento tácito sobre como deve ser realizada a organização estilística dos tutoriais em vídeo.

Nesse mesmo encontro, também discutimos na roda de conversa o contexto de produção dos tutoriais em vídeo. Desse modo, os alunos foram questionados se os tutorialistas eram especialistas da área temática a fim de verificar se eles compreendem que qualquer pessoa pode apresentar um tutorial em vídeo. Durante a conversação, eles observaram que apenas o médico era especialista devido ao jaleco que este usava, nesse momento a professora pesquisadora entrevistou mostrando aos alunos que o tutorial apresentava o código de licença do médico, além de ter a frente do seu nome a sigla “Dr”, demonstrando, dessa forma, que se tratava de um especialista. Além disso, os alunos demonstraram já conhecer uma das “blogueiras” (termo utilizado pelos próprios alunos) “Gabriela Saraivá”. Eles relataram a importância dos tutoriais em vídeo no *Youtube*, visto que, na opinião deles a maioria das pessoas procura vídeos neste site para os mais variados assuntos. Sendo orientados pelas questões previamente elaboradas, os alunos teceram comentários a respeito da estrutura dos tutoriais em vídeos e afirmaram que apenas dois tutoriais assistidos durante a aula seguiram um roteiro, pois, de acordo com eles, um dos vídeos foi mal elaborado, pois as tutorialistas repetiam muito as palavras como a palavra “gente”, porém uma das alunas, L2, disse que este tutorial também tinha um roteiro, contudo, estava desorganizado. Nesta aula, em específico, surgiu uma curiosidade por parte da professora pesquisadora que foi a de saber o que motiva os alunos a escolherem um tutorial. A este respeito, a maioria observa o conteúdo de um tutorial em vídeo nos primeiros segundos, em seguida passam a observar o número de visualização, o número de inscritos e quantidade de *likes*.

O terceiro encontro do bloco II, ainda tratando da análise das categorias textuais do gênero tutorial em vídeo, desta vez tratando da sessão da organização composicional, foi

dividido em duas etapas: Atividade A e atividade B. Na atividade A, foi solicitado aos alunos que em dupla eles imaginassem que o tutorial pudesse ser dividido em três momentos: abertura, desenvolvimento e encerramento e em seguida motivei-os a observar alguns elementos que compõem a estrutura como apresentação, saudação, modo de fazer, entre outros descritos minuciosamente na atividade proposta no protótipo. Nessa atividade os alunos destacaram de imediato na abertura do vídeo que se tratava de um tutorial em vídeo, nesse momento indaguei-lhes o porquê dessa afirmação e os alunos explicaram que todo tutorial explica logo no início do vídeo o que os tutorialistas pretendem ensinar como também saúdam os usuários, compondo assim a abertura do vídeo segundo os alunos. Quanto ao desenvolvimento os alunos apontaram toda a explicação da atividade executada pelo tutoralista como parte desse trecho, já a conclusão conforme os estudantes é composta de saudação, porém com pedidos de aprovação do vídeo postado. É possível perceber que os alunos têm uma breve noção de extensão do vídeo, em relação à essa postura concordo com Bakhtin (1997) ao defender que

aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1997, p. 302)

Toda a proposta desta aula teve como propósito fazê-los observar que o gênero em questão possui relativa estabilidade que determinam sua variabilidade e invariabilidade. Por fim a professora pesquisadora facultou aos alunos o preenchimento da planilha, elaborada pela mesma e, posteriormente na lousa, a partir da observação dos alunos, escreveu o que foi socializado. Abaixo encontre-se o registro das planilhas extraídas da lousa nas **Tab. 8** e **Tab. 9**:

Tabela 8 Aspectos Variáveis pelos alunos

	<i>“Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah</i>	<i>“PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI”</i>	<i>“Como fazer slime com cola branca!”</i>
ABERTURA	Apresentação	Apresentação	Solicitação de likes;

INTRODUÇÃO	pessoal;	pessoal;	Solicitação de inscrição em canal;
INSTRUÇÃO	Produção do brigadeiro	Explicação do remédio	Produção do <i>slime</i>
FECHAMENTO	Solicitação de likes; Solicitação de inscrição em canal; Apresentação do produto pronto. Sinalização de outros vídeos do canal	Sinalização de outros vídeos do canal.	Apresentação do produto pronto.

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 9- Aspectos Invariáveis pelos alunos

	<i>“Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah</i>	<i>“PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADA POR DR LUCAS FUSTINONI”</i>	<i>“Como fazer slime com cola branca!”</i>
ABERTURA	Saudação;	Saudação;	Saudação;
INTRODUÇÃO	Apresentação do conteúdo; Apresentação do canal.	Apresentação do conteúdo; Apresentação do canal.	Apresentação do conteúdo; Apresentação do canal.
INSTRUÇÃO	Passo a passo;	Passo a passo;	Passo a passo;

	Dicas.	Dicas.	Dicas.
FECHAMENTO	Despedida	Despedida	Despedida

Fonte: Elaborado pela autora.

De modo que a atividade A foi encerrada com a exposição e observação do quadro acima. Já em outro encontro, deu-se início à atividade B, que consistiu em motivar os alunos a confrontar o gênero receita com o gênero tutorial em vídeo. Apresentei aos alunos um exemplar que ensina o usuário a fazer um brigadeiro, vídeo que já havia utilizado na atividade anterior, e uma receita retirada da internet centrado-se majoritariamente na semiose escrita de ambos os gêneros. O objetivo era incentivar os alunos a realizarem uma reflexão sobre o tutorial em vídeo verificando os contrastes da organização composicional fazendo-os refletir se o tutorial em vídeo é de fato uma adaptação/evolução do gênero receita, visto que, apesar de apresentar muitas semelhanças estruturais, há no tutorial em vídeo características peculiares a este, como: saudações, apresentação do tutorialista, apresentação do objetivo do vídeo, despedidas, entre outros.

Dessa maneira, após a exposição dos dois gêneros para os alunos, segui indagando-os tendo como base três perguntas temáticas que estão no protótipo previamente elaboradas. As questões seguiram uma ordem de modo a fazer com que os alunos percebessem que no tutorial em vídeo possuem diferenças nítidas do gênero receita. Assim, a primeira pergunta tinha como objetivo fazer os alunos perceberem algumas características escritas do tutorial em vídeo como a saudação, a segunda concentrou-se nas semelhanças e diferenças do tutorial em vídeo e da receita e por último, o propósito era discutir as estratégias linguísticas de ambos. Diante disso, a primeira pergunta foi específica do tutorial em vídeo e consistiu em verificar o que os alunos conseguiam perceber a respeito da intenção da tutorialista ao usar a expressão “*Oi... meninas*”. Uma das observações feitas pelos alunos foi sobre o gênero feminino, nesse caso notaram que ao utilizar essa expressão, a tutorialista direciona seu vídeo para o público feminino, pois, segundo eles, existe uma tendência na sociedade em acreditar que apenas as meninas saibam e tenham interesse em cozinhar. No entanto, seis alunos do gênero masculino afirmaram que sabem cozinhar e alegaram que o vídeo também pode ser assistido por meninos. A respeito das diferenças dos gêneros discursivos, os alunos também disseram que no gênero receita tem apenas os ingredientes e o modo de fazer, enquanto que no tutorial em vídeo os tutorialistas dão dicas para que a receita fique melhor. Além disso, eles afirmaram que preferem o tutorial em vídeo, pois pode pausar o vídeo e rever as ações desenvolvidas

como também a linguagem do tutorial parece estar falando diretamente com os seguidores. No que tange as palavras utilizadas nos gêneros analisados, os alunos destacaram os verbos utilizados em ambos os gêneros e afirmaram que os verbos utilizados tanto em um quanto no outro davam ideia de ordem, porém no tutorial a menina utilizava uma linguagem mais informal ou como diz os próprios alunos, “*a menina utilizava uma linguagem do cotidiano*”, já a receita, segundo eles tinha mais formalidade. Durante a discussão os alunos pediram para fazer a receita de um brigadeiro e decidimos optar pelo brigadeiro tradicional devido aos ingredientes disponíveis na escola e seguimos a receita disponível na atividade. Com a permissão e supervisão da direção, três dos alunos me acompanharam até a cozinha da escola para a produção da sobremesa. Depois de pronta os alunos pediram para compartilhar com alguns funcionários da escola. Registrei esse momento conforme as **Fig. 37** e **Fig. 38** abaixo:

Figura 37 - Alunos fazendo brigadeiro na escola



Fonte: acervo da professora pesquisadora

Figura 38 – Alunos compartilhando o brigadeiro na escola



Fonte: acervo da professora pesquisadora

Para encerrar, a última sessão desse bloco, intitulada Leitura de imagem foi realizada em duas aulas geminadas. Nesta aula apresentei slides com seis (6) fotogramas do tutorial em vídeo já utilizado na primeira atividade deste bloco para analisar a estilística visual. Esta apresentação consistiu em motivar os alunos a analisar livremente sem perguntas pré-

formuladas, direcionando a aula apenas pelos próprios slides e pelo o que os alunos diziam. Durante a apresentação dos fotogramas, os alunos fizeram várias críticas à tutorialista também com base no que eles já tinham assistido anteriormente em outra aula, dentre elas, observaram que o cenário escolhido não foi bom, pois a acústica ficou muito ruim e explicaram que ela poderia ter escolhido outro cômodo da casa como o quarto. No que se refere a estilística visual, os alunos comentaram sobre a escolha do vestuário e da imagem pessoal da tutorialista, afirmando que esta não fez uma boa apresentação, pois não estava arrumada. Eles também frisaram que apesar da tutorialista não ter falado para que os usuários se inscrevam em seu canal, ela os incentiva por meio de figurinhas (1- inscreva-se; 2- ative as notificações; 3- um dedo de legal) no início do tutorial em vídeo a se inscreverem. Outra observação que os alunos fizeram é que a tutorialista opta por apresenta o slime já pronto no início do tutorial em vídeo. Já no quarto e quinto fotograma os alunos perceberam que a tutorialista dá um Zoom nos materiais do slime e fizeram também uma crítica ao perceberem, segundo eles, que ela se quer teve o cuidado de tirar o preço dos materiais que ela utilizou. Por fim, no último fotograma, apresenta um zoom nas mãos durante o momento em que ela faz o slime, sendo este foco nas mãos uma observação dos alunos. Os alunos demonstraram grande interesse nesta aula e só não falaram mais porque a aula havia encerrado. Assim, finalizamos o segundo bloco de atividades.

7.3 Conhecendo o contexto cultural: planejar é tudo

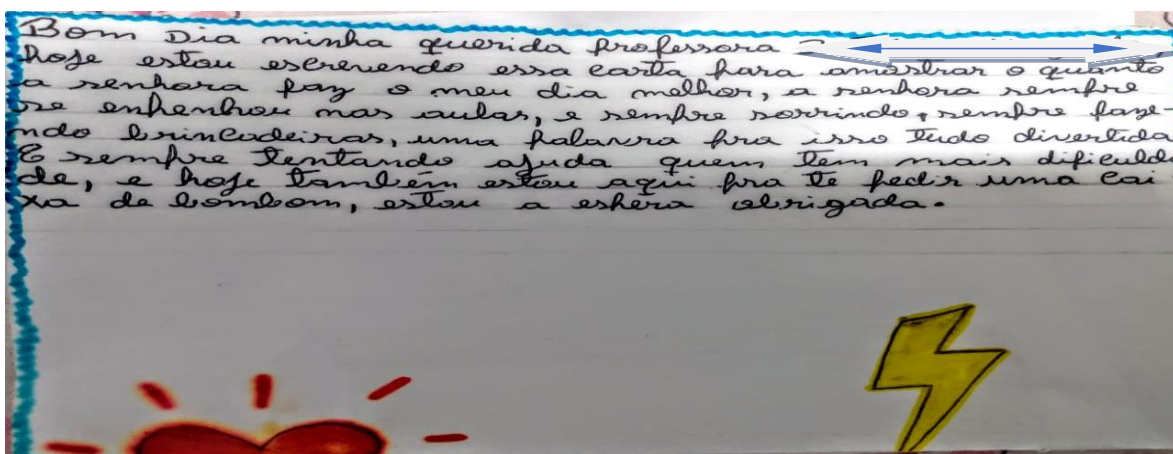
Cientes da formação do gênero tutorial em vídeo, estudado em suas minúcias nas atividades anteriores, começamos a pensar em como produzir esse gênero, para isso nesse bloco, inicialmente, motivei os alunos a pensarem na importância de se planejarem antes da execução do vídeo. Assim, convide-os primeiramente a refletirem sobre a relevância de nos preocuparmos com o público a quem destinamos nossos enunciados, já que “o índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário” (BAKHTIN, 1997, p. 321). A partir dessa postura, iniciamos o estudo acerca do interlocutor, em que inicialmente havia criado uma situação problema hipotética em sala de aula para que meus alunos destinassem um bilhete para três interlocutores distintos. Então, pedi-lhes que se reportassem a um professor de sua preferência, a diretora da escola e a prefeita de sua cidade, pedindo-lhes a doação de um computador para a escola. Todavia, para minha surpresa meus alunos pediram para que pudessem redirecionar seus textos com suas

demandas pessoais a fim de que fossem realmente atendidas por seus interlocutores. Neste momento, percebi que ainda mesmo com um projeto inovador, ainda estava presa a algumas metodologias tradicionais que dispensam a realidade do aluno e não os envolve em metodologias de ensino em práticas situadas de linguagem. Como o objetivo dessa atividade era fazer com que os alunos pudessem perceber como intuitivamente eles mudam a sua organização estilística ao considerar interlocutores diferentes a fim de que possam atingir a eficiência na comunicação, deixe-os livres para escolher os interlocutores conforme suas demandas em consonância com a BNCC (2017) ao ressaltar que

estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem. (BNCC, 2017, p. 71)

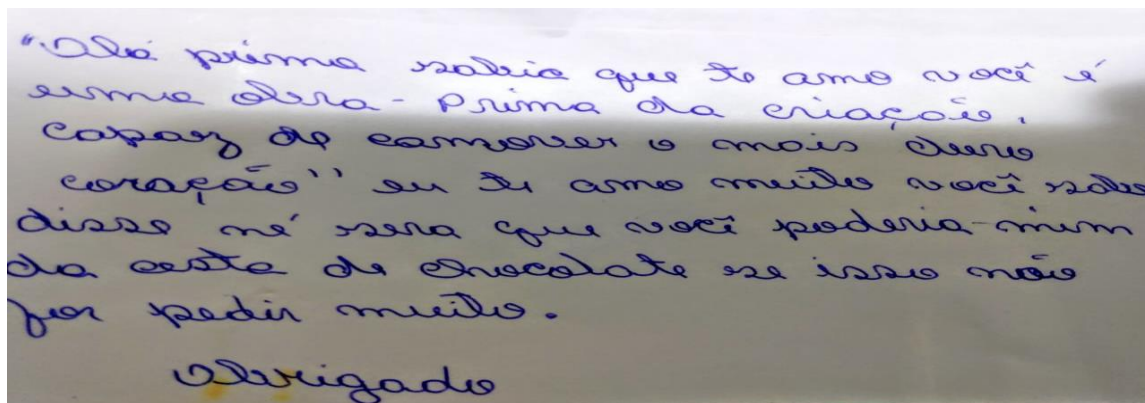
Pensei naquele momento que fazer meus alunos aceitarem um simulacro poderia pôr em risco a espontaneidade das ações dos meus alunos, além de arriscar a submetê-los a algo que se quer que os estudantes aprenderiam de verdade, já que não fazia sentido, ao invés de uma demanda importante para eles como significativo na resolução de problemas com os quais estavam de fato envolvidos. Confirmei, então, o que havia pretendido, ainda com essa modificação na aula, os alunos em cada texto demonstram uma organização estilística visual e escrita distinta e preocupada com seu interlocutor conforme sua demanda, representado nas **Fig. 39, Fig. 40 e Fig. 41** a seguir:

Figura 39 – Bilhete com pedido de caixa de bombom



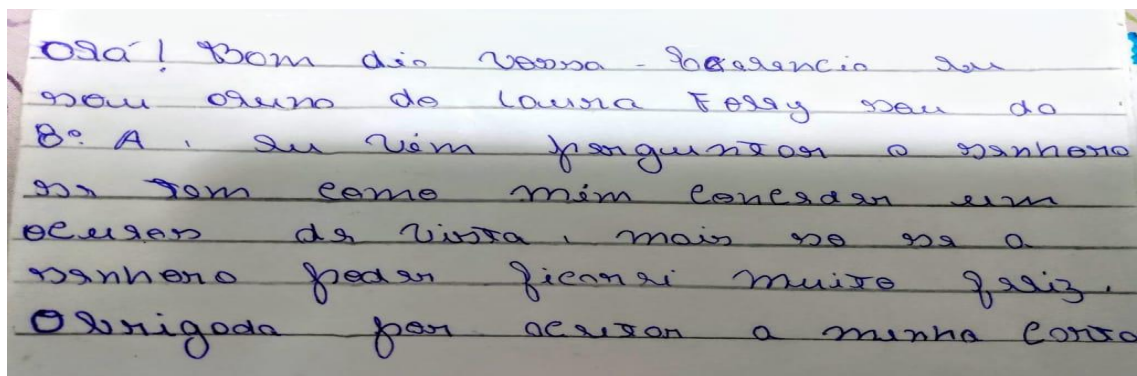
Fonte: acervo da professora pesquisadora

Figura 40 – Bilhete com pedido de chocolate



Fonte: acervo da professora pesquisadora

Figura 41 – Bilhete com pedido de óculos



Fonte: acervo da professora pesquisadora

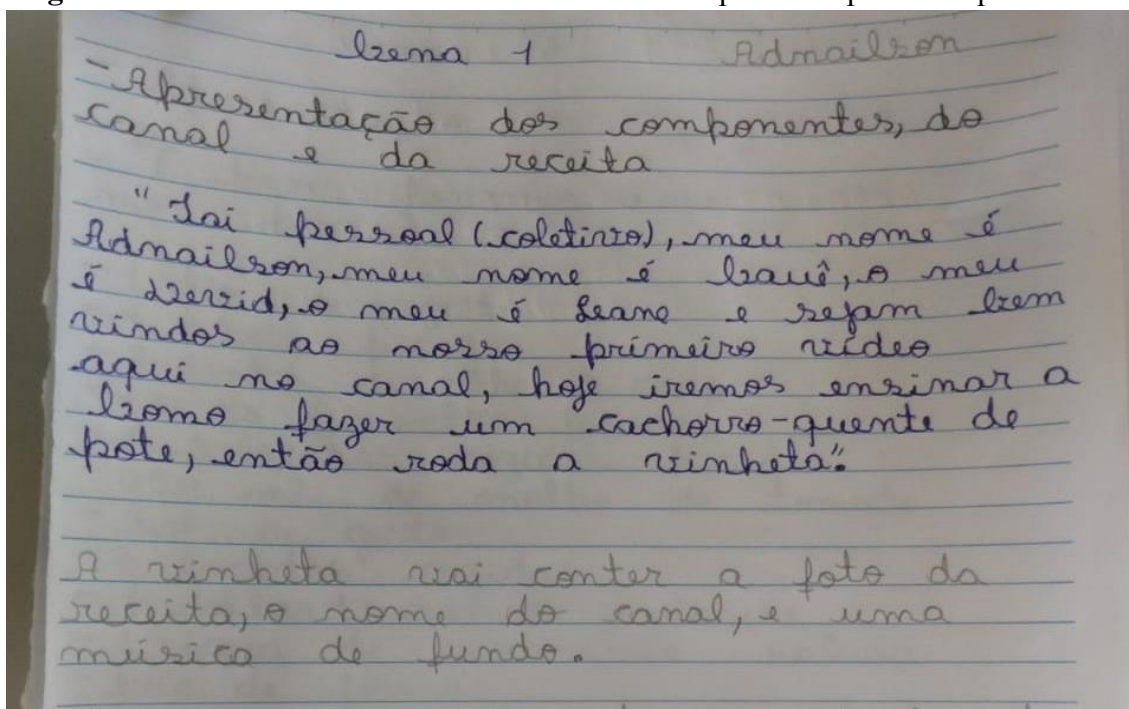
É possível perceber nos três bilhetes uma organização textual distinta, no primeiro há uma manifestação de carinho devido a uma ligação afetiva entre aluno e professor expressa no teor do texto por meio do termo “querida”, por exemplo, como também o sentimento de gratidão explícito na mensagem por escrito e pelas imagens desenhadas. Diferentemente, do segundo bilhete no qual já aparece o pronome de tratamento “você” que exige em teoria uma intimidade com o interlocutor, usado tranquilamente provavelmente pelo fato do interlocutor ser um parente. Já o último bilhete demonstra com o uso do pronome de tratamento “vossa Excelência” um certo distanciamento do interlocutor que tem sua autoridade pública inclusive reconhecida. Enfim, essa atividade foi útil para que os alunos percebessem que intuitivamente já têm cuidado com o interlocutor a quem destina seus enunciados, pois conforme Bakhtin (1997) o enunciador enquanto fala leva em conta o fundo perceptivo sobre o qual sua fala será recebida pelo destinatário, em relação ao grau de informação que ele tem da situação, sejam suas opiniões ou as suas convicções, como também seus preconceitos, além de suas simpatias e antipatias.

No encontro seguinte, os alunos no início da aula já me abordaram questionando se já poderiam escolher para quem destinariam suas produções. Pedi nesse momento que pudéssemos antes refletir acerca de qual temáticas abordariam. Assim, iniciei a aula sobre as esferas temáticas, explicando-lhes que havia campos discursivos em que eles poderiam atuar. Na lousa desenhei um diagrama proposto no protótipo didático em que aparece as esferas discursivas bakhtinianas. Posteriormente, questionei-lhes a área de interesse e, computei que a maior parte da sala se interessava muito pelo campo do cotidiano no que se refere à culinária, apenas oito (8) alunos se interessaram pelo campo da ciência no que se refere à área tecnológica. Durante a discussão, quatro (4) alunos afirmaram o desejo de abordarem o campo cotidiano no que se refere ao entretenimento na confecção de brinquedo.

Uma vez realizadas as escolhas temáticas no encontro anterior, organizamos dez (10) equipes em quartetos e trios para realizarmos uma pesquisa em nossa escola a fim de investigar a circulação e as preferências temáticas de tutorial em vídeo no entorno escolar. Essa experiência foi inovadora já que os alunos tiveram que visitar outras turmas e abordar alguns funcionários para indagar-lhes acerca do uso do gênero em estudo. Muitos alunos estavam com vergonha, por isso considero que essa atividade foi oportuna para o enfrentamento de muitos alunos que apresentam limitações durante as apresentações que envolvem a oralidade. Além das entrevistas realizadas na escola, eu também solicitei que os alunos investigassem a rotina de seus familiares e amigos. Usamos mais uma aula para compartilhar todo o material coletado na escola e em casa para socialização em sala de aula, na qual cada aluno pode expor tudo que pesquisou e analisou durante sua investigação. Nesse encontro a maior parte da sala já demonstrava certeza no conteúdo que iria desenvolver na produção do tutorial em vídeo. Em virtude disso, encerrando o terceiro bloco de atividades do protótipo, destinei a aula seguinte para a elaboração do roteiro o qual organizaria todas as etapas necessárias para a produção do vídeo de cada equipe. Embora nessa atividade, eu tenha disponibilizado para os alunos alguns tópicos que permeiam o roteiro, facultei aos alunos a composição de cada texto. Assim, os alunos organizaram os recursos físicos como ingredientes quem optou por culinária e material para confecção de brinquedo. Também cuidaram nessa etapa da memória do celular, já que a gravação de vídeo demandaria espaço de memória. Como também haviam escolhido o local para a gravação, ressalto que apenas duas equipes optaram por gravar as cenas na escola. Essa decisão se deu em virtude da acústica dos vídeos que segundo alguns alunos seria prejudicada se gravado no ambiente escolar. Ressalto que apesar de eu pedir que constasse no roteiro todas as informações que seriam utilizadas, tais como título do tutorial em vídeo e a descrição do vídeo para a postagem na plataforma do *YouTube*, além dos

elementos composicionais, estilísticos e o próprio contexto de produção, como por exemplo, as legendas, as imagens estáticas ou em movimento, sonoridade, dentre outros elementos que seriam adicionados na edição de vídeo, visto que a criação dos tutoriais em vídeo é uma produção audiovisual constituída por várias semioses, que precisam ser articuladas pelo produtor. Entretanto nem todos os roteiros atenderam a essa proposta o que não inviabilizou a futura produção do tutorial em vídeo realizada ao final do projeto. De modo que a produção colaborativa desses roteiros favoreceu a mediação da professora pesquisadora com intervenções, agindo sobre o processo, inclusive com questões de gramática normativa advindas dessa produção textual. Entretanto todos os roteiros apresentaram em comum o fato de apresentarem uma saudação e objetivo de cada tutorial a ser apresentado, o que sugere o aprendizado dos alunos em relação a organização composicional desse gênero, conforme **Fig. 42** abaixo:

Figura 42 – Roteiro do tutorial em vídeo “como fazer pudim de panela de pressão”



Fonte: acervo da professora pesquisadora

Quando finalizado o terceiro bloco de atividades, os alunos estavam ansiosos com a produção dos vídeos, já que nessa última etapa do projeto eles estariam envolvidos diretamente com as ferramentas tecnológicas durante o processo de gravação, edição e postagem de vídeos.

7.4 Desenhando um gênero digital

No último bloco de atividades destinada a construção de mensagens multimídia a partir da produção do gênero multimodal tutorial em vídeo, gênero este que comporta imagens, escrita, oralidade, gestos e sons que se entrelaçam com uma finalidade comunicativa foram realizadas as ações de gravação, edição e postagem no site de compartilhamento social, o *YouTube*. Com os grupos já criados, organizei horários para o ensaio em que os alunos em sala de aula pudessem simular a gravação do vídeo. Durante a semana de ensaio, apenas duas equipes escolheram gravar o vídeo na escola, sendo que demais optaram por gravar na casa de um dos integrantes da equipe. Como já havia participado do ensaio, e todos estavam munidos de roteiro, permiti que o procedimento de gravação fosse realizado extraescolar, mas salientei que deveriam ter a ajuda de um adulto durante a execução da tarefa. Creio, conforme os comentários ao final dos trabalhos, que todos os integrantes respeitaram esse critério. Todas as gravações foram feitas com o celular dos próprios alunos. Até mesmo as gravações realizadas na escola foram feitas com o aparelho dos próprios alunos, embora eu tenha disponibilizado meu celular e um tripé como material de gravação, conforme mostra a **Fig.43** abaixo:

Figura 43 – Gravação do tutorial em vídeo “Como fazer mouse”



Fonte: acervo da professora pesquisadora

Após os alunos terem gravado e armazenado os vídeos na nuvem para que a professora pesquisadora tivesse acesso a gravação para mediar a posterior edição, iniciou-se a fase de editar. Esta que mais demandou tempo de todos, ao que me incluo, pois também não tinha

experiência com edição de vídeos até aquele momento. Baixamos diferentes programas de edição de vídeo, além dos que havia recomendado como o *Audacity*, *Sony Vegas* e *Movie Makers*, entretanto ainda tínhamos dificuldade em manipulá-los. Certamente, essa atividade foi a que mais demandou tempo para sua execução, a fim de que os vídeos ficassem bem elaborados. A dedicação a etapa da edição é muito importante na produção do vídeo, nesse sentido os autores Silva; Tinoco (2019) afirmam que

os vídeos curtos, produzidos colaborativamente, planejados por escrito e amadurecidos pelas etapas de revisão, reescrita, edição tendem a resultar em textos mais bem-acabados, prontos para circulação real. (Silva; Tinoco, 2019, p.209).

Enfrentada essa dificuldade os alunos conseguiram editar seus vídeos e avançamos para a postagem dos tutoriais. Durante esse processo cada equipe criou um canal na plataforma *YouTube*, escreveu a descrição e postou seu tutorial em vídeo em sala de aula mediados pela professora pesquisadora. Momento em que os alunos passaram a se inserir na internet. Essa atividade foi importante para auxiliar os alunos a refletirem como podem se apresentar nesse espaço multimidiático. Os autores DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM (2016, p. 224) defendem que “estabelecer e administrar uma presença *online* é uma tarefa desafiadora, especialmente quando várias mídias e até múltiplas linguagens possam estar envolvidas”. Assim, foram produzidos sete (7) tutoriais em vídeo com temáticas distintas os quais detalho brevemente as informações relativas à postagem de cada um deles a seguir:

✓ Como Fazer Bolo No Pote/ Simples e Facil¹⁶

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 18 de novembro de 2019; possui o número de 384 visualizações; 26 curtidas de “gostei” e 0 de “não gostei”; 27 inscritos e duração: 07min39seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado a partir de uma vinheta com a logomarca do canal e trilha sonora, desenvolve-se com a apresentação de apenas uma tutorialista que produz um bolo de pote em sua cozinha e, encerra-se com outra trilha sonora e a despedida da equipe na qual todos os três (3) alunos aparecem fisicamente.

✓ Como fazer uma cobertura de bolos deliciosa¹⁷

¹⁶ Disponível em <https://youtu.be/Ctgei9AfsM>.

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 17 de novembro de 2019; possui o número de 54 visualizações; 17 curtidas de “gostei” e 0 de “não gostei”; 15 inscritos e duração: 04min41seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado com a apresentação de dois tutorialistas que a partir da introdução da vinheta apresentam o seu canal, desenvolve-se com a produção de uma cobertura de bolo preparada por ambos com a ajuda de um adulto na cozinha e, encerra-se com uma trilha sonora repleta de legendas com solicitação de likes e inscrição no canal.

✓ Como criar um canal no YouTube¹⁸

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 15 de novembro de 2019; possui o número de 27 visualizações; 7 curtidas de “gostei” e 0 de “não gostei”; 6 inscritos e duração: 02min56seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: o vídeo inicia-se com a vinheta contendo a logomarca do canal e trilha sonora, desenvolve-se com a explicação de como se cria um canal no *YouTube*, desta vez o tutorialista não aparece fisicamente e altera sua voz original durante toda a apresentação com efeitos de edição e, encerra-se com despedida e solicitação de *likes* e inscrição no canal.

✓ Como fazer uma torta com a massa salgada e o recheio doce¹⁹

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 20 de novembro de 2019; possui o número de 52 visualizações; 13 curtidas de “gostei” e 1 de “não gostei”; 13 inscritos e duração: 03min01seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado com a apresentação de uma tutorialista que a partir da introdução da vinheta apresenta o seu canal, desenvolve-se com a produção de uma torta com recheio doce preparada pela própria apresentadora na cozinha e, encerra-se com a solicitação de likes e inscrição no canal.

¹⁷ Disponível em https://youtu.be/EY_2v55KaCk

¹⁸ Disponível em <https://youtu.be/IQyHuLM3VkJQ>

¹⁹ Disponível em <https://youtu.be/zWopMMh7IqC>

✓ Como fazer mouse²⁰

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 20 de novembro de 2019; possui o número de 47 visualizações; 11 curtidas de “*gostei*” e 0 de “*não gostei*”; 9 inscritos e duração: 02min45seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado com a apresentação de duas (2) tutorialistas que a partir da introdução da vinheta apresenta o seu canal, desenvolve-se com a produção de um mousse preparada pelas próprias apresentadoras na sala de aula da escola e, encerra-se com outra vinheta e nova trilha sonora com a solicitação de *likes* e inscrição no canal.

✓ Como fazer pão de forno²¹

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 21 de novembro de 2019; possui o número de 61 visualizações; 19 curtidas de “*gostei*” e 0 de “*não gostei*”; 19 inscritos e duração: 03min04seg (dados atualizados em 03 de março/20).

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado com a apresentação de três (3) tutorialistas que a após apresentação pessoal já desenvolve a produção de um pão de forma preparado pelas próprias apresentadoras na cozinha e, encerra-se com a solicitação de *likes* e inscrição no canal.

✓ Como fazer pudim de panela de pressão²²

Dados do vídeo fornecidos pela plataforma *YouTube*: publicado em 18 de novembro de 2019; possui o número de 356 visualizações; 123 curtidas de “*gostei*” e 1 de “*não gostei*”; 113 inscritos e duração: 03min16seg (dados atualizados em 03 de março/20)

Descrição do vídeo: este vídeo é iniciado com a apresentação de uma (1) tutorialista que a partir da introdução da vinheta apresenta o seu canal, desenvolve-se com a produção de um pudim preparado pela própria apresentadora na cozinha e, encerra-se com a solicitação de *likes* e inscrição no canal.

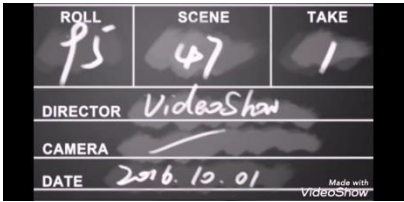

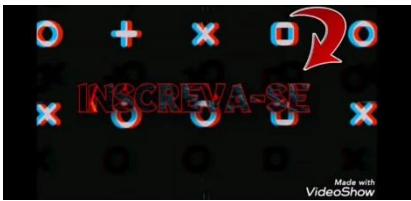

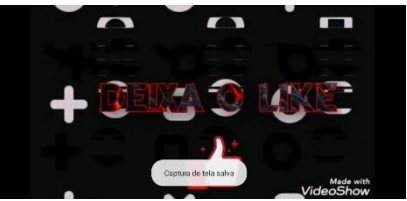
²⁰ Disponível em <https://youtu.be/XJ7qgAJSQXc>





²¹ Disponível em <https://youtu.be/CJX5QkUxsT0>



²² Disponível em <https://youtu.be/cDtkVGyFDwk>.



Didaticamente, elenquei somente este último tutorial em vídeo “Como fazer pudim de panela de pressão”, utilizando como critério a base de filtros presentes no próprio site como o número de visualizações, o número de aprovação e desaprovação dos vídeos e o número de inscritos, a fim de detalhá-lo considerando as semioses presentes nesse gênero multimodal, conforme sugere a **Tab. 10** a seguir:


Tabela 10 - Elementos Multimodais pelos alunos

IMAGÉTICA	ORAL	ESCRITA	SONORA	GESTUAL
	Ausente	- Vídeoshow	- Efeitos onomatopeicos de vinheta	- Ausente
	L2. meu nome é L2 e sejam bem-vindos ao meu canal...e como meu primeiro vídeo eu vou ensinar vocês a fazerem pudim de panela de pressão...então.. vamos lá	- Ausente	- Efeitos onomatopeicos de vinheta	- Movimentos com a cabeça e as mãos saudando o usuário durante a apresentação pessoal.
	- Ausente	- Inscreva-se	- Música instrumental de fundo	- Ausente
	- Ausente	- Mundo da cozinha	- Música instrumental de fundo	- Ausente
	- Ausente	- Deixa o like	- Música instrumental de fundo	- Ausente

 <p>INGREDIENTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2 Latas de leite condensado • 2 Caixas de leite líquido • 6 Ovos • Açúcar para caramelizar a forma 	<p>L2. então...pra fazer essa receita vamos precisar de... duas caixas de leite condensado... seis ovos... leite líquido... gente a medida de leite líquido é a mesma do leite condensado... tá ... e açúcar somente pra caramelizar a forma... então... mão na massa</p>	<p>- INGREDIENTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . 2 Latas de leite condensado . 2 Caixas de leite líquido . 6 ovos . Açúcar para caramelizar a forma 	<p>-Ausente</p>	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes para apresentação da receita.</p>
	<p>- L2. e para darmos continuidade a nossa receita... vamos adicionar os ovos... o leite condensado... e o leite líquido... tudo no liquidificador... e vamos bater por aproximadamente cinco minutos...então vamos lá</p>	<p>-Ausente</p>	<p>-Ausente</p>	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.</p>
	<p>L2. então... aqui já tem cinco minutos batendo... e vai ficar assim...oh... então agora vamos para a forma</p>	<p>-Ausente</p>	<p>-Ausente</p>	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.</p>
	<p>L2. vamos agora gente... caramelizar a nossa forma...né... como assim que eu tô fazendo...vão mexendo... até ela derreter todinha... e ficar uma pastinha... uma calda... a nossa forma caramelizada</p>	<p>-Ausente</p>	<p>-Ausente</p>	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.</p>

	tem que ficar assim... toda melada... e assim... ela tem que endurecer um pouquinho			
	L2. ah é o que... agora a gente vai jogar o que a gente bateu no liquidificador todo na forma... vai ficar assim... cheinho	Ausente	Ausente	Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.
	L2. depois de a gente ter pegado os ingredientes que a gente colocou no liquidificador... e colocar na forma caramelizada e colocar na panela de pressão ele vai ficar assim...oh... eu já botei dentro... é meio complicado... mas vocês deitam a panela de pressão e colocam ela... devagarzinho... com jeitinho... né... pra não derramar... aí depois de ter colocado... a gente vai forrar a parte de cima da forma com papel alumínio... e depois a gente vai pegar a água e colocar na panela de pressão... lembrando que é só até o meio	- Obs: A água tem que ser colocada até o meio da forma.	-Ausente	Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.

	<p>L2. então... gente... depois de vocês terem colocado... eh... os ingredientes dentro do liquidificador... dentro da forma... colocado o papel alumínio e água... vocês vão colocar na panela de pressão e vão deixar aqui no fogo... quando... eh... começar a pegar pressão... vocês vão deixar dez minutos CONTADOS no relógio... e depois disso... tá pronto nosso pudim... aí depois eu vou trazer aqui pra vocês verem</p>	Ausente	Ausente	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.</p>
	<p>L2. então gente... esse é o nosso pudim de panela de pressão de hoje... é assim que ele fica... maravilhoso... né... gente... quando vocês tiram... ele do fogo da panela de pressão... vocês colocam pra esfriar... aí quando ele esfria... vocês colocam na geladeira por aproximadamente duas horas de relógio... aí depois é só servir... o que... dá pra você fazer pra família... pra os amigos... pra quem você quiser né...</p>	-Ausente	-Ausente	<p>Movimentos das mãos manipulando os ingredientes durante a execução da receita.</p>

	<p>L2. então... o quê... esse foi o vídeo de hoje... espero que vocês tenham gostado... deixa o like... se inscrevam no canal... e... compartilhem com todo mundo... é isso... é nós</p>	<p>Ausente</p>	<p>Ausente</p>	<p>Movimentos das mãos saldando o usuário durante a despedida do vídeo.</p>
---	--	----------------	----------------	---

Comentários: há efeitos de edição entre as cenas, nos textos escritos e zoom em algumas cenas.

Quando finalmente postamos os trabalhos realizados supramencionados no *YouTube*, motivei os alunos a assistirem aos tutoriais em vídeos de seus colegas para que pudessem interagir e, até mesmo postar comentários acerca dos vídeos. Essa postura é importante para que os alunos entendam que na condição de agentes, conforme Silva; Tinoco (2019), devem assumir a responsabilidade pelos seus próprios enunciados e refletir acerca de suas ações, avaliando como elas podem impactar em determinados contextos.

Para assistir os vídeos, eu recebi os alunos na sala de multimeios da escola em que se encontra o aparelho multimídia em que assistimos todos os trabalhos realizados pela turma e fizemos comentários sobre cada vídeo apresentando as dificuldades encontradas em cada etapa de construção como também a identificação dos alunos com cada produção. Percebi que um vídeo foi mais criticado: no tutorial “Como fazer uma cobertura de bolos deliciosa” os alunos revelaram se incomodar com os registros mais recorrentes da variedade não padrão como a expressão “tá bem”, conforme apontou o próprio integrante V₁ e a frase “não vai ao fogo sem um acompanhante” que ficou dúbia segundo os alunos. Além disso comentaram acerca da música de fundo que estava muito alta e não permitiu a escuta do tutorialista durante a execução da atividade realizada no vídeo. Nas demais produções os alunos basicamente afirmaram ter gostado do resultado e fizeram pequenas ressalvas, como por exemplo, o fato de no tutorial “Como fazer uma torta com a massa salgada e o recheio doce”, a apresentadora não mostrar como faz a massa da torta. Ademais, os alunos demonstraram interesse em permanecer com seus canais no *YouTube* para postagem de novos vídeos posteriormente mesmo com o encerramento do projeto na unidade escolar. Isso revela que o ensino de Língua Portuguesa na escola estar muito além de meramente ensinar o aluno a ler e a escrever. Logo, a escola pode ser um espaço essencial para a formação cidadã do estudante, no caso específico dos meus alunos, esse projeto também suscitou uma reflexão para a inserção de uma carreira profissional muito recorrente na contemporaneidade a formação de

um (a) *Youtuber* com amplas possibilidades de atuação em rede. Oportuno para se pensar nas demandas profissionais requeridas na contemporaneidade, posto que a BNCC (2017) defende que

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer. (BNCC, 2017, p.69)

Isso posto, afirmo que a prática de multiletramentos realizada, a partir do trabalho com o gênero digital tutorial em vídeo, foi uma escolha pedagógica eficiente, dado que o uso de tecnologias digitais costuma despertar maior atenção dos estudantes, como comprovado durante a aplicação das atividades na intervenção didática, esta pensada e realizada na tentativa de explorar as TDICs de forma criativa e relativamente livre, aproveitando as aptidões dos meus alunos próprias dos nativos digitais, para que possam como afirmam Silva; Tinoco (2019, p.197) “criar condições para que os sujeitos se tornem suficientemente flexíveis para colaborar e negociar com outras pessoas, significados e ações a fim de alcançar objetivos comuns”.

8. CONSIDERAÇÃO FINAL

Posso considerar, em síntese, que houve erros e acertos durante toda a pesquisa, sobretudo durante a aplicação da intervenção didática, realizada a partir do trabalho com gênero tutorial em vídeo posta em ação na turma do 8º A. Isso, porque tive como propósito dinamizar as aulas de português e, mais que isso, de desenvolver um trabalho com a LP que não estivesse centrado em um aspecto meramente teórico, mais sim levar os alunos a perceberem de forma crítica e atuante a leitura e a escrita em suas práticas sociais, tal como proposto por Magda Soares (1998, p. 39-40) ao afirmar que “o estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita”. Trazendo essa perspectiva para o contexto mais atual, tendo em vista, a leitura e a escrita em uma circunstância multimidiática a que me proponho, pude ensiná-los como também aprender que para a produção de um gênero digital é, como afirma Andrade (2017, p.109), “necessário tanto a competência para o uso da escrita, quanto a competência para o uso das tecnologias de produção.”

Diante disso, defendi em minha pesquisa a abordagem da pedagogia dos multiletramentos, desenvolvendo também os letramentos digitais a fim de educar meus alunos de acordo com as demandas da contemporaneidade para que tivessem a criticidade necessária frente às suas atuações sociais sobretudo em rede. Desse modo, os alunos puderam perceber nas aulas a necessidade de se trabalhar textos multissemióticos durante a produção do tutorial em vídeo, bem como o modo de manejar as tecnologias digitais e seus fins.

Destarte, o trabalho com os tutoriais em vídeo desenvolvido com meus alunos agregou muito não apenas ao conhecimento acadêmico/ profissional, mas sobretudo sua vida pessoal. Estes ampliaram seus conhecimentos sobre o uso das redes sociais, deixando de vê-las apenas como um modo de entretenimento, para perceber esse espaço também como meio de produção de conteúdo, a partir desse processo os alunos tornaram-se protagonistas de sua própria história passando a enxergar o espaço escolar como seu lugar de empoderamento, tornando-se, assim, protagonista e tomando a escola para si, a partir da tomada de consciência de sua própria existência enquanto sujeito autor.

Logo, as práticas multiletradas, desenvolvidas na construção dos tutoriais em vídeo, oportunizou os alunos a superação de suas dificuldades educacionais e conduzi-os a enxergarem a sua cultura de outra forma ao mesmo tempo em que a transformavam. Assim, trabalhar as práticas multiletradas, conforme Rojo; Moura (2012) para superar a exclusão

social e o insucesso escolar por meio de práticas que considerem a integração entre a cultura erudita, periférica e local e global dos alunos, como geradores de sentido e de aprendizagens.

Para além dessas questões, percebi que o trabalho com atividades que contemplam as multissemióticas, presentes em nosso cotidiano, em sala de aula, permitiu que meus alunos refletissem acerca da diversidade de informações dispostas na internet e as possibilidades de contribuição nesse ambiente ampliando-o ainda mais. Isso fez com que eles se tornassem sujeitos mais críticos e mais atuantes e, senti também, durante o processo, que os alunos mudaram o comportamento na sala de aula, adotando uma postura mais madura diante da professora, bem como entre eles mesmos, de modo, a dar importância ao que estava sendo estudado.

Por conseguinte, os alunos aprenderam a ter ética em rede, isso fez com que eles desenvolvessem sua responsabilidade social no uso das redes sociais, uma vez que passaram a refletir antes de postar algo, bem como, a avaliar eticamente o que se é postado em rede. E, além dessa responsabilidade social, eles também puderam desenvolver as habilidades de gravar, editar, postar e comentar, bem como o processo de aprendizagem durante o estudo e a produção dos tutoriais em vídeo os ensinaram a planejar e se organizarem para a realização de um trabalho em equipe e nesse processo aprenderam a se respeitarem mutuamente, visto que antes desse projeto de intervenção, as relações entre eles era de desentendimentos tanto fisicamente quanto em rede.

Outro fato de fundamental importância tem a ver com as práticas de pesquisa e as tarefas realizadas antes da intervenção e pós intervenção. Após o projeto de intervenção, os alunos passaram a realizar as tarefas de casa solicitadas pela professora, bem como, a realizar as pesquisas, além disso, deixaram de ser meros copistas, isto é, antes do projeto de intervenção os alunos quando realizavam as pesquisas, apenas copiavam, mas não se preocupavam a ler tampouco entender o que estavam escrevendo, esse fato mostra o quanto os alunos eram passivos em seu processo de aprendizagem. Assim como, o estudo das categorias textuais bakhtinianas a partir da análise realizada dos tutoriais em vídeo ajudaram tanto a reconhecer os gêneros, como também a perceberem que os gêneros surgem a partir de uma necessidade comunicativa, bem como, atentos as ideias do discurso buscando pensar no interlocutor para atingir com eficiência sua intencionalidade comunicativa, tornando-se, assim, um leitor / produtor de texto mais crítico e engajado. As atividades também ajudaram os alunos a ver a internet como um lugar de muitas informações e que, portanto, devem ser filtradas, visto que, nem todas as informações são éticas e/ou verdadeiras. Eles próprios

perceberam as mudanças em suas práticas como escrever melhor e consideraram as atividades mais dinâmicas e interessantes.

Ao final da intervenção, durante as aulas realizadas em roda de conversa, percebi uma mudança significativa na fala dos alunos. Antes eles não traziam para discussão assuntos relacionados a vida deles, pois a consideravam pouco interessante, após o projeto de intervenção, os alunos passaram a trazer suas vivências para a roda de conversa e passaram a valorizar suas experiências e seus conhecimentos de mundo tornando-se agentes mais confiantes para interferir em seu entorno, uma vez que o trabalho com multiletramentos segundo Rojo; Moura (2012) caracteriza-se justamente por partir das culturas de referência do alunado para que se ampliem o repertório cultural.

Enquanto professora regente da turma do 8º ano A, por muitas vezes me vi no lugar de aluna dado o fato de também aprender novas habilidades, me inserindo, desta forma, em novos contextos de letramento, os quais eles já tinham certo domínio. Desse modo, em uma perspectiva freiriana de que os homens se educam em comunhão, os alunos atuaram como “professores” muitas vezes, pois me ensinaram a mexer em certos aplicativos, por exemplo.

Ademais, foi muito gratificante e construtivo desenvolver este projeto de intervenção com a turma do 8º ano A. Conseguir obter resultados positivos que mudou o modo dos alunos encarar o seu cotidiano e as suas produções textuais, bem como, mudei a mim mesma como pessoa e sobretudo como profissional. Evidencio que a apresentação dos meus letramentos nesse memorial contribuiu muito para a minha atuação como agente de letramentos no universo educacional em que atuo, uma vez que me fez refletir sobre minha práxis pedagógica atual.

Assim, minha intenção foi tornar as aulas de Língua Portuguesa em um espaço que fosse possível refletir acerca dos problemas sociais por meio do ensino de leitura, escrita e oralidade a partir das tecnologias digitais nas práticas de multiletramentos, com a finalidade de formar leitores e produtores de texto mais críticos que contribuem na medida em atuam na sociedade com implicações reais, oportunizando, pois, à comunidade escolar uma relação de troca e de construção de saberes.

Por fim, espero com esse trabalho de pesquisa contribuir com os estudos acerca dos usos dos novos gêneros discursivos no contexto escolar, evidenciando a importância de se trabalhar com gêneros digitais que requerem as práticas de multiletramentos tão recorrentes na contemporaneidade, como apresentado nessa pesquisa com a proposta de se trabalhar o gênero multimodal tutorial em vídeo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2010.

ANDRADE, A. Leal. **Entre o Impresso e o Digital**: as experiências de escrita dos jovens do grupo SARAU DA ONÇA. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Salvador, 2017.

ANDRÉ, M.E.D.E. **Etnografia da prática escolar**. Papirus: São Paulo, 1995.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Editora Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

_____, Marcos. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.5, n.1. São Paulo, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2ª edição. Martins Fontes: São Paulo, 1997.

BAZERAMAN, Charles. (Org) DIONÍSIO, Angela. HOFFNAGEL, Chambliss. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ed. Cortez: São Paulo, 2006.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96** de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF: Brasília, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental; temas transversais. Brasília, 1998.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer 11/2000. Brasília, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, 2017. Gavin

COPE, B. KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: New Literacies, New Learning. In: Framing Languages and Literacies: Socially Situated Views and Perspectives. Edited by M. R. Hawkins. New York: Routledge, 2013, p. 105-135.

DUDENEY, Gavin. HOCKLY, Nicky. PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. Editora Parábola: São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução J. Batista. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Mercado das Letras: Campinas, 1995.

KRESS, G. VAN, LeeuWen. **The Grammar of Visual Design**. London; New York: Routledge, (1996, 2006).

LEMKE, Jay L. **Letramento Metamidiático: transformando significados e mídias**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 2010.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**. Edições Loyola: São Paulo, 1998.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **“Gêneros textuais: definição e funcionalidade”** In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____, Luiz Antônio. DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Autêntica: Belo Horizonte, 2007.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A nova regulação de forças no interior da escola: carreira, formação e avaliação docente**. In: RBPAE, vol.27. Porto Alegre, 2011.

PALFREY, John. URS GASSER. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Tradução de Magda França Lopes. Ed. Grupo A: Porto Alegre, 2011.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. Série Projetos Paralelos NURC/SP. V. 1. São Paulo: Humanitas, 1993.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. Parábola Editorial: São Paulo, 2009.

_____, Roxane. MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. Parábola: São mPaulo, 2012.

_____, Roxane. **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. Parábola: São Paulo, 2013.

_____, Roxane. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. Parábola: São Paulo, 2015.

SANTIAGO, Márcio Sales. KRIEGER, Maria da Graça. ARAÚJO, Júlio. **O gênero tutorial e a terminologia das redes sociais**. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 16, n. 2, p. 381-402, jul./dez. 2014.

SANTOS, Zaira Bomfante. PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. **Semiótica Social à Multimodalidade: a orquestração de significados**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.12, n.2, 2014, p. 295-324 | 295.

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. E colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Mercado das Letras: Campinas, SP, 2004.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período** / Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão. LLV/CCE/UFSC. Florianópolis, 2011.

SILVA, Francisco Geoci da. TINOCO, Glícia Azevedo. **Multiletramentos em tempos de crise**. In AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de. COSTA, Renata Ferreira. (Org.). Multimodalidade e práticas de multiletramentos no ensino de línguas. Blucher: São Paulo, 2019

SOARES, Magda. **Letramentos: um tema em três gêneros**. Autêntica: Belo Horizonte, 1998

_____, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital. Educação e Sociedade**. Campinas, v.23. n.81. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. Parábola: São Paulo, 2011.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. Parábola: São Paulo, 2014.

SUMIYA, Aline Hitomi. **O gênero multimodal tutorial em vídeo e suas contribuições no ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira por adolescentes**. Tese de mestrado da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **A Caracterização de Categorias de Texto: tipo, gêneros e espécies**. Alfa: SÃO PAULO, 2007.

TFOUNI, Leda V. **Letramento e alfabetização. 9. Ed. Cortez: São Paulo, 2010.**

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução José Cipolla Neto. 7ª.ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

TECMUNDO. Disponível em: <http://tecmundo.com.br/amp/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acesso em: 30 de janeiro de 2019.

TUTORIAL: Como fazer um TUTORIAL/ Vídeo-aula. Disponível em: <https://youtu.be/5Br5TbIIFOI>. Acessado em 18 de agosto de 2019.

Como fazer brigadeiro com uva com a Gabriella Saraivah. Mundo da Menina. Disponível em: <https://youtu.be/Hw9tnsOzp8c>. Acessado em 18 de agosto de 2019.

PARA QUÊ SERVE O PARACETAMOL? BULA SIMPLIFICADAPOR DR LUCAS FUSTINONI. Disponível em: <https://youtu.be/DuOjfme2s5E>. Acessado em 18 de agosto de 2019.

Como fazer slime com cola branca! Disponível em: <https://youtu.be/7iq9REmmgbY>. Acessado em 18 de agosto de 2019.

Como fazer trabalhos escolares pelo celular. Disponível em: <https://youtube/EktCnAU9e-Q>. Acessado em 12 de agosto de 2019.

Como usar word no celular. Disponível em: <https://youtube.be/rkp0-TbSXBg>. Acessado em 12 de agosto de 2019.

Aula Inicial Microsoft word 2007. Disponível em: <https://youtube.be/2ozmse2JOCY>. Acessado em 12 de agosto de 2019.

Curso Word Completo Iniciante ao Avançado Aula 1 2019. Disponível em: <https://youtube.be/88MRrNIO> 4. Acessado em 12 de agosto de 2019.

Como Fazer Bolo No Pote/ Simples e Facil. Disponível em <https://youtu.be/Ctgei9AfsM>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer uma cobertura de bolos deliciosa. Disponível em https://youtu.be/EY_2v55aCk. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer Slime com, cola branca, Tinta guache e Água boricada. Disponível em <https://youtu.be/ieRzIONA9R4>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como criar um canal no YouTube. Disponível em <https://youtu.be/IQyHuLM3VkQ>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como mexer nó seu HUD PERSONALIZADO. Disponível em <https://youtu.be/jhNFZ7R3v8Y>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer pudim de panela de pressão. Disponível em <https://youtu.be/cDtkVGyFDwk>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer uma torta com a massa salgada e o recheio doce. Disponível em <https://youtu.be/zWopMMh7Iqc>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como Fazer Lasanha De Macarrão Ninho? Disponível em <https://youtu.be/7E6TSKQq5-4>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer mouse. Disponível em <https://youtu.be/XJ7qgAJSQXc>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

Como fazer pão de forno. Disponível em <https://youtu.be/CJX5QkUxsT0>. Acessado em 23 de janeiro de 2020.

APÊNDICE A – Questionário

COLÉGIO MUNICIPAL LAURA FOLLY

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROF. ^a: PATRÍCIA MORGADO

ANO LETIVO: 2019 ANO/SÉRIE: 8ºA

ENSINO FUNDAMENTAL II

QUESTIONÁRIO**OBJETIVOS:**

Conhecer mais você e usar essas informações como objeto de pesquisa (na qual está garantido o sigilo das respostas fornecidas) e também para a elaboração de um planejamento adequado às suas necessidades de aprendizagem.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões com tranquilidade e tente ser o mais sincero (a) possível;
- Saiba que este questionário não tem valor para nota de unidade didática;
- Para responder utilize caneta esferográfica azul ou preta.

PARTE 1 - Informações pessoais

Nome: _____ Idade: _____

PARTE 2 - Informações sobre o perfil de letramento dos sujeitos da pesquisa e de seus pais/responsáveis

1. Além dos livros escolares, o que você costuma ler?

2. Além das atividades escolares, o que você costuma escrever?

3. Em qual local você tem mais contato com a leitura?

- () Na escola () Na *lan house* () Em casa () Na igreja () Na casa de alguém
() Outros. Qual? _____

4. Na sua família, o que as pessoas costumam ler?

PARTE 3 - Informações sobre o perfil de letramento digital dos sujeitos da pesquisa e de seus pais/responsáveis

1. Na internet qual/quais a(s) rede(s) social/socialis que você conhece?

- () Facebook () Instagram () whatsapp () Orkut () Youtube
() Outros. Quais? _____

2. Que (quais) assunto(s) mais chama/chamam a sua atenção na internet?

3. Como você costuma usar a internet?

4. Em qual lugar você tem mais contato com a internet?

- () Na escola () Em casa () Na *lan house*
() Outros. Quais? _____

5. Como você imagina as aulas de português com o uso da internet e de equipamentos eletrônicos como o celular, computador e/ou outros do tipo para a realização de atividades de leitura e escrita?

6. O que a sua família tem acessado na internet?

PARTE 4 - Informações sobre o objeto da pesquisa e da intervenção: gênero tutorial em vídeo

1. Como você define um “tutorial em vídeo”?

2. Você já fez algum tutorial em vídeo? (**Marque apenas uma alternativa**)

Sim Não

2.1 Em caso de resposta afirmativa, informe qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você fez.

3. Você já assistiu a algum tutorial em vídeo? (**Marque apenas uma alternativa**)

Sim Não

3.1 Em caso de resposta afirmativa, informe qual o assunto tratado nesse tutorial em vídeo que você assistiu.

4. Você já editou algum vídeo? (**Marque apenas uma alternativa**)

Sim Não

4.1 Em caso de resposta afirmativa, informe qual/quais programa (s) de edição você usou.

5. Você já criou algum canal no *Youtube*? (**Marque apenas uma alternativa**)

Sim Não

5.1 Em caso de resposta afirmativa, informe como você fez para criar o canal.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Seu(Sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa **Gênero multimodal tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano** que será desenvolvida por meio das aulas de Língua Portuguesa, por mim, professora **Patrícia Morgado Milton Paulino**, como um projeto do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Essa pesquisa tem, como objeto de estudo, a produção do gênero tutorial em vídeo como elemento da cultura digital no espaço escolar, no município de Dias d'Ávila-BA. Em vista disso, prevê atividades realizadas com os(as) alunos(as), mediante o registro audiovisual de tutoriais em vídeo produzidos pelos alunos, desenvolvendo, assim, um trabalho de autoria dos alunos. Como produto final, pretende-se organizar uma coletânea dos tutoriais em vídeo a serem postados em ambiente virtual.

Todas as atividades desenvolvidas por meio do projeto de pesquisa visam à manutenção da integridade física, psíquica e moral dos(as) participantes. Nesse sentido, não serão veiculadas quaisquer informações ou imagens pessoais que possam ferir o que consta das Leis que resguardam os seus direitos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990. Assim sendo, os(as) alunos(as) terão o esclarecimento sobre o estudo em todo e qualquer aspecto que desejarem, sendo facultada a sua participação, ou seja, estarão livres para participar ou se recusar.

Vale ressaltar que a contribuição de seu(sua) filho(a) proporcionará a produção de conhecimento e os resultados da pesquisa serão divulgados no trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFBA, bem como em eventos acadêmicos, livros e revistas científicas. Contudo, para que seu(sua) filho(a) participe desse estudo, o(a) Senhor(a) não terá custo nem receberá qualquer benefício financeiro.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais. Após a sua assinatura, uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra lhe será entregue. Os pesquisadores tratarão a sua identidade e a de seu(sua) filho(a), com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira — Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde —, utilizando os dados somente para os fins acadêmicos e científicos.

O(A) Senhor(a) poderá solicitar outros esclarecimentos à pesquisadora responsável, Profa. Patrícia Morgado Milton Paulino, através do telefone (71) 99387-2790, do e-mail pattymorgado2012@hotmail.com, e na Escola Municipal Laura Folly, localizada na Avenida Raul Seixas, s/n, Entrocamento, Dias d'Ávila-Ba. Poderá, ainda, solicitá-los ao professor orientador da pesquisa, Prof. Dr. Júlio Neves Pereira, lotado no Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, através do telefone (71) 3283-6207, do e-mail: julio.pereira@ufba.br, e no endereço Rua Barão de Jeremoabo, nº 147, *Campus* Universitário, Ondina, Salvador-BA.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____, responsável pelo(a) menor _____, fui informado(a) dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa **Gênero multimodal tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano** de maneira clara e detalhada, tendo sido explicada as condições de participação dos alunos. Declaro que concordo com a participação do(a) menor sob a minha responsabilidade, sabendo que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão. Autorizo, igualmente, o uso da imagem em fotografia e registro áudio e/ou audiovisual, assim como a utilização de suas produções textuais como objeto de estudo, sendo respeitada a integridade do(a) menor, sem qualquer custo e/ou recompensa financeira. Recebi e li uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo esclarecidas as minhas dúvidas.

Dias d' Ávila, _____ de _____ de _____

Responsável Legal pelo(a) Participante da Pesquisa

Pesquisadora

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Gênero multimodal tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano**, a ser desenvolvida pela professora **Patrícia Morgado Milton Paulino**, com autorização dos seus pais e/ou responsáveis. Essa pesquisa tem como objeto de estudo a produção do gênero tutorial em vídeo como elemento da cultura digital no espaço escolar no bairro do Entrocamento, Dias d'Ávila-BA. São previstas atividades realizadas com você e seus colegas, por meio do registro em audiovisual de tutoriais produzidos por vocês mesmos. Assim, você participará de um trabalho de autoria.

Haverá diversas atividades, como a pesquisa sobre a temática a ser desenvolvida, a elaboração dos roteiros, a produção e exibição do registro audiovisual, a postagem no ambiente virtual e a divulgação do material produzido no entorno escolar. Como produto final, organizaremos uma coletânea dos tutoriais em vídeo a serem divulgados em rede para acesso on line e até mesmo off line.

Você, assim como todos os participantes, terá a sua integridade física, psíquica e moral garantida. Não serão veiculadas informações ou imagens pessoais que possam ferir os seus direitos de acordo com as Leis, a exemplo, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990. Também terá o esclarecimento sobre todos os aspectos dos estudos e atividades que faremos, sendo que a sua participação na pesquisa é facultativa, por isso é um direito seu dela participar ou não, podendo interromper a sua participação em qualquer etapa.

Mas com a sua participação nesse processo colaborativo de pesquisa-aprendizagem, você poderá contribuir para a produção de conhecimento sobre a nossa comunidade, em que a Escola Municipal Laura Folly está localizada (Entrocamento, Dias d'Ávila-Ba). Os resultados da pesquisa serão divulgados, pela sua professora, no seu trabalho de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, assim como em eventos acadêmicos, a exemplo de congressos, seminários etc., e em livros e revistas científicos, não havendo custo nem recebimento de qualquer benefício financeiro pelos participantes.

Por isso, estimo que o nosso processo de ensino-aprendizagem ganhe novos sentidos, com o compromisso de evidenciar a importância e a contribuição de cada participante —

você, sua família e a comunidade —, assim como reconhecer a riqueza sociocultural, em especial, da recente cultura digital.

Em caso de dúvida ou na ocorrência de qualquer fato não previsto, você e/ou os seus responsáveis poderão entrar em contato comigo, professora Patrícia Morgado Milton Paulino, pessoalmente na escola ou pelo telefone (71) 99387-2790.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa **Gênero multimodal tutorial em vídeo: uma proposta de multiletramentos para o 8º ano**. Entendi como será desenvolvida a pesquisa e da sua importância para a nossa comunidade escolar. Compreendi como posso participar e que a minha participação é facultativa, por isso tenho o direito de optar por participar ou não de qualquer etapa da pesquisa. A pesquisadora **Patrícia Morgado Milton Paulino** esclareceu as minhas dúvidas e já recebeu a autorização dos meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Dias d'Ávila, _____ de _____ de _____

Participante da Pesquisa

Pesquisadora

ANEXO A**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: GÊNERO MULTIMODAL TUTORIAL EM VÍDEO: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS PARA O 8º ANO.

Pesquisador: PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 06199118.6.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DO PARECER

Número do Parecer: 3.168.231

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho baseia-se no fato de que a língua portuguesa no ambiente pedagógico deve proporcionar ao estudante uma inserção com autonomia em um universo de textos que circulam socialmente, sobretudo, na contemporaneidade. Considerando que atualmente estamos lidando com jovens que fazem parte da chamada geração Z, ou geração do milênio ou ainda denominada geração da internet, o Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS toma o gênero tutorial em vídeo dentro de um projeto de multiletramentos oportuno para formar leitores e produtores de textos críticos por meio de práticas multiletradas a partir do trabalho com gêneros multimidiáticos, buscando promover o multiletramento digital, em sala de aula. É preciso salientar que os estudos realizados permeiam a perspectiva Bakhtiniana de linguagem bem como nos pressupostos teóricos dos novos letramentos digitais, conforme Rojo (2013) se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem o texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hipermídia. Assim, a pesquisa pretende analisar como o gênero multimodal tutorial em vídeo pode adentrar o universo escolar e possibilitar os multiletramentos. Nesse sentido, o processo de investigação ancora-se nas premissas da metodologia qualitativa articulada com as orientações de caráter etnográfico e de pesquisa-ação. Ademais, ao ser aplicado

em uma sala de aula com alunos do 8º ano, o projeto de intervenção em voga visa que o educando sinta-se inserido em situações de comunicações reais de uso com o intuito de compreender a função discursiva da linguagem.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Formar leitores e produtores de textos críticos por meio de práticas multiletradas a partir do trabalho com gêneros multimidiáticos, especificamente, com tutorial em vídeo, buscando promover o multiletramento digital, em sala de aula.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos, pois a pesquisa é voltada para o tratamento da leitura e da produção de textos, de modo que respeita a integridade física e psicológica dos participantes envolvidos. De qualquer forma, caso o sujeito colaborador da pesquisa sinta algum desconforto no decorrer do processo, ele poderá, a qualquer momento, desvincular-se da participação do projeto.

Benefícios:

Desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de escrita.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de cunho etnográfico, adaptado à educação, de modo que a autora explica que esse tipo de pesquisa é benéfica por justamente se caracterizar fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, o que permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária, tendo como ponto de partida um levantamento de dados. Sobre isso BRITTO JÚNIOR e FERES JÚNIOR (2011) vão dizer que para esse levantamento é necessário, num primeiro momento, que se faça uma pesquisa bibliográfica, ao que se tem feito desde o início da pesquisa. No segundo momento, a observação dos fatos para que se obtenha maiores informações e, em um terceiro momento da pesquisa, o objetivo é conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica e da observação. Neste contexto, escolher-se-á o uso de alguns instrumentos de pesquisa (o questionário e a roda de conversa), como recursos viáveis para contribuir de maneira significativa nessa pesquisa. A estudiosa ANDRÉ, M.E.D.A (2005) valida que, por meio de técnicas etnográficas de observação participante, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, o que torna mais fácil a descrição das ações e representações dos seus atores sociais, para reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos foram apresentados.

Recomendações:

Elaborar Relatórios e promover a devolutiva dos Resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendidos os princípios éticos e bioéticos, opino pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1250424.pdf	23/01/2019 14:15:53		Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	23/01/2019 14:14:20	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	21/01/2019 15:22:16	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	21/01/2019 15:21:20	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/01/2019 15:08:00	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_2019.pdf	21/01/2019 15:07:35	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Outros	MODELO_DOS_TERMOS_COMUNS_A_TODOS_OS_PROJETOS.pdf	18/01/2019 14:15:24	Patrícia Santiago Viana deSouza Teixeira	Aceito
Outros	Checklist.pdf	18/01/2019 14:15:04	Patrícia Santiago Viana deSouza Teixeira	Aceito
Outros	anuencia_de_campo.pdf	07/01/2019 17:10:16	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito

Página 03 de

Outros	anuencia_de_campo.pdf	07/01/2019 17:10:16	PAULINO	Aceito
Outros	solicitacao_de_campo.PDF	07/01/2019 17:09:00	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito

Outros	termo_compromisso_do_pesquisador.pdf	12/11/2018 21:42:32	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Outros	declaracao_de_concordancia.pdf	12/11/2018 21:36:59	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Estudantil.doc	12/11/2018 21:23:31	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Declaração do Patrocinador	termo_de_autorizacao_ufba.pdf	12/11/2018 21:20:38	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_Pesquisador.pdf	12/11/2018 21:19:43	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_autorizacao_insitucional_da_escola.pdf	12/11/2018 21:01:42	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.PDF	12/11/2018 20:24:22	PATRICIA MORGADO MILTON PAULINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 25 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Daniela Gomes dos Santos Biscarde
(Coordenador(a))